UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Dissertação

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Monique Prestes

Pelotas, 2014

MONIQUE PRESTES

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:

percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, nível Mestrado. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa: Epidemiologia, práticas e cuidado na saúde e Enfermagem, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profª. Enfª. Drª. Sonia Maria Könzgen Meincke

Pelotas, 2014

Folha de Aprovação

Autora: Monique Prestes

Título: ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do titulo de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Epidemiologia, práticas e cuidado na saúde e enfermagem.

Aprovada em: _____/_____/_____

Banca examinadora:

_____
Profª. Drª. Sonia Maria Könzgen Meincke
Presidente
Universidade Federal de Pelotas

_____
Profª. Drª. Darielli Resta
Titular
Universidade Federal de Santa Maria

_____
Profª. Drª. Marilu Correa Soares
Titular
Universidade Federal de Pelotas

_____
Profª. Drª. Rosani Manfrin
Titular
Universidade Federal de Pelotas

_____
Profª. Drª. Eda Schwartz
Suplente
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

PRESTES, Monique. **ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica.** 2014. 130f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano marcada por mudanças significativas, sejam elas de ordem física, emocional e social, sendo momento de transformações e formação da personalidade. O acolhimento institucional é a realidade de muitos adolescentes, os quais vivenciam o adolescer em um novo contexto, no entanto, investigar ecologicamente crianças e adolescentes institucionalizados significa compreendê-los como pessoas em desenvolvimento e considerá-las no contexto onde estão inseridas. A perspectiva ecológica permite pensar que, embora a família seja um contexto fundamental, se não ideal, para o desenvolvimento da pessoa (adolescentes) e sua subjetividade, é possível identificar-se outros cuja organização lhe confere um lugar privilegiado na vida. A presente pesquisa teve por objetivo conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem ecológica**.** Para a efetivação da mesma foi utilizado como referencial teórico a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner e como referencial metodológico o Método Criativo Sensível de Ivone Cabral, a partir das Dinâmicas de criatividade e sensibilidade. As dinâmicas foram desenvolvidas por meio de técnicas grupais, escolhidas a partir do interesse da pesquisa, o que permitiu aprofundar os conhecimentos no contexto dos adolescentes, permitindo maior aproximação da pesquisadora com o adolescente, favorecendo, assim, o diálogo e a troca de experiências. Compreender o fenômeno da institucionalização na fase da adolescência é imprescindível para que se possa alcançar os preceitos de acolhimento contidos nas linhas de cuidado ao adolescente. O (a) adolescente em lar de acolhimento apresenta desenvolvimento psicológico, físico, e social durante a adolescência; o lar constitui o contexto, o qual o (a) adolescente mais interage com outras pessoas, objetos e símbolos; além de apresentar convívio escolar e comunitário.

Palavras chaves: Adolescente; Desenvolvimento do Adolescente; Institucionalização.

ABSTRACT

PRESTES, Monique. **TEENAGERS IN CONTEXT OF INSTITUTIONAL CARE: Perception of adolescence in Bio-ecological approach** In 2014. 130f. Thesis (Master) - Graduate Program in Nursing. Federal University of Pelotas, Pelotas.

Adolescence is a development phase for the human being marked by significant changes, like physical, emotional and social, being a moment of transformations and personality development. The residential care is a reality of many adolescents, which experience the process of adolescent in a new context, however, to investigate ecologically, institutionalized children and teenagers, means to understand them like people in development e consider them in the context where they are inserted. The ecological perspective allows thinking that, although the family is a fundamental context, if it is not ideal, to a person development (teenagers) and it is subjective, it is possible to identify others that organization gives them a nice place in life. This research aimed to know the adolescent's perception about the adolescence living in the context of residential care on the ecological approach. To carry this research it was used as a theoretical framework the Bio-ecological Theory of the Human Development by Bronfenbrenner and as a methodological framework the Creative Sensitive Method by Ivone Cabral, from the Dynamics of creativity and sensitivity. The dynamics were developed through group techniques, chosen by the interest of the research, which allowed to deepen the knowledge in the context of the teenagers, allowing a closer approach from the research with the teenager, favoring the dialog and experience exchange. To understand the phenomenon of institutionalization on adolescence is indispensable to achieve the precepts contained in the host adolescent care lines. The adolescent in foster home has psychological, physical, and social development during adolescence; the home is the context, which the teenager most Interact with other people, objects and symbols, besides to present school and community living.

Key words: Teenager, Adolescence Development; Institutionalization.

Lista de figuras

Figura 1 - Crachás dos participantes 79
Figura 2 – Desenho de Maria Vitória – Percebendo a fase da adolescência 80
Figura 3 – Desenho de Ana Júlia – Percebendo a fase da adolescência..... 80
Figura 4 – Desenho de Ashilyn – Percebendo a fase da adolescência..... 81
Figura 5 – Desenho de Laisa Manoela – Percebendo a fase da adolescência 81
Figura 6 – Desenho de Eduardo - Percebendo a fase da adolescência..... 82
Figura 7 – Desenho de Mestre Chico – Percebendo a fase da adolescência 82
Figura 8 – Desenho de Diego – Percebendo a fase da adolescência..... 83
Figura 9 – Desenho de Leonardo – Percebendo a fase da adolescência 83
Figura 10 – Cartaz de Maria Luiza e Diego – Adolescência é..... 84
Figura 11 – Cartaz de Maria Vitória, Ashilyn, Laisa Manoela e Ana Júlia – Adolescência é... 85
Figura 12 – Frase de Ashilyn, Eduardo, Leonardo, Diego e Maria Luiza – Adolescer no lar é... 87
Figura 13 – Desenho Ashilyn – Vivência da Adolescência no lar..... 88
Figura 14 – Cartaz de Laisa Manoela, Mestre Chico, Maria Vitória, Ana Júlia - Adolescer no lar é... 88

Lista de abreviaturas

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

DCS - Dinâmica de Criatividade e Sensibilidade

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

FEN - Faculdade de Enfermagem

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MCS - Método Criativo Sensível

MMR - Mapa Mínimo de Relações

PPGENF - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

PUBMED - Literatura Internacional em Ciências da Saúde

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Apresentação 8
I Projeto de Pesquisa 9
II Relatório do Trabalho de Campo 69
III Apresentação dos Resultados da Pesquisa: Produção Científica 102
ANEXOS 117

Apresentação

A presente dissertação foi elaborada como requisito parcial do Programa de Pós- Graduação em Enfermagem (PPGEnf), da Faculdade de Enfermagem (FEn), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), para obtenção do título de Mestre em Ciências. O estudo se desenvolveu na área de concentração Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde, na linha de pesquisa: Epidemiologia, práticas e cuidado na saúde e Enfermagem. O mestrado foi realizado na cidade de Pelotas/Rio Grande do Sul, Brasil, iniciando em março de 2013 e concluído em dezembro de 2014. Conforme o Regimento do Programa, esta dissertação de mestrado é composta das seguintes partes:

I Projeto de pesquisa: qualificado em 13 de junho de 2014. Esta versão incorpora as modificações sugeridas pela banca examinadora na qualificação.

II Relatório do trabalho de campo: descreve a trajetória percorrida pela mestranda, para obtenção dos resultados da pesquisa por meio da caracterização do processo metodológico.

III Apresentação dos resultados da pesquisa: apresenta os resultados da pesquisa pela **produção científica:**

Artigo: "VIVÊNCIA DA ADOLÊNSCENCIA EM LAR DE ACOLHIMENTO: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES". Artigo apresentado para a defesa da dissertação que será submetido à publicação de acordo com as normas da Revista *Texto & Contexto Enfermagem* (ANEXO A), após aprovação e incorporação das sugestões indicadas pelos membros da banca examinadora.

I Projeto de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Projeto de Dissertação

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Monique Prestes

Pelotas, 2014

MONIQUE PRESTES

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:
percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, nível Mestrado. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa: Epidemiologia, práticas e cuidado na saúde e Enfermagem, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profª. Enfª. Drª. Sonia Maria Könzgen Meincke

Pelotas, 2014

Lista de Quadros

Quadro 1	Recursos materiais de desenvolvimento do projeto no período de 2013 a 2014	40
Quadro 2	Cronograma de desenvolvimento do projeto no período de 2013 a 2014	41

Lista de abreviaturas e siglas

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

DCS - Dinâmica de Criatividade e Sensibilidade

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

FEN - Faculdade de Enfermagem

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MCS - Método Criativo Sensível

MMR - Mapa Mínimo de Relações

PPGENF - Programa de Pós Graduação em Enfermagem

PUBMED - Literatura Internacional em Ciências da Saúde

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1 Introdução 15
1.1 Pressupostos 20
2 Objetivos 21
2.1 Objetivo geral 21
2.2 Objetivos específicos 21
3 Revisão de literatura 22
4 Referencial Teórico 29
5 Metodologia 32
5.1 Caracterização do estudo 32
5.2 Local do estudo 32
5.3 Participantes da pesquisa 33
5.4 Critérios para a seleção 33
5.5 Princípios éticos 33
5.6 Procedimentos para a coleta de dados 35
5.7 Análise dos dados 37
5.8 Divulgação dos resultados 38
6 Recursos do projeto de pesquisa 40
7 Cronograma das atividades 40
Referências 41
APÊNDICES 47
ANEXO 67

1 Introdução

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que envolve aspectos de ordem física, emocional e social, sendo momento de transformações e formação da personalidade (ALMEIDA; RODRIGUES; SIMÕES, 2007). Essa fase caracteriza-se pela mudança da infância para a fase adulta (BARETTA, et al, 2011).

Assim sendo, a partir do aspecto cronológico, neste estudo, adolescente é aquela pessoa entre 10 aos 19 anos (WHO, 2008).

O processo de adolescer envolve ainda uma gama de tabus nas relações entre pais e filhos; crenças religiosas; escolas e sociedade, muitas vezes dificultando, assim, o desenvolvimento do adolescente (OLIVEIRA, CARVALHO E SILVA 2008).

O período da adolescência comumente pode desencadear vulnerabilidades físicas, psicológicas e sociais que poderão gerar transformações a serem observadas no desenvolvimento humano, este pode ser influenciado pela cultura das pessoas, momento em que o ser humano em desenvolvimento forma vínculos pessoais, familiares e/ou profissionais (DAVIM, et al, 2009).

Quando se identificam vulnerabilidades que possam interferir no desenvolvimento do adolescente e expô-lo a situações de risco, como fome, miséria, analfabetismo, prostituição, violência, abandono, desintegração familiar, o mesmo poderá ser encaminhado para a institucionalização (DAVIM, et al, 2009; VASCONCELOS, et al, 2009;).

O termo abrigo surgiu juntamente com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, e é utilizado como sinônimo de instituição. Os princípios do abrigamento podem ser divididos em modalidades de atendimento, tem-se o Abrigo Tradicional e Casa Lar; o abrigo tradicional consiste em abrigar crianças e adolescentes em situação de risco pessoal ou social, atendendo as necessidades básicas, mas com um número elevado de abrigados por cuidador. Já a Casa Lar,

além de dispor de todos os cuidados e necessidades básicas, apresenta um convívio familiar substituto, com mãe social, possuindo apenas dez abrigados por lar (PRADA; WEBER, 2006). Conforme a Lei nº 7.644 de 1987, mãe social é aquela que, dedicando-se à assistência ao menor abandonado, exerça o encargo em nível social dentro do sistema de casas-lares.

Contudo a Lei nº 12.010 de 2009 que dispõe prioritariamente sobre a adoção e as alterações do ECA, traz uma nova nomenclatura para tratar a questão da institucionalização, refere-a como acolhimento institucional.

O contexto da institucionalização na fase da adolescência é algo que causa representações dolorosas, tanto pelo fato de que os motivos que levam a institucionalização são complicados, como também o afastamento da família e a suspensão temporária dos vínculos familiares (ARPINI, 2003).

Entende-se que a vivência da adolescência, na maioria das vezes, causa sentimentos de insegurança e medo nos adolescentes. Esses sentimentos podem estar relacionados à experimentação desta nova fase, ao que faziam antes. Geralmente, esta etapa do desenvolvimento é planejada e pensada pelo adolescente de forma mais objetiva, há que se transformar para socializar algo nunca sentido antes (OZELLA; AGUIAR, 2008).

Na atuação profissional junto aos adolescentes, observou-se que a vivência desta etapa da vida está muito presente nas atitudes referente às atividades desenvolvimentais dos acontecimentos diários, como também na relação com o novo contexto encontrado, o acolhimento institucional.

Conforme Prado, Fujimori e Cianciarullo (2007), crescem a cada ano os índices de maus-tratos contra os adolescentes. Esta realidade pode afetar não só a integridade física, mas também a psicológica, a moral e a social, deixando grandes marcas na vida das vítimas.

Adolescentes estão expostos há vários tipos de violências na vida cotidiana, seja na família, na escola, no círculo de amigos e na convivência com a sociedade, os quais podem gerar danos, muitas vezes, irreparáveis. De acordo com Azevedo e Guerra (2007), existem seis tipos de violência infanto-juvenil, sendo elas: violência psicológica, física, sexual, negligência, exploração sexual e superproteção.

A violência psicológica é entendida como tortura psicológica, ocorre quando há bloqueio dos esforços de autoaceitação, causando grande sofrimento mental. A violência física é toda ação que causa dor física, desde um simples tapa até o espancamento fatal, representa uma forma permanente de violência. A violência sexual é todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança, adolescente menor de 18 anos, tendo por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual (AZEVEDO; GUERRA, 2007).

A negligência representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais; exploração sexual é o meio pelo qual o indivíduo, geralmente, adulto, obtém lucro financeiro por conta de crianças e adolescentes; e a superproteção, quando a família isola a criança e/ou adolescente da sociedade (AZEVEDO; GUERRA, 2007).

A violência vivida pelo adolescente reflete no contexto no qual ele está inserido, sendo que a institucionalização, muitas vezes, significa um lugar seguro, de proteção às situações de risco as quais eram expostos (VECTORE; CARVALHO, 2008; ARPINI, 2003). Por outro lado, segundo Arpini (2003), viver em uma instituição de abrigo é carregar uma forte estigma social.

Silva e Aquino, 2005 (p.186), salientam que os abrigos “são instituições responsáveis pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos desatendidos ou violados”.

Um ano de institucionalização significa a perda de quatro meses no desenvolvimento infantil e a violência é seis vezes maior do que em lares de acolhimento (UNICEF, 2013). O lar de acolhimento é local de proteção, podendo ser uma casa provisória, que deve proporcionar ao adolescente: condições residenciais com envolvimento com a comunidade, bem como com a escola; proporcionando momentos de lazer, saúde e esporte (NUNES et al, 2010).

A institucionalização na adolescência é um assunto relevante para ser discutido, conforme estudo realizado no Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviço de Ação Continuada – SAC, 2003, no Brasil, existem cerca de 20 mil crianças e adolescentes institucionalizados, em 589 abrigos. Estes abrigos estão localizados nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul

e Centro-Oeste, com uma porcentagem de 4,2%; 19%; 49,1%; 20, 7%; 7% respectivamente (SILVA; AQUINO, 2005).

O Brasil, de acordo com Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Acolhidos (CNCA), em dezembro de 2011, contava com 1.991 unidades de acolhimento, sendo estas concentradas nos Estados de São Paulo, com 361 unidades, Minas Gerais, com 351, Rio Grande do Sul, com 212, Rio de Janeiro, com 173 e Santa Catarina, com 162. O Tribunal de Justiça de Roraima, embasado no CNCA, evidenciou em um levantamento que 36.551 crianças e adolescentes viviam em programas de acolhimento institucional ou estabelecimentos mantidos por organizações não governamentais, sendo que a maior concentração estava no Estado de São Paulo, com 8.365 acolhidos; depois Minas Gerais, com 5.522; Rio de Janeiro, 4.323; Rio Grande do Sul, 3.790 e, por fim, Paraná, com 2.843 acolhidos (BRASIL, TJRR, 2011).

Atualmente, estima-se que na América Latina e no Caribe existam mais de 240 mil crianças e adolescentes menores de 18 anos vivendo em instituições de acolhimento, sendo que cerca de 37 mil estão localizados em abrigos no Brasil (UNICEF, 2013).

Observa-se que o número de crianças e adolescentes institucionalizados vem crescendo e tomando conta de muitos países se compararmos com os dados aqui descritos. Os países são orientados a instituir programas de proteção a crianças e adolescentes que tiveram seus direitos negligenciados (UNICEF, 2013).

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em 1990, regulamentado pela Lei 8.069/90, o respeito e a valorização ao adolescente tornaram-se mais intensos e visíveis, pois passaram a dispor de proteção integral, com vistas a promover e garantir os direitos pertinentes a todo ser humano, a respeito do seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social (BRASIL, 1990).

De acordo com o ECA, no Brasil (1990) o abrigamento é considerado uma medida provisória e excepcional, utilizada apenas quando há privação dos princípios fundamentais do ser humano, como direito a vida e a saúde; liberdade, respeito, dignidade; convivência familiar e comunitária; educação, cultura, esporte e lazer; e profissionalização (BRASIL, 1990). O vínculo familiar, segundo Neto et al (2010) precisa ser preservado, ou quando esgotadas as possibilidades de manutenção na família de origem, a integração com uma família substituta deve

ser iniciada. No Brasil, o acolhimento é uma medida de proteção judicial para crianças e adolescentes, os quais se encontram em situação de vulnerabilidade social.

O acolhimento institucional na adolescência faz parte da realidade de famílias em situação de vulnerabilidade social. O afastamento do convívio familiar remete à preocupação com as repercussões negativas para a estruturação emocional e a consequente construção de projetos de vida do adolescente (CARINHANHA; PENNA, 2012).

Pesquisa realizada com três jovens institucionalizados quando ainda eram adolescentes, identificou que a negligência dos pais foi o primeiro motivo do acolhimento, sendo que viver no abrigo significava, para eles, construir uma nova vida, era o mesmo ser, se desenvolvendo em um ambiente totalmente diferente, com regras para comer, dormir, transitar, falar e respirar (SANTOS; BOUCHINHA, 2011).

Bronfenbrenner (1979,1996), em sua pesquisa, coloca que investigar ecologicamente crianças e adolescentes institucionalizados significa compreendê-los como pessoas em desenvolvimento e considerá-las no contexto onde estão inseridas. Para tanto, será utilizado o referencial teórico da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner pela consonância com a proposta deste estudo.

Nesse sentido, torna-se necessário repensar os valores éticos, morais e culturais que orientam as atitudes do ser humano. É preciso focar um olhar mais integral às instituições de abrigo, por parte de nossa sociedade; discutir sobre os preconceitos, desmistificar seus significados. Os profissionais têm em suas mãos a responsabilidade de buscar meios de abranger e promover a qualidade de vida do adolescente (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006). E dentre os profissionais de saúde, os enfermeiros tem na ação educativa um dos seus principais eixos norteadores que se concretiza nos vários espaços de realização das suas práticas.

Dessa forma, a ação educativa é indispensável para o cuidado integral na enfermagem, pois a partir desse pressuposto, entende-se que este momento colabora na identificação de ambientes pedagógicos capazes de potencializar a interação entre adolescente e o profissional enfermeiro (BEZERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

Esta interação entre o profissional enfermeiro e o adolescente permite a valorização dos saberes, a troca de experiências e contribui, também, para o planejamento participativo nas ações de educação em saúde realizadas a partir das metodologias assistenciais (BEZERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

As questões apontadas acima foram despertando ao longo da formação acadêmica da autora deste estudo o interesse pela atenção ao adolescente, principalmente no que se refere à educação em saúde como uma ferramenta para auxiliar no combate à violência.

Vale ressaltar que a abordagem com adolescentes em situação de acolhimento é uma tarefa desafiante, mas ao mesmo tempo compreende-se considerar o adolescente como um ser em desenvolvimento biopsicossocial e integrá-lo ao contexto ao qual está inserido.

A presente pesquisa justifica-se pelo fato de que se encontram estudos (Cavalcante, 2010; Siqueira, Dell'Aglio, 2006; Arpini, 2003) relacionados ao acolhimento de adolescentes, mas pouco se encontra de investigações com institucionalizados na perspectiva da adolescência. A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que pode gerar conflitos íntimos e coletivos, por esta razão é fundamental que os adolescentes sintam-se seguros e tranquilos ao vivenciar essa etapa em contexto de acolhimento institucional.

Não basta apenas aumentar o número de acolhimentos ou superlotar aqueles que já existem, é necessário dar qualidade de vida aos adolescentes, estejam eles onde estiverem.

Com base nas considerações elencadas, o problema de pesquisa que norteará esta investigação será baseado no seguinte questionamento:

Qual a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica?

1.1 Pressupostos

Os pressupostos foram elaborados com base no autor Cavalcante (2010) e nas percepções da pesquisadora.

A perspectiva ecológica permite pensar que, embora a família seja um contexto fundamental, se não ideal, para o desenvolvimento da pessoa e sua

subjetividade, é possível identificar outros, cuja organização lhe confere um lugar privilegiado na vida de muitos adolescentes.

Pode-se dizer que as instituições de acolhimento são contextos de desenvolvimento onde relações que se estabelecem e se mantém, geralmente durante um longo período de tempo, constituindo-se como um ambiente ecológico promotor de desenvolvimento.

Adolescentes em situação de acolhimento institucional apresentam dificuldades em vivenciar a adolescência. A convivência do acolhimento institucional interfere diretamente na maneira de como o adolescente interage e vive sua adolescência.

A mudança gerada na vida do adolescente em acolhimento institucional gera profundas transformações no seu cotidiano, tornando-o mais frágil em certos momentos. A sensibilidade e a escuta sensível do enfermeiro auxilia os adolescentes a vivenciar a adolescência.

2 Objetivos

2.1 Objetivo geral

Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica**.**

2.2 Objetivos específicos

Investigar a percepção dos adolescentes sobre a adolescência.

Averiguar a vivência do acolhimento institucional para o adolescente.

Identificar a rede de apoio do adolescente em contexto de acolhimento institucional.

3 Revisão de literatura

No presente estudo será abordada a questão do acolhimento institucional na vida do adolescente, levando em consideração a vivência da adolescência. A fim de produzir uma revisão de literatura com dados obtidos na comunidade acadêmica, foram realizadas buscas nas bases eletrônicas nacionais e internacionais Literatura Latino-Americana e Caribenha em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Biomedical Literature Ciattions and Abstracts (Pubmed), e o Portal da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando descritores controlados e combinados na língua inglesa, dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS): Adolescent or Adolescent Development and Institutionalization.

Foi optado pela busca em língua inglesa por oferecer os mesmos descritores em todas as bases. É importante ressaltar que no portal da Capes foram utilizados apenas os descritores Adolescent and Institutionalization.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: artigos científicos que abordassem a temática, com delimitação de publicação dos últimos cinco anos; realizado com adolescentes; publicados nos idioma português, e espanhol. Como critérios de exclusão: artigos que não fossem livres e completos, ou que abordassem a institucionalização de adolescentes infratores.

Com a combinação dos descritores e utilizando os critérios acima descritos foram encontrados 12 estudos: LILACS (9), Scielo (1), CAPES (2), sendo que no PUBMED nenhum artigo foi selecionado. Foram excluídos dois artigos, um devido a encontrar-se em duas bases eletrônicas e, outro por apresentar a institucionalização devido o descumprimento da lei. Sendo assim, a revisão contou com 10 artigos selecionados de forma sistematizada.

Após leitura inicial dos resumos e textos completos, identificou-se a necessidade de aprofundar os conhecimentos na abordagem da adolescência em contexto de acolhimento. Dessa forma, além dos artigos selecionados (Apêndice A), realizaram-se buscas aleatórias em outras bases eletrônicas, como também em livros, dissertações e/ou teses e sites acadêmicos.

A adolescência é interpretada por autores e escrita de formas distintas, mas que agregam em suma uma mesma significação. Etapa do desenvolvimento humano, que além de trazer muitas mudanças, é marcada pelo processo de

amadurecimento biológico, psicológico, sexual e social, os quais são vividos intensamente pelo adolescente (ARAÚJO, et al, 2011; ROEHRS, MAFTUM, ZAGONEL, 2010). É entendida como a fase cronológica que tem início aos 10 anos e se estende até os 19 anos (WHO, 2008).

Estar vivenciando a adolescência é refletir as múltiplas mudanças no corpo físico, devido ao crescimento somático e a descoberta de habilidades psicomotoras que são intensificadas pela ação dos hormônios nesta fase. Todas essas alterações são explicadas pela puberdade, na qual se configura a adolescência (EISENSTEIN, COELHO, 2008).

A puberdade é marcada pelo aparecimento das características sexuais secundarias – formação do corpo juvenil; modificação da massa corporal magra; distribuição da gordura corporal; aceleração do crescimento – estirão puberal; e fusão da epífise óssea. Nas meninas ocorre o crescimento das mamas, dos pelos pubianos e a menarca; já nos meninos o crescimento do pênis, testículos, pelos pubianos e a semenarca (ALMEIRA et al, 2007; BARBOSA, FRANCESCHINI, PRIORE, 2006).

Devido às transformações ocorridas pela/na puberdade, os adolescentes tendem a preocupar-se com a imagem corporal. A medida que o corpo vai delimitando a forma adulta, a aparência e a busca pela perfeição física começam a aparecer, contribuindo, assim, para o aparecimento das mudanças psicológicas – as que estão relacionadas diretamente com o humor. Nessa etapa surgem questionamentos sobre a vida, como vivê-la; da construção do ser até a escolha profissional (ALMEIRA et al, 2007; EISENSTEIN, COELHO, 2008).

Refletir sobre a adolescência é compreender como a pessoa que não é mais criança, mas também não incorporou a vida adulta poderá vivenciar esta fase, buscando se descobrir e ao mesmo tempo interagir com o contexto, o qual lhe é oferecido (ROEHRS; MAFTUM; ZAGONEL, 2010).

Visto que ao adolescer a pessoa passa por diversas mudanças, Araújo, et al, 2011, acreditam que o processo de adolescer é complexo por envolver diversos contextos do convívio social em que há um envolvimento do ser adolescente com família, escola, amigos, entre outros.

O produto das interações entre a pessoa e o ambiente é o desenvolvimento psicológico, o qual se produz em determinado contexto, sendo que a educação influencia diretamente nesse processo, principalmente quando são estabelecidos

entre adolescentes e adultos processos afetivos, cognitivos e comportamentais (AROLA, 2000). A preservação dos vínculos e as ações pedagógicas formam uma barreira para que não ocorra a ruptura ecológica do adolescente, preservando, assim, os contextos já existentes (AROLA, 2000).

A adolescência é a fase entre a infância e a vida adulta (WHO, 2008). É neste momento que o adolescente define sua imagem corporal e personalidade. Ser visto pela sociedade como não mais uma criança é o mesmo que passar a ter novos comportamentos, e o adolescente necessita de uma atenção maior de seus pais, familiares e sociedade (ALMEIRA et al, 2007).

Para alguns adolescentes, ter convivência com seus pais e/ou familiares nesta etapa da vida não é possível, por estarem em situação de acolhimento. Atualmente, há uma incidência de casos, que por vários fatores, como atentado contra a vida do adolescente, exigem que estes sejam afastados, permanentemente ou temporariamente, do convívio familiar (SIQUEIRA; DELL' AGLIO, 2010).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, sempre foi um grande parceiro na conquista dos direitos infanto-juvenis (SIQUEIRA; DELL' AGLIO, 2010).

Nessa perspectiva, o ECA coloca que toda a instituição que desenvolver programas de abrigo/acolhimento deverá adotar certas condutas, descritas em seu Art. 92, quais sejam: preservar os vínculos afetivos com os familiares; integração em família substituta, caso necessário; atendimento personalizado por parte do abrigo; promover a educação; não separar grupos de irmãos; evitar transferência de abrigados para outras instituições; preservação do convívio social; preparação gradativa para um possível desligamento; e buscar a participação da comunidade no processo educacional (BRASIL,1990).

As instituições de acolhimento apresentam-se como espaço de cuidado e de desenvolvimento socioeducacional para grupos de crianças e adolescentes de 0 a 18 anos incompletos sob medida protetiva de abrigo. Entidade que oferece atendimento especializado e funciona como moradia provisória até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou família substituta (ROSA et al, 2010).

O atendimento prestado deve ser personalizado e em pequenos grupos, possibilitando que a criança ou adolescente frequente a escola, comunidade, seja incluso em atividades lúdicas, esportivas, religiosas, de trabalho, respeitando o não

desmembramento de grupos de irmãos ou outros vínculos de parentesco para favorecer o convívio familiar e comunitário (BRASIL, 2009).

Nas instituições de acolhimento deve ser mantido um corpo de profissionais capacitados para o exercício das atividades de acompanhamento das crianças, dos adolescentes e de suas famílias. Como membros efetivos para a manutenção e administração da instituição de acolhimento, pode-se citar: diretor - representante legal da instituição; administrador; coordenador; cuidador - educador; cozinheiro; serviços gerais; psicólogo; assistente social e, também, como equipe de apoio, nutricionistas; médicos; enfermeiros; pedagogos, entre outros (BRASIL, 2009).

Conforme estudo realizado por Rossetti- Ferreira et al (2012), as fragilidades da família biológica de crianças e adolescentes institucionalizados podem ser observadas pelo grau de interesse em comunicar-se com seu filho e o contexto do acolhimento. Outra situação é que em muitos casos uma criança desprotegida em sua infância tende a representar esta problemática no futuro ao cuidar, proteger e zelar pelos seus próprios filhos.

Nesse sentido, Arpini (2003) coloca que geralmente as instituições constituem um lugar de passagem que transmitem certa tranquilidade e apoio as vítimas de violência, e por outro lado é um marco doloroso, tanto pela institucionalização como pela separação da família.

Em estudo realizado com 155 crianças e adolescentes institucionalizados, identificou-se que a média de tempo de permanência era de 35 dias a 3 meses, variando de 1 à 149 meses, sendo que o motivo que levou a institucionalização foi a proteção judicial. Também foi descrito que em relação ao microssistema da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, a família de crianças e adolescentes é numerosa, com no mínimo quatro irmãos, na maioria também institucionalizados, e que os pais possuíam baixa escolaridade (SIQUEIRA; DELL' AGLIO, 2010).

Conforme Alexandre e Vieira (2004), um aspecto importante na convivência de adolescentes institucionalizados é o apego entre eles, para a identificação e a certeza de relações duradouras e mútuas, as quais constituem a formação de uma rede de apoio social. De acordo com os autores, o afeto, além de aproximar as pessoas, contribui para a consolidação de sentimentos de segurança e confiança em si mesmas e para com os outros, porém para que esta estratégia seja efetiva é

necessário que a convivência aconteça em um lar bem estruturado, que transmita proteção e conforto.

A relação entre os institucionalizados, seus cuidadores e educadores, necessita refletir sentimentos de carinho, cumplicidade, simplicidade e respeito, favorecendo, assim, a construção coletiva de um local mais alegre, aconchegante e acolhedor de viver (ALEXANDRE, VIEIRA, 2004).

A convivência em uma instituição significa para o adolescente uma nova oportunidade de resgatar seus direitos como pessoa em desenvolvimento. Nessa perspectiva Prada e Weber (2006, p.8) acrescentam que

> Preservar a individualidade de qualquer ser humano é imprescindível para que ele se reconheça enquanto uma pessoa única entre milhares de outras. O desenvolvimento da percepção de si de uma criança só acontece se ela puder fazer escolhas, por menores que forem, vivenciar múltiplas experiências, testar suas habilidades, descobrir suas preferências, ou seja, viver com um certo nível de autonomia.

Em instituições para menores são encontrados adolescentes com diferentes experiências e contextos de vida, que convivem em um mesmo espaço e tempo, visto que sua individualidade carece ser preservada, para assim sentirem-se protagonistas de sua própria existência (PRADA; WEBER, 2006).

A adolescência traz consigo a vivência de novas exigências e mudanças físicas, cognitivas e sociais na vida do adolescente, os conflitos com os pares e famílias são mais evidentes (COSTA; MOTA, 2012).

Conforme Costa e Mota (2012), os adolescentes acolhidos que mantém relacionamentos de afeto com os pares e as pessoas que integram o contexto de acolhimento, constituem um fator de proteção à vulnerabilidade a qual estão inseridos.

É um desafio para as políticas brasileiras manter a proteção, o cuidado e o desenvolvimento de crianças e adolescente institucionalizados, sendo que o abrigo necessita dispor de acolhimento e prover de autonomia ao sujeito e participação social. (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011).

É direito de crianças e adolescentes a convivência familiar e comunitária conforme a Lei nº 12.010 de 2009 (BRASIL, 2009). Nesse sentido, Siqueira (2012) realizou uma pesquisa documental e bibliográfica para abordar a influência da legislação brasileira, no que tange os aspectos de proteção a crianças e

adolescentes institucionalizados. Evidenciou que algumas barreiras já foram rompidas, uma delas foi o entendimento da concepção da infância e adolescência, outra quando se ampliou as formas de enfrentamento das vulnerabilidades sociais e permitiu uma visão mais psicológica e social, tanto que a Lei nº 12.010 sugeriu o acolhimento institucional.

A Lei nº 12.010 de 2009 garante à criança e ao adolescente a convivência familiar e altera o ECA. Para tanto, toda criança ou adolescente em programa de acolhimento familiar ou institucional necessita ter sua situação reavaliada no máximo a cada seis meses e sua permanência não deve se prolongar por mais de dois anos, conforme Art. 19, §1º e §2º da Lei 12.010 (BRASIL, 2009).

Segundo Di Iorio (2010), os estigmas relacionados à história das políticas voltadas à infância nos fazem refletir sobre o desenvolvimento do trabalho e como agir com o número de meninas e meninos institucionalizados.

Estudo realizado por Álvares e Lobato (2013) objetivou verificar a incidência de sintomas depressivos em uma amostra de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, mas não em caráter de diagnóstico. Identificou que o tempo de institucionalização era superior a dois anos; no histórico de acolhimento os adolescentes não possuíam padrinhos; não tinham irmãos em acolhimento; e o acolhimento ocorreu após os sete anos de idade, situações que contribuíram significativamente para o surgimento de sintomas depressivos.

Existem fatores que influenciam na institucionalização, sendo que no estudo realizado na Comarca de Uberaba – MG com 169 crianças e adolescentes, 85 eram adolescentes com idades entre 10 a 20 anos, os quais, juntamente com o número de crianças, apresentaram 48,52% de escolarização; 40 % pertenciam a famílias monoparentais, as quais eram chefiadas na maioria por mulheres; a ausência do pai na composição familiar foi de 65, 85%; e as principais causas do acolhimento foram negligência, situação socioeconômica precária, violência sexual, física, maus tratos, abandono e uso de álcool e drogas pelos seus responsáveis (GONTIJO et al, 2012).

Oliveira (2006, p. 6) acredita que uma instituição de acolhimento necessita “desenvolver emocionalmente e socialmente os adolescentes que ali vivem”. acolher, cuidar, e formar um ambiente que possa compreender o processo de adolescer. Acolher de maneira humanizada o adolescente é permitir que o mesmo

possa elucidar seus sentimentos, sofrimentos, angústias, pois suas vivências anteriores à institucionalização estão intimamente presente em seu novo contexto.

Compreender o fenômeno da institucionalização na fase da adolescência é imprescindível para que se possa alcançar os preceitos de acolhimento contidos nas linhas de cuidado ao adolescente. Esta revisão de literatura possibilitou aprofundar conhecimento sobre o panorama do acolhimento institucional, mas também proporcionou refletir sobre a necessidade de intensificar estudos que possam retratar o cotidiano de adolescentes que procuram por uma vida mais saudável.

4 Referencial Teórico

Para conhecer o desenvolvimento da adolescência em um programa de acolhimento institucional na perspectiva do adolescente, foi escolhido como referencial teórico o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, por ser uma perspectiva teórica que envolve a concepção da pessoa em desenvolvimento com o ambiente e a interação de ambos (BRONFENBRENNER, 1996).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano – TBDH vem sendo utilizada por autores na Enfermagem para interpretar os aspectos que influenciam o desenvolvimento humano, destaca-se Schwartz (2002); Meincke (2007); Meincke; Carraro (2009); Silva Batista, et al (2013) e Corrêa (2013) . Também se identificou estudos realizados com crianças e adolescentes institucionalizados, com Bronfenbrenner (1996); Yunes e Miranda e Cuello (2004); Vasconcelos, Garcia e Yunes (2006); Siqueira e Dell'Aglio (2006) e Cavalcante (2010).

A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico entre o ser humano em desenvolvimento e os ambientes em que a pessoa em desenvolvimento vive. Sendo assim, define-se que a pessoa não é meramente uma tabua rasa, onde o ambiente provoca seu impacto; a influência entre o ambiente e a pessoa é bidirecional, havendo reciprocidade; e o ambiente por ser relevante para os processos desenvolvimentais, não se limita a apenas um ambiente único, imediato (BRONFENBRENNER, 1996).

O desenvolvimento humano, segundo Bronfenbrenner (1996) é um processo no qual a pessoa desenvolve uma concepção mais abrangente do meio ambiente ecológico, onde se torna mais motivada e capaz em realizar suas atividades. Dessa forma, a teoria ecológica possibilita o desenvolvimento de adolescentes institucionalizados, em que o contexto diferenciado se transforma em contextos culturalmente esperados.

No intuito de contemplar os aspectos do desenvolvimento humano, Bronfenbrenner ampliou sua teoria, considerando quatro núcleos inter-relacionados, definidos também como modelo PPCT, que são: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998).

O **processo** constitui-se na interação recíproca que ocorrem entre duas pessoas em desenvolvimento. Para que ocorra o desenvolvimento a pessoa deve

interagir com o mundo o qual a cerca e ser estimulada constantemente (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; 1996).

Um conceito fundamental para o desenvolvimento humano são os **processos proximais**, os quais são entendidos como a interação entre os organismos e o ambiente. Identificam-se como processos proximais: alimentar e confortar um bebê, leituras, brincadeiras em grupo, prática de esportes, buscar a resolução de problemas, realizar o cuidado a outras pessoas, fazer planos, realizar tarefas complexas e adquirir conhecimento (BONFENBRENNER, 1999).

A **pessoa** é o segundo componente da Teoria Bioecológica, a qual envolve todas as características pessoais do ser humano e aquelas construídas a partir da interação com o ambiente (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998)

O **contexto** compreende a interação de quatro estruturas do ambiente: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O **microssistema** é entendido como as inter-relações que o indivíduo estabelece com os demais indivíduos, face a face dentro do ambiente imediato (BRONFENBRENNER, 1996). Conforme os autores Yunes, Miranda e Cuello (2004) as instituições de abrigo apresentam o microssistema central do ambiente ecológico de crianças e adolescentes.

Entende-se por **mesossistema** as inter-relações entre os ambientes nos quais as pessoas em desenvolvimento interagem (BRONFENBRENNER, 1996). O mesossistema de adolescentes institucionalizados é a interação que ocorre entre a escola - família de origem - instituição como também a relação entre a família de origem, os parentes mais próximos e as ações comunitários onde estejam envolvidos (SIQUEIRA; DELL' AGLIO, 2006).

O **exossistema** "se refere a um ou mais ambientes que não envolvam pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que o afetam" (BRONFENBRENNER, 1996, p. 21).

O **macrossistema** "se refere às consistências, na forma e conteúdo de sistema de ordem inferior (micro-meso-exo) que existem, ou poderiam existir, no nível da subcultura ou da cultura como um todo juntamente com qualquer sistema de crença ou ideologia subjacente a essas consistências" (BRONFENBRENNER,1996, p. 21).

No que engloba a institucionalização, "o estigma social, carregado de valor pejorativo e depreciativo", relacionado com a cultura pré-estabelecida pela

sociedade, pode significar o macrossistema de adolescentes em situação de acolhimento (SIQUEIRA; DELL' AGLIO, 2006).

O **tempo** como quarto elemento da teoria bioecológica, que inicialmente foi abordado por Bronfenbrenner (1996), denominado de "cronossistema", a sequência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa, é dividido em subfatores: **Microtempo** refere-se "à continuidade versus descontinuidade, dentro de episódios contínuos de processo proximal". E o **mesotempo** é "a periodicidade destes episódios ao longo de intervalos maiores de tempo, tal como dias e semanas". Finalmente, o **macrotempo** foca "as expectativas e eventos mutáveis na sociedade mais ampla, tanto dentro quanto através das gerações, uma vez que elas afetam e são afetadas por processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do curso da vida" (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 995).

Um aspecto relevante da teoria são as **transições ecológicas**, principalmente quando abordamos a temática de adolescentes institucionalizados, por ocorrer sempre que a posição da pessoa no meio ambiente ecológico é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos"(BRONFENBRENNER, 1996 p.22). A Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner contempla todos os espaços percorridos pelo adolescente institucionalizado, principalmente quando se pretende conhecer o desenvolvimento de sua adolescência.

O impacto da institucionalização no processo de desenvolvimento do adolescente precisa ser observado e compreendido como um círculo de relações estabelecidas por diversos contextos, familiar, escolar e comunitário. A instituição é uma medida de proteção, que não necessita privar o adolescente de liberdade, nem o restringir de nenhum direito (AROLA, 2000).

5 Metodologia

5.1 Caracterização do estudo

Uma pesquisa se estrutura por meio de uma linguagem embasada em conceitos, proposições, métodos e técnicas construídas de maneira singular pelo pesquisador (MINAYO, 2010).

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa é essencial para o desenvolvimento do conhecimento nas áreas da saúde, sendo que o laboratório da investigação é a própria vida cotidiana (MORSE, 2003).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por permitir ao pesquisador um estudo mais aprofundado, sobre a subjetividade e as significações que envolvem a pessoa, lançando-se um novo olhar ao fenômeno estudado (JOFFILY, 2010).

A pesquisa exploratória consiste em desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, possibilitando uma melhor experiência em torno da problemática, além de aproximar investigador com a população do estudo. O caráter descritivo tem por finalidade estudar as características de determinada população, bem como a associação dos contextos encontrados (TRIVINÕS, 2008).

Portanto, para se conhecer a vivência da adolescência em uma instituição de acolhimento na perspectiva do adolescente, se faz fundamental a abordagem qualitativa na medida em que se busca perceber o processo de adolescer no contexto proposto.

5.2 Local do estudo

Este estudo será desenvolvido em um programa de acolhimento institucional, localizado em um Município na Região Norte do Rio Grande do Sul. A instituição acolhe crianças e adolescentes com idades entre 0 a 18 anos, órfãs, carentes ou em vulnerabilidade social.

Atualmente, a instituição é mantida por recursos financeiros, firmado com o

poder executivo da esfera municipal e conta com um quadro de colaboradores: uma assistente social; quatro cuidadoras e uma psicóloga que também desempenha função administrativa e representação legal da instituição de acolhimento.

5.3 Participantes da pesquisa

Os participantes do estudo serão todos os adolescentes residentes na Instituição de acolhimento. Neste local residem quatro meninos e oito meninas, totalizando doze adolescentes.

5.4 Critérios para a seleção

Critérios de inclusão

- ser adolescente com idade entre 10-19 anos;

- morar na instituição de acolhimento no município estudado.

Critérios de exclusão

- deficiência intelectual que possa interferir ou dificultar o entendimento do adolescente durante a efetivação do estudo.

5.5 Princípios éticos

O presente estudo respeitará a Resolução 466/12[1] do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde sobre pesquisa com seres humanos e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem[2] (2007) no seu Capítulo III, no que diz a respeito a Deveres nos artigos 89,90 e 91 e as Proibições nos artigos 94 e 98.

---

[1] Resolução nº 466/2012. A Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

[2] Capítulo III (dos Deveres): Art. 89- Atender as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a especificidade da investigação; Art. 90- Interromper a pesquisa na presença de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa; Art. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados. Capítulo III(das Proibições): Art. 94- Realizar ou participar de atividade de ensino e pesquisa, em que o direito inalienável da pessoa, família ou coletividade seja desrespeitado ou ofereça qualquer tipo de risco ou dano aos envolvidos; Art. 96- Sobrepor o interesse da ciência ao interesse e segurança da pessoa, família ou coletividade; Art. 98- Publicar trabalho com elementos que identifiquem o sujeito participante do estudo sem sua autorização.

Inicialmente será encaminhada uma carta (Apêndice B) à responsável legal da instituição de acolhimento com cópia do projeto, para solicitar apreciação e autorização para realização do estudo.

O projeto de pesquisa será submetido *on line* à Plataforma Brasil, que direcionará a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para apreciação. Só após aprovação do CEP será iniciada a coleta dos dados.

Respeitando os preceitos éticos, todos os adolescentes residentes na instituição de acolhimento serão convidados a participar da pesquisa, destacando-se os procedimentos utilizados e o caráter não obrigatório.

Após o aceite será realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - (Apêndice C) para os adolescentes menores de 18 anos, para participação do estudo, o qual constará de duas vias, uma permanecerá com o tutor legal da instituição ou Promotor da Vara da Infância e da Juventude do Município estudado e outra via com a pesquisadora.

Ao adolescente menor de 18 anos também será solicitada a assinatura do Termo de Assentimento (Apêndice D), o qual terá linguagem acessível e explicitará a anuência dos adolescentes em participar da pesquisa. Constará de duas vias, uma permanecerá com o adolescente e outra via com a pesquisadora, as vias deverão estar assinadas por ambos.

Os adolescentes maiores de 18 que aceitarem participar da pesquisa serão convidados a assinar o TCLE (Apêndice E) que será elaborado em duas vias, uma permanecerá com o adolescente e outra via com a pesquisadora, as vias deverão estar assinadas por ambos.

A todos os participantes da pesquisa será garantido o anonimato, o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, isento de qualquer ônus ou prejuízo de sua assistência, bem como o livre acesso aos dados quando for de seu interesse.

O anonimato será garantido por identificação com nomes fictícios, escolhidos pelos mesmos no primeiro contato com o grupo.

O estudo envolverá, exclusivamente, a realização de entrevistas grupais semiestruturadas. Não estará incluído nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos.

Benefícios aos participantes da pesquisa: acredita-se que a escuta e o diálogo, serão momentos de troca de experiência entre os participantes e a pesquisadora. Risco aos participantes da pesquisa: o risco possível será mobilizar

sentimentos. O adolescente que desencadear alguma crise ou desconforto será encaminhado ao profissional psicólogo, o qual faz parte da rede de profissionais da instituição. A entrevista semiestruturada coletiva poderá ser suspensa e retomada em outro momento em comum acordo com os participantes da pesquisa e pesquisadora, ainda poderá haver desistência da participação no estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo para os adolescentes.

Como medida de segurança, os instrumentos desta pesquisa serão guardados por cinco anos, na Sala do Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sob a responsabilidade e guarda da pesquisadora. Após esse período, os dados, em forma impressa serão incinerados e os digitais serão deletados, conforme a Resolução nº 466/2012. Assim, será evitado o extravio ou manuseio desses instrumentos que colocam em risco o anonimato das pessoas que aderiram ao estudo.

5.6 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta dos dados é um passo fundamental para a viabilidade da pesquisa, portanto, será utilizado o Método Criativo Sensível - MCS, fundamentado pela pedagogia crítica-reflexiva de Paulo Freire e proposto pela Professora Enfermeira Ivone Evangelista Cabral, em sua tese de Doutorado em 1997 ao utilizar-se de Dinâmicas de criatividade e sensibilidade – DCS.

O MCS que é uma alternativa utilizada em pesquisas na área da Enfermagem para se investigar o fenômeno individual que pode ser potencializado nas discussões grupais (RESTA; MOTTA, 2007).

O MCS é realizado em etapas, que conforme Cabral (2004) se divide em cinco momentos:

- preparação do ambiente e acolhimento do grupo;
- apresentação dos informantes;
- explicação da dinâmica e das atividades individual e coletiva;
- elaboração e apresentação das produções;
- análise preliminar coletiva e validação das informações.

Nessa abordagem ocorre uma construção coletiva do conhecimento, valorização da subjetividade de todos os envolvidos, a partir de dinâmicas de criatividade e sensibilidade. Um diálogo que aproxima o pesquisador e o participante

da pesquisa, estimulando a expressão dos sentimentos e o compartilhamento dos saberes vivenciados. As dinâmicas do MCS são desenvolvidas por meio de uma variedade de técnicas grupais, escolhidas a partir do interesse da pesquisa. O método se desenvolve com a observação participante do pesquisador e pela entrevista semiestruturada coletiva (RESTA; MOTTA, 2007).

Corroborando Cabral (1998; 2007), entende-se que o MCS apresenta técnicas consolidadas de coleta de dados, entrevista coletiva, discussão de grupo e observação participante para produzir dados no espaço grupal de forma dinâmica, dialógica e interacional.

Conforme Freitas e Dias (2010), o MCS é uma estratégia metodológica, que permite aprofundar os conhecimentos no espaço dos adolescentes, permitindo maior aproximação do profissional com o adolescente, favorecendo, assim, o diálogo e a troca de experiências.

Nesta linha de pensamento, Beuter e Alvim (2010, p. 569) acrescentam que os dados da pesquisa são obtidos durante as DCS, devido aos “estímulos de criatividade e expressões de sensibilidade”.

Durante a efetivação do MCS haverá a observação participante ou não, de mais dois pesquisadores para facilitar a análise e validação dos dados.

Além das dinâmicas de criatividade e sensibilidade, será utilizado o Mapa Mínimo de Relações (MMR) - (Anexo A) e o diário de campo (Apêndice F). O MMR é a representação gráfica da rede que, segundo Sluzki (1997), é a soma de todas as relações que a pessoa julga como significativas, permitindo ao mesmo o seu próprio reconhecimento, identidade e autoimagem.

O MMR inclui todas as pessoas que interagem com o participante da pesquisa. O gráfico é dividido em quatro quadrantes: família; amizades; relações de trabalho ou escola; relações comunitárias. Os quadrantes podem ser inscritos em três áreas: o primeiro círculo representa as relações íntimas de maior significância; o segundo círculo, as relações pessoais de menor grau de compromisso; e o terceiro círculo representa pessoas externas com relações ocasionais (SLUZKI, 1997).

Com o MMR pretende-se realizar uma representação gráfica das ligações do adolescente com o ambiente institucional e sua rede de apoio. Esse instrumento de coleta de dados vem ao encontro do referencial teórico de Bronfenbrenner, uma vez que a partir desse mapa poderá se identificar, no contexto de acolhimento

institucional, as relações estabelecidas pelo adolescente, os processos proximais e o tempo em que as mesmas ocorrem.

A coleta das informações será realizada na própria instituição de acolhimento pela pesquisadora, e as dinâmicas e as entrevistas semiestruturadas coletivas, serão gravadas em aparelho digital MP4 e em câmera digital.

Serão realizados cinco encontros (Apêndice G, H, I, J e L) com os adolescentes, que acontecerão na instituição, em uma sala própria para realização de grupos. Durante a efetivação da pesquisa serão realizadas seis dinâmicas de criatividade e sensibilidade, divididas entre os encontros, sendo que o primeiro encontro contará com duas dinâmicas. Estima-se que o presente estudo será desenvolvido em cinco semanas, sendo que em duas semanas serão realizados dois encontros cada, dando uma pausa de duas semanas. Nessas semanas serão transcritos e organizados os dados coletados, para que na última semana seja realizado o encontro para validação final dos dados (serão reunidos todos os dados validados nos encontros, conforme demonstra o diário de campo) e a confraternização com os participantes da pesquisa.

Durante as dinâmicas será respeitada a privacidade do participante, de maneira a ouvir e acolher a opinião de todos os envolvidos, como também possibilitar um local agradável de coleta de dados.

Complementando, acredita-se que dinâmicas em grupo é uma estratégia adequada para desenvolver habilidades e favorecer a expressão de sentimentos, a socialização de informações e a formação de redes afetivas entre os adolescentes.

É interessante fazer uso de metodologias participantes que permitam a convivência com diferentes opiniões e o respeito às diferenças, contribuindo para a equidade nas relações étnico-raciais e de gênero.

5.7 Análise dos dados

A análise dos dados deste estudo dar-se-á por meio do MCS, mediada pela escuta sensível como força produtora de dados para a pesquisa. O método permite a organização dos dados para a análise e validação dos mesmos no próprio grupo pesquisado (CABRAL, 2007).

Acrescentam Beuter e Alvim (2010) que a discussão e validação dos dados no MCS ocorrem no interior das dinâmicas de criatividade e sensibilidade (DCS).

5.8 Divulgação dos resultados

Os resultados serão divulgados em meio de artigos científicos e eventos da Área de enfermagem, assistência social e/ou psicologia.

6 Recursos do projeto de pesquisa

O estudo prevê a utilização de recursos humanos e materiais. As despesas com a realização da presente investigação estarão ao encargo da autora do estudo.

Os recursos humanos serão: revisor de português, tradutor de espanhol e tradutor de inglês.

O quadro 1 demonstra o planejamento de recursos materiais e financeiros para o desenvolvimento do projeto.

Recursos	**Quantidade**	**Valor Unitário**	**Valor total**
		(R$)	**(R$)**
Folhas A4 (500 folhas)	04	14	56,00
Balão – pacote	01	8	8,00
Canetas	05	2	10,00
Canetinhas	30	1	30
Lápis	04	1	4,00
Cartolina colorida	10	1,50	15,00
Fita durex	1	7	7,00
Cola	4	3,50	10,50
Borracha	02	0,50	1,00
Encardenação	10	20	200,00
Encardenação capa dura	O4	150	600,00
Gravador	01	150	150,00
Mascáras	13	1	13,00
Marcador de quadro branco	O4	5	20,00
Pendrive	01	35	35,00
Purpurina	01	2	2,00
Tradução de espanhol (resumo)	01	50	50,00
Tradução de inglês (resumo)	01	50	50,00
Revisão de português p/ folha	150	5	750,00
Passagem rodoviária	12	12	144,00
Cartucho p/ impressora	03	30	90,00
TOTAL			**2.245,50**

Quadro 1 – Recursos materiais para o desenvolvimento do projeto no período de 2013 a 2014

7 Cronograma das atividades

No quadro 2 descreve-se o planejamento das ações durante todo o processo de desenvolvimento e execução do projeto no período de 2013 a 2014.

ATIVIDADE	Período																		
	2013							2014											
	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Escolha do tema																			
Revisão de Literatura																			
Elaboração do projeto																			
Apresentação pré- projeto																			
Revisão do projeto																			
Qualificação do projeto																			
Envio a Plataforma Brasil																			
Seleção dos participantes da pesquisa																			
Coleta de dados (*)																			
Transcrição das entrevistas coletivas																			
Análise dos dados																			
Elaboração do artigo																			
Apresentação da dissertação																			

Quadro 2 – Cronograma de desenvolvimento do projeto no período de 2013 a 2014.
(*) Somente será realizada após aprovação do Comitê de ética em Pesquisa

Referências[3]

ALEXANDRE, D.T; VIEIRA, M. L. Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v.9, n.2, p. 207-217, maio./ago, 2004.

ALMEIDA, I.S; RODRIGUES, B.M.R.D; SIMÕES, S.M.F. O adolescer... um vir a ser. **Adolesc Saude.** 4(3):24-28, 2007.

ALVARES, A.M; LOBATO, G.R. Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. **Temas psicol**., Ribeirão Preto , v. 21, n. 1, jun. 2013 .

ARAÚJO, A.C et al. Relacionamentos e interações no adolescer saúdavel. ***Rev. Gaúcha Enferm.*** *V*ol.31, n.1, pp. 136-142, 2010.

ARAÚJO, A. C. Transição da adolescência para a fase adulta na ótica de adolescentes**. Rev. enferm. UERJ**;19(2):280-285, abr.-jun. 2011.

AROLA, R.L. **Casa não é lar**. Editora Salesiana. São Paulo, 2000.

ARPINI, M. D. Pensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 23(1), 70-75, 2003.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Infância e violência fatal em família**. São Paulo: Iglu 2007. (1998:184 e ss).

BARBOSA, K.B.F; FRANCESCHINI, S.C.C; PRIORE, S.E. Influência dos estágios de maturação sexual no estado nutricional, antropometria e composição corporal de adolescentes. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant**. Vol.6, n.4, pp. 375-382, 2006.

BATISTA, J.M.S et al. O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a práxis da enfermagem diante da violência doméstica**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 173-178, 2013.

BARETTA, M.I.R et al. A construção de um projeto na maternidade adolescente: relato de experiência. **Rev Esc Enferm USP.** 45(2): 533-3, 2011.

BESERRA, E.P; PINHEIRO, P.N.C; BARROSO, M.G.T. Ação educativa do

[3] Este trabalho encontra-se estruturado de acordo com as normas do Manual para elaboração de Trabalhos Acadêmicos: Tese, Dissertação e Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) e de Especialização (TCCP) de 2013 da Universidade Federal de Pelotas, disponível em http://sisbi.ufpel.edu.br/arquivos/PDF/Manual_Normas_UFPel_trabalhos_acad%C3%AAmicos.pdf

enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Esc Anna Nery Rev Enferm**,set; 12 (3): 522-28, 2008.

BEUTER, M; ALVIM, N.A.T. Expressões lúdicas no cuidado hospitalar sob a ótica de enfermeiras. **Esc Anna Nery**, v. 14, n. 3, p. 567-74, 2010.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. (1990, 16 jul.). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm, Acesso em 10 de maio de 2014.

BRASIL. Lei nº 12.010, de 29 de Julho de 2009. (2009, 04 ago.). Dispõe sobre adoção; altera as Leis 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 10 de maio de 2014.

BRASIL. Número de crianças e adolescentes abrigados. Disponível em: <http://www.tjrr.jus.br/index.php/noticias/76-levantamento-mostra-que-365-mil criancas-e-adolescentes-vivem-em-abrigos>2011. Acesso em: 19 de ago de 2014.

BRASIL. **Orientações para o atendimento à saúde do adolescente.** Ministério da Saúde. 2ª edição Brasília – DF, 2013.

BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. The ecology of desenvolmental process. In: **Handbook of child psychology.** New York: John Wiley & Sons,1998. p. 993-1027.

CABRAL, I.E. **Uma abordagem Criativo-sensível de pesquisar a família**. In: ALTHOFF, C. R.; ELSEN, I.; NIETSCHKE, R.G. (organizadores). Pesquisando a família: olhares contemporâneos. Florianopolis: Papa-Livros, 2004. P.127.

CABRAL, I. E. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa na enfermagem. In: GAUTHIER, J. H. M. et al. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

_____. Apropriação do círculo de cultura freiriano como estratégia de intervenção dialógica no método criativo e sensível de pesquisar. (Resumo expandido). O MÉTODO CRIATIVO E SENSÍVEL NA PESQUISA EM ENFERMAGEM (Sessão Coordenada). 14º SENPE. Florianópolis (SC). Maio de 2007. Anais do 14º SENPE, cd rom. 04p.

_____. Aliança de saberes no cuidado e estimulação da criança bebê: Concepções de Estudantes mães no Espaço Acadêmico de enfermagem. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, 1997.

CARINHANHA J.I; PENNA L.H.G. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigamento. **Texto Contexto Enferm.** Jan-Mar; 21(1):68-76, 2012.

CAVALCANTE, L.I.C; SILVA, S.S.C; MAGALHÃES, C.M.C. Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, X(4), 1147-1172, 2010.

COSTA, M; MOTA, C.P. Configuração familiar, gênero e coping em adolescentes: papel dos pares. **Psicologia em estudo**, v. 17, n. 4, p. 567-575, 2012.

CORREA, A.C. Percepção de homens que vivenciaram a paternidade na adolescência. Dissertação Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas, 2013.

DAVIM, R. M. B et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene**, v. 10, n. 2, 2009.

DI IORIO, J. Infancia e institucionalización: abordaje de problemáticas sociales actuales; Childhood and institutionalization: approach of current social issues. **Pesqui. prát. psicossociais**, v. 4, n. 2, p. 143-150, 2010.

EISENSTEIN, E; COELHO, K. Crescimento e Desenvolvimento Puberal. In: Capitulo 2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Saúde do adolescente: competências e habilidades / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade, **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-7, Abr-Jun. 2010.

GONTIJO, D.T et al. Fatores relacionados à institucionalização de crianças e adolescentes acolhidos na comarca de Uberaba-MG **Rev. bras. promoç. saúde** (Impr.), v. 25, n. 02, 2012.

JOFFILY, S.M.L.C. Adolescentes mães em contexto de abrigamento:significando a gravidez e a maternidade.Curitiba: Juruá, 2010.

LUVIZARO, N.A; GALHEIGO, S.M. Considerações sobre o cotidiano eo habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. São Paulo/**Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 2, 2011.

MEINCKE, S. M. K; CARRARO, T. E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. ***Texto contexto - enferm.*****[online]**. vol.18, n.1, pp. 83-91, 2009.

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen**. A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem**. 2007. 275 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Ed. Hucitec. 2010.

MONTEIRO, C.F.S et al. Violência sexual contra crianças no meio intrafamiliar atendidos no SAMVVIS, Teresina, PI. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, Jun/Ago: 61(4): 459-63, 2008.

MORSE J.M. **Assuntos críticos em los métodos de investigación cualitativa**. Bogotá: Contus, 2003.

MOTA, C.P; MATOS, P.M. Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. **Psicologia & Sociedade**; 20 (3): 367-377, 2008.

NUNES, J. G. A. et al. " O cotidiano de crianças e adolescentes abrigadas no oratório festivo São João Bosco - Oratório de Bebé." **Cadernos de Graduação-Ciências Humanas e Sociais** (ISSN 1980-1785) 12.12-2010.

OLIVEIRA, A.P.G. O ambiente de abrigo como holding para adolescentes.São Paulo. **An. I Congr. Intern. Pedagogia Social** Março, 2006.

OLIVEIRA, T. C.; CARVALHO L. P.; SILVA, M. A. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem.** 61.3 (2008): 306-311.

OZELLA, S; AGUIAR, W.M.J;. "Desmistificando a concepção de adolescência." **Cadernos de Pesquisa** 38.133. 97-125, 2008.

PENNA, L.H.G; CARINHANHA, J.I; LEITE, L.C. A prática educativa de profissionais cuidadores em abrigo: enfrentando a violência vivida por mulheres adolescentes. Revista**. Latino-americana Enfermagem**, nov-dez; 17 (6), 2009.

PRADA, C.G; WEBER, L.N.D. O abrigo: análise de relatos de crianças vítimas de violência doméstica que vivem em instituições. **Revista de Psicologia** da UNESP, 5(1), 2006.

PRADO, S.R.L.A; FUJIMORI, E; CIANCIARULLO T.I. A prática da integralidade em modelos assistenciais distintos: um estudo de caso a partir da saúde da criança. **Texto Contexto – Enfermagem**. v.16, n.3, Florianópolis Jul/Set. 2007.

QUEIROZ, L. B et al . Aspectos históricos da institucionalização da atenção à saúde do adolescente no estado de São Paulo, 1970-1990. **Hist. cienc. saude-**Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, Mar. 2013 .

RESTA D.G, MOTTA M.G.C. Compreendendo o adolescer empregando o método criativo e sensível: uma possibilidade de pesquisar em enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.** 28(2):283-90, 2007.

ROEHRS, H; MAFTUM, M.A; ZAGONEL, I.P.S. Adolescência na Percepção de Professores do ensino fundamental. **Rev. esc. enferm. USP** [online] vol.44, n.2, 2010.

ROSA, E. M et al. "Contextos ecológicos em uma instituição de acolhimento para crianças." **Estudos de Psicologia** 15.3 (2010): 233-241.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C et al. Acolhimento de Crianças e adolescentes em situação de abandono, Violência e rupturas. **Psicol. Reflexo. Crit**. , Porto Alegre, v 25, n. 2, 2012.

SANTOS, N.I.S; BOUCHINHA, I. A. A Experiência de Morar em Abrigos.Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v.4, 2011.

SCHWARTZ E. O viver, adoecer e o cuidar das famílias de uma comunidade rural do extremo Sul do Brasil. In: Elsen I, Marcon SS, Silva MRS, organizadoras. O viver em família e a interface com a saúde e a doença. 2ª ed. Maringá (PR): Eduem; 2004. p.79-93.

SILVA BATISTA, J. M, et al. O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a práxis da enfermagem diante da violência doméstica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem** 17.1 (2013): 173-178.

SILVA, E. R. A. AQUINO, L. M. C. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária. Brasília: IPEA. 2005. Acesso em 05 de maio, 2014: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_11/ENSAIO3_Enid.pdf.

SILVA, E.R. O direito à convivência familiar e comunitária: Os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SIQUEIRA, A.C. A Garantia ao Direito à convivência familiares e Comunitária em Foco. **Estud. psicol**. (Campinas), Campinas, v 29, n. 3, setembro de 2012

SIQUEIRA, A. C; DELL'AGLIO, D. D. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: Uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade, 18*, 71-80, 2006.

SIQUEIRA, A. C et al. Crianças e adolescentes institucionalizados: Desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 407-415, 2010.

SLUZKI, C.E. A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1997.

TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 2008.

UNICEF. **Brasil adere à mobilização regional pelo fim da institucionalização de crianças menores de 3 anos de idade**, 2013. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/media_26486.htm>.Acesso em 10 de maio de 2014.

VASCONCELOS, Q. A et al.Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo. **Revista Paideia**. Maio-Ago, vol. 19. Nº 43, 221-229; 2009.

VASCONCELOS, Q. A; GARCIA, N. M; YUNES, M. M. Crianças e adolescentes institucionalizados: um estudo ecológico sobre as Relações entre a família e a instituição de abrigo. **Fundação Universidade Federal de Rio Grande,** 2006.

VECTORE, C; CARVALHO, C. Um olhar sobre o abrigamento: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. **Revista Semestral da Ass. Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)** vol 12, nº 2 Julho/dezembro, 2008.

WHO - World Health Organization. Adolescent Hearth, 2008. Disponível em:http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/. Acesso em 20 de março de 2014.

YUNES, M.A.M; MIRANDA, A.T; CUELLO, S.E.S. Um Olhar Ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de Crianças e Adolescentes Institucionalizados. Livro Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano: Experiência no Brasil, Editora Casa do Psicólogo, 2004.

APÊNDICES

Apêndice A – Tabela Revisão Sistematizada

ANO	REVISTA	AUTORES	TÍTULO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
2013	História, Ciências, Saúde	QUEIROZ, L. B et al.	Aspectos históricos da Institucionalizaçã o da atenção à saúde do adolescente no estado de São Paulo, 1970-1990	Tratar de aspectos históricos da atenção integral à saúde dos adolescentes no estado de São Paulo.	Qualitativa Pesquisa documental	Recupera-se a construção de núcleos de *expertise* e do campo da saúde do adolescente na dialética entre a construção de uma nova área de atuação médica com base na clínica e um campo de saberes e práticas da saúde coletiva com base na integralidade da atenção à saúde, de caráter interdisciplinar e intersetorial.
2013	Temas em Psicologia	Álvares, A.M; Lobato, G.R.	Um Estudo Exploratório da Incidência de Sintomas Depressivos em Crianças e Adolescentes em Acolhimento Institucional	Verificar a incidência de sintomas depressivos em uma amostra de crianças e adolescentes em medida protetiva de acolhimento institucional na cidade de Patos de Minas	Quantitativa	Perfil de criança/ adolescente com sintomas depressivos: ter um tempo de acolhimento superiora 2 anos, histórico de acolhimento, não ter padrinhos, não possuir irmãos na instituição e ser acolhida depois dos 7 anos de idade.
2012	Estudos de psicologia	Siqueira, A.C.	A garantia ao direito à convivência familiar e comunitária em foco	Discutir a legislação brasileira, em especial o Código de Menores, ECA e a Nova Lei Nacional da Adoção, no que tange a garantia do direito à convivência familiar e comunitária	Revisão bibliográfica	A adoção configura um verdadeiro motor para a mudança de paradigma, tendo em vista que apresenta diretrizes específicas para a garantia do direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes institucionalizados.

				de crianças e adolescentes institucionalizados		
2012	Psicologia: Reflexão e Crítica	Rossetti-Ferreira, M. C et al.	Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Rupturas	Conhecer as características, a estrutura de funcionamento e os serviços prestados e caracterizar o perfil das crianças e adolescentes que se encontram nos abrigos pesquisados	Qualitativa	Invisibilidade da família de origem; (re)violação da criança; falhas na Rede de Proteção; significações sobre "família saudável" e papel das concepções sobre apego. Implicações para políticas públicas e práticas sociais.
2012	Rev Bras Promoç Saúde	Gotijo, D.T et al	Fatores relacionados à institucionalizaçã o de crianças e adolescentes acolhidos na comarca de Uberaba - MG	Descrever o perfil sociodemográfico e os fatores relacionados à institucionalização de crianças e adolescentes acolhidos na Comarca de Uberaba, no ano de 2009.	Estudo descritivo, documental, retrospectivo	O processo de vulnerabilidade social vivenciado pelas famílias, que suscita a articulação e fortalecimento de políticas e ações intersetoriais. .
2012	Psicologia em estudo	Costa, M; Mota, C.P.	Configuração familiar, gênero e *coping* em adolescentes: Papel dos pares	Analisar a qualidade da ligação de adolescentes aos pares e do seu efeito preditor nas estratégias de *coping* dos jovens.	Quantitativa	A qualidade da ligação aos pares se mostra relevante na predição das estratégias de *coping* adaptativas (*coping* activo e uso de suporte social emocional).
2011	**Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**	LUVIZARO **N.A;** GALHEIGO **, S.M.**	Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento	Refletir sobre a implementação da medida de proteção de abrigo pós-ECA e discutir sobre	Reflexão crítica, de caráter histórico e conceitual.	Considerando a vivência de crianças e adolescentes em processo de acolhimento institucional em abrigos, há necessidade de

			institucional em abrigo	os dilemas e desafios para o acolhimento familiar e institucional		estudos cujo objetivo seja o de discutir as condições e situações que facilitam, dificultam ou limitam a autonomia e a participação no contexto das atividades cotidianas.
2010	*Psicologia: Teoria e Pesquisa*	Siqueira A.C et al.	Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social	Investigar as características de jovens institucionalizados e suas famílias. Participaram 155 crianças e adolescentes, de 7 a 16 anos, de instituições da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS.	Quantitativo	Contatos positivos e alta satisfação de vida na instituição podem indicar que o acolhimento institucional se constitui em fonte de apoio e satisfação.
2010	*Pesquisas e Práticas Psicossociais*	DI IORIO, J.	Infancia e Institucionalización: Abordaje de Problemáticas Sociales Actuales	Investigar a atual vulnerabilidade social de crianças e adolescentes institucionalizados	Qualitativa	As instituições procuram fornecer um ambiente relativamente estável. No entanto, na vida cotidiana da institucionalização, as crianças continuam a ser vistas como objetos passivos de intervenção, ou seja, sob o pretexto de proteger intervém privando-os de seus direitos.
2010	Revista Mal-estar e Subjetividade	CAVALCANTE, L.I.C.	Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes	Refletir sobre a reinserção familiar de crianças e adolescentes institucionalizados, apresentando estratégias e	Qualitativa	Situa a discussão do direito à convivência familiar no campo da política de atenção às necessidades básicas e especiais da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade

				procedimentos necessários à preparação do seu retorno à convivência em família.		social, assim como o valor dessa experiência para o desenvolvimento humano.

Apêndice B – Carta de autorização ao Lar de acolhimento

Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Enfermagem

Orientadora: Profª. Drª Sonia Maria K. Meincke (53) 91304691/
E-mail: meinckesmk@gmail.com

Mestranda: Monique Prestes (55) 96572687/
E-mail: moniprestes@hotmail.com

_____ , ___de_____ de 2014

À direção do Lar de acolhimento

Venho por meio deste, solicitar autorização para desenvolver um estudo que tem por finalidade a realização de minha dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciências. Tendo como orientadora a Profª Enfª Drª Sonia Maria Könzgen Meincke.

O objetivo do estudo é Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento.

A presente pesquisa tem o interesse de entrevistar os adolescentes da instituição.

Terei o compromisso ético de preservar os participantes da pesquisa envolvidos no estudo, assim como os profissionais da instituição.

Na certeza de contar com vosso apoio, desde já agradeço a atenção e colocando-me ao seu inteiro dispor para outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

_____

Enfermeira Monique Prestes

Ciente. De acordo.

_____

Assinatura do responsável

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa:

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:

percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Orientadora: Profª. Drª Sonia Maria K. Meincke (53) 91304691
E mail**:** meinckesmk@gmail.com

Mestranda: Monique Prestes (55) 96572687
E mail: moniprestes@hotmail.com

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa tem por objetivo Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento na abordagem ecológica, ou seja, conhecer de que forma os adolescentes vivenciam a fase da adolescência em um lar de acolhimento.

Para o desenvolvimento da pesquisa, solicito sua colaboração no sentido de autorizar, como tutora legal, os adolescentes a participarem das dinâmicas de grupo. O estudo prevê a realização de entrevistas coletivas.

A coleta de dados não acarretará em riscos, pois não prevê procedimentos invasivos ou de ordem moral, considerando que durante as dinâmicas os adolescentes estarão livres para participar e interagir de acordo com sua vontade, podendo haver desistência da participação no estudo a qualquer momento. Como benefícios aos participantes da pesquisa acredita-se que a escuta e o diálogo, serão momentos de troca de experiência entre os participantes e a pesquisadora.

Informo, também, que não haverá nenhum custo na participação dos adolescentes na pesquisa.

A coleta de dados será realizada pela pesquisadora em períodos previamente agendados com a mesma e os adolescentes.

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido, declaro que fui esclarecido(a) de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de

constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e benefícios do presente projeto de pesquisa.

Fui igualmente informado:

Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;

De que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos, da segurança de que se manterá o anonimato dos adolescentes;

Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e que os adolescentes poderão deixar de participar do estudo, sem que este ato lhes traga prejuízo algum;

O TCLE constará de duas vias, uma permanecerá com o tutor legal da instituição ou Promotor da Vara da Infância e da Juventude do Município e a outra via com a pesquisadora.

Eu autorizo a participação dos adolescentes do Lar de acolhimento na pesquisa qual se refere: “Adolescentes em contexto de acolhimento institucional: percepção acerca da adolescência embasada na abordagem bioecológica”, emitindo meu parecer quando solicitado.

de de 2014.

_____ RG:_____

Direção do Lar de acolhimento
Carimbo da instituição

_____ RG: _____

Enfermeira Monique Prestes

Apêndice D - Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido

Pesquisa: ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Orientadora: Profª. Drª Sonia Maria K. Meincke (53) 91304691
E mail: meinckesmk@gmail.com

Mestranda: Monique Prestes (55) 96572687
E mail: moniprestes@hotmail.com

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça-me para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, que tem como objetivo: Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento na abordagem ecológica, ou seja, conhecer de que forma vocês adolescentes vivenciam a fase da adolescência em um lar de acolhimento.

A pesquisa será desenvolvida somente com encontros em grupos realizados no Lar de acolhimento quando será conversado com os adolescentes.

Você receberá todas as informações que julgar necessário para seu entendimento, sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Nenhum participante da pesquisa será identificado, portanto você escolherá um nome fantasia para ser identificado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, solicito sua colaboração no sentido de participar dos encontros em grupo, permitir que nossas conversas sejam gravadas em gravador MP4, câmera digital e a participação de duas pessoas – moderadores, os quais realizaram as anotações durante os encontros.

Os encontros em grupo não lhe causarão riscos, pois não será realizado nenhum procedimento doloroso ou de ordem moral, contudo você se sentir desconfortável ou inseguro, estará livre para participar e interagir de acordo com sua vontade durante as dinâmicas.

Você poderá deixar de participar do estudo, sem que este ato lhe traga prejuízo algum ou punição.

Informo também que não haverá nenhum custo com a sua participação na pesquisa.

Como benefícios da pesquisa, esclareço que sua participação poderá contribuir para o entendimento da adolescência no lar de acolhimento, identificando as maneiras de vivencia-la de forma a clarear essa etapa, além de acreditar que a escuta e o diálogo, serão momentos de troca de experiência entre adolescentes e pesquisadora.

Os encontros serão realizados no lar de abrigamento pela pesquisadora em períodos previamente agendados com a mesma e os adolescentes.

Após elaboração da pesquisa os dados serão publicados nos meios científicos mantendo seu anonimato.

Caso você aceite participar, a pesquisa envolverá cinco dinâmicas de grupo com momentos lúdicos e terão duração em torno de 60 minutos cada.

Contato para dúvidas:

Se você ou seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, favor contatar com Monique Prestes, telefone fixo 055 – 3744 6210, e celular 055 96572687.

O Termo de Assentimento constará de duas vias, uma permanecerá comigo e a outra via com a pesquisadora, as vias serão assinadas por ambos.

Eu entendi as informações apresentadas neste Termo de Assentimento e aceito participar da pesquisa, pois tive a oportunidade de fazer perguntas e todas foram respondidas, minhas dúvidas foram esclarecidas.

_____

Nome do Adolescente Assinatura Data

_____

Enfermeira Monique Prestes Assinatura Data

Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa:

ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:

percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica

Orientadora: Prof[a]. Dr[a] Sonia Maria K. Meincke (53) 91304691
E mail: meinckesmk@gmail.com

Mestranda: Monique Prestes (55) 96572687
E mail**:** moniprestes@hotmail.com

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, que tem como objetivo: Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento na abordagem ecológica, ou seja, conhecer de que forma vocês adolescentes vivenciam a fase da adolescência em um lar de acolhimento.

A pesquisa será desenvolvida em encontros em grupo realizados no Lar de acolhimento.

Você receberá todas as informações que julgar necessário para seu entendimento.

Sobre a pesquisa:

Nenhum participante da pesquisa será identificado, portanto você escolherá um nome fantasia para ser identificado, mantendo seu anonimato.

Para o desenvolvimento da pesquisa, solicito sua colaboração no sentido de participar dos encontros em grupo e permitir que nossas conversas sejam gravadas em gravador MP4, câmera digital e que duas pessoas externas realizem as anotações durante os encontros.

Os encontros em grupo não lhe causarão riscos, pois não será realizado nenhum procedimento doloroso ou de ordem moral, contudo você se sentir desconfortável ou inseguro, estará livre para participar e interagir de acordo com sua vontade durante as dinâmicas.

Como benefícios da pesquisa, esclareço que sua participação poderá contribuir para o entendimento da adolescência no lar de acolhimento, identificando as maneiras de vivencia-la de forma a clarear essa etapa, além de acreditar que a escuta e o diálogo, serão momentos de troca de experiência entre adolescentes e pesquisadora.

Você poderá deixar de participar do estudo, sem que este ato lhe traga prejuízo algum ou punição.

Informo, também, que não haverá nenhum custo com a sua participação na pesquisa.

Após elaboração da pesquisa os dados serão publicados nos meios científicos mantendo o anonimato dos participantes.

Caso você aceite participar, a pesquisa envolverá cinco dinâmicas de grupo com momentos lúdicos e terão duração em torno de 60 minutos cada.

Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecido(a) de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e benefícios do presente projeto de pesquisa.

Fui igualmente informado:

Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;

De que o trabalho será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos, da segurança de que se manterá e o anonimato dos participantes;

Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que este traga prejuízo algum;

O Termo de consentimento constará de duas vias, uma permanecerá comigo e a outra via com a pesquisadora, as vias serão assinadas por ambos.

Eu entendi as informações apresentadas neste Termo de consentimento e aceito participar da pesquisa: “Adolescentes em contexto de acolhimento institucional: percepção acerca da adolescência na abordagem ecológica”.

de de 2014.

_____ RG:_____

Adolescente

_____ RG: _____

Enfermeira Monique Prestes

Apêndice F: Diário de Campo

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem

Orientadora: Profª Enfª Drª Sonia Maria Könzgen Meincke
Mestranda: Monique Prestes

Encontro nº:
Temática:
Data:
Horário:
Início - Término -
Local:
Nº de participantes:

1. Preparação do ambiente e acolhimento do grupo:

2. Apresentação dos informantes:

3. Explicação da dinâmica e as atividades individuais e coletivas:

4. Elaboração e apresentação das produções:

5. Análise coletiva e validação das informações:

Percepção do pesquisador:

Apêndice G: 1º encontro com os adolescentes

O objetivo do primeiro encontro é apresentar o projeto de dissertação, escolher os codinomes para citação dos adolescentes envolvidos e trabalhar o Adolescer.

Dinâmica: Tribo indígena: quem sou eu?[4]

O facilitador organizará e orientará os participantes para o início da dinâmica, que tem por objetivo tornar os membros do grupo conhecidos a partir de um aspecto importante de sua personalidade para a escolha do codinome o qual serão identificados no estudo realizado, como também refletir sobre o processo de escolha e analisar os sentimentos nele envolvidos.

Material: Crachás de cartolina, cordão e canetinhas coloridas.

Desenvolvimento:

1. Tribos indígenas dão nome a seus filhos só depois que a criança cresce e mostra alguns aspectos de sua personalidade.
2. Nós somos índios e cada um vai escolher um nome de acordo com suas características e gostos pessoais.
3. Em seguida será distribuído um questionário de Autodefinição para ser preenchido pelos participantes, que terão 5 minutos para o preenchimento do mesmo. No final da dinâmica os adolescentes, individualmente, gravaram com o MP4 as respostas do questionário, em sala apropriada. Após, cada um explicará o porquê do novo nome. Durante a realização do projeto seremos chamados pelo novo nome, que deverá ser escrito e fixado no crachá usado no peito. O questionário será entregue a facilitadora e, juntamente com a gravação, contribuirá para a identificação dos adolescentes.

Questionário de Autodefinição

Quem sou eu (nome)?

_____

Qual é meu codinome?

_____

Sexo: Feminino ( ) Masculino ( )

Sou comunicativo? Por quê?

_____

[4] Dinâmicas adaptadas de Lopes, E.B et al. Metodologias para o trabalho Educativo com adolescentes. Capítulo 6. Revista Adolescer Compreender, Atuar e Acolher, online. Disponível em <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html> Acesso: 02 de maio de 2014.

Sou uma pessoa observadora? Por quê?

_____

Quais são os meus objetivos de vida?

_____

Quando eu solto a imaginação, o que costumo fazer?

_____

Sugestões para discussão: Discutir o que significa escolher, e o que os integrantes do grupo sentiram ao fazerem as escolhas e ao serem chamados pelos novos nomes, as dificuldades que tiveram.

Dinâmica: Adolescer[5]

O facilitador organizará os participantes em um semicírculo e orientará quanto aos procedimentos da dinâmica, que tem por objetivo possibilitar aos adolescentes uma reflexão sobre como percebem o processo da adolescência.

Material: Sala ampla, aparelho de som, papel sulfite, lápis de cor e canetinhas coloridas.

Desenvolvimento:

1. O facilitador solicitará ao grupo que faça um desenho representando como eles percebem a fase da adolescência.
2. Após a realização dos desenhos, solicitar aos jovens que escrevam algo sobre: Adolescência é...
3. Cada adolescente irá falar a respeito de seu desenho, relatando como caracterizou a adolescência.

Sugestões para reflexão:

- Como o adolescente se percebe?
- Como o adolescente é visto pela Sociedade?
- De que forma o adolescente contribui com as transformações sociais?

[5] Dinâmicas adaptadas de Lopes, E.B et al. Metodologias para o trabalho Educativo com adolescentes. Capítulo 6. Revista Adolescer Compreender, Atuar e Acolher, online. Disponível em <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html> Acesso: 02 de maio de 2014.

Apêndice H: 2ª encontro com os adolescentes

O segundo encontro terá como objetivo pesquisar como é vivenciar a adolescência sendo um adolescente em acolhimento institucional.

Dinâmica: Acolhimento: Descobrindo a Adolescência[6]

O facilitador irá orientar e conduzir a dinâmica, que tem por objetivo conversar sobre o que é ser adolescente hoje em acolhimento institucional.

Material: Sala ampla, folhas de papel, pincéis atômicos e/ou canetinhas para cada participante.

Desenvolvimento:

Com o grupo todo reunido, o facilitador solicitará aos participantes que se dividam em dois grupos para realizar a seguinte tarefa, visto que os grupos desenvolverão a mesma tarefa para depois socializar com o grande grupo:

1. Falar da adolescência:
   - Pensem que uma criança cresceu e entrou na adolescência.
   - O adolescente está em acolhimento institucional, pensem sobre essa situação e expressem em um desenho o que é vivenciar a adolescência em acolhimento.
   - Os adolescentes apresentam seus desenhos, conversam e definem o que é a adolescência nesse contexto.
2. Falar do novo na adolescência:
   - Solicitar que todos os participantes, coletivamente, façam uma frase identificando as principais percepções em relação a vivência da adolescência em lar de acolhimento.

Sugestões para reflexão:

- Refletir o que é ser adolescente em acolhimento;
- Se isso é fácil;
- Com quem os adolescentes conversam sobre essa etapa de suas vidas.

[6] Dinâmicas adaptadas de Lopes, E.B et al. Metodologias para o trabalho Educativo com adolescentes. Capítulo 6. Revista Adolescer Compreender, Atuar e Acolher, online. Disponível em <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html> Acesso: 02 de maio de 2014.

Apêndice I: 3º encontro com os adolescentes

O objetivo do terceiro encontro é discutir sobre a formação da personalidade na adolescência e refletir sobre a autoestima – estimular o pensamento de como "eu me vejo" e que "cara eu passo".

Dinâmica: As Máscaras do Adolescer[7]

O facilitador irá organizar e orientar os participantes para o início da dinâmica, a qual tem por objetivo discutir sobre a formação da personalidade no processo de adolescer e refletir sobre a autoestima.

Materiais: Sala ampla, aparelho de som, músicas, máscaras, marcador para quadro branco, corações de papel, balão, canetinhas, purpurina, cola entre outros.

Desenvolvimento:

1 - Os participantes entram na sala e recebem um balão e um coração. No coração está escrito a frase: "Autoestima: como aprender a gostar de si mesmo", e os balões serão coloridos para facilitar a formação de grupos posteriormente. A sala estará decorada com máscaras brancas, que no verso trarão palavras e significados, expressando aspectos de nossa personalidade (Ex: pessoa responsável; amável; autêntica; confiante; estudiosa; trabalhadora; brava; chata; arrogante; individualista; carinhosa, entre outros)

2 O facilitador sugere aos participantes que busquem uma máscara e juntamente com os materiais de apoio expressem na máscara a palavra que está em seu verso, colorindo-a.

3 No momento seguinte, o facilitador trabalha com a expressão corporal, solicitando aos participantes: Andar na ponta dos pés; andar apoiando o corpo no calcanhar; andar na chuva; andar em uma superfície quente; andar passando por uma porta estreita; andar em câmara lenta; andar em marcha ré; dançar com as máscaras; contracenar com o sentimento da máscara; olhar-se; e trocar de máscara.

4 A cada intervalo da dinâmica, o facilitador chama um grupo de balões, aleatoriamente, para realizar a tarefa.

5 Após, os participantes deverão encher os balões, falar sobre o sentimento que receberam nas máscaras. O facilitador ouve os participantes.

---

[7] Dinâmicas adaptadas de Lopes, E.B et al. Metodologias para o trabalho Educativo com adolescentes. Capítulo 6. Revista Adolescer Compreender, Atuar e Acolher, online. Disponível em <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html> Acesso: 02 de maio de 2014.

6 Todos os balões são reunidos no centro da sala, formando um semicírculo, sugere-se ao grupo que leia atentamente o que está escrito no coração e discuta: o que é autoestima? O que ela tem haver com os sentimentos que trabalhamos nas máscaras? Como vivemos nossa autoestima?

7 Toca-se a música final e amarram todos os balões e decora-se a sala.

Apêndice J: 4º encontro com os adolescentes

O objetivo do quarto encontro é discutir sobre a vivência do acolhimento institucional e construir o Mapa Mínimo das Relações - MMR.

Dinâmica: Foto linguagem

O facilitador organiza a sala para acolher os participantes e orienta-os quanto aos procedimentos da dinâmica.

Material: fotos de jornal e revistas.

Desenvolvimento:

Os participantes deverão caminhar pela sala e olhar as figuras de revistas, que expressam a realidade que se vive e refletir (ligar dois ou mais fatos e ter uma opinião sobre eles).

Cada participante deverá escolher duas figuras cada um e uma revista e se distribuírem pela sala. Selecionar figuras que expressem as pessoas que convivem com eles no lar, família, escola, sociedade.

Em uma folha branca de papel, os participantes desenharão uma pessoa representando eles próprios e colocarão ao redor as figuras selecionadas.

Olhando para os recortes cada um receberá um mapa que represente o MMR (o mapa é dividido em quatro quadrantes, os quais representarão: 1º - Família e/ou lar de acolhimento; 2º - amizades; 3º relações de trabalho e/ou escola; e 4º relações comunitárias) transpondo-as ao mapa, identificando quais são esse vínculos.

Após a elaboração individual do MMR, os participantes apresentarão seu “desenho” ao grande grupo. Esses desenhos serão guardados pela pesquisadora.

Apêndice I: 5º encontro com os adolescentes

O quinto encontro terá como objetivo avaliar a realização das dinâmicas, a efetivação do estudo, bem como a validação final dos dados coletados.

Dinâmica: Teias do adolescer

O facilitador organizará a sala para a recepção dos adolescentes e dará as orientações cabíveis.

Material: um novelo de lã, aparelho de som e música ambiente.

Desenvolvimento:

Antes de iniciar a dinâmica, o pesquisador conversará, individualmente, com cada adolescente para poder validar os dados coletados, esses dados serão apresentados aos adolescentes de forma escrita, em material impresso.

O facilitador convidará os participantes a se organizarem em um círculo, em que todos possam enxergar uns ao outros. Será solicitado para refletirem sobre todas as dinâmicas realizadas durante a efetivação da pesquisa, primeiramente serão mentalizadas as respostas das seguintes perguntas:

Como foi para eu participar da pesquisa?
Consegui expressar meus sentimentos e minhas opiniões durante as dinâmicas?
Teria mais alguma coisa que gostaria de compartilhar com o grupo?

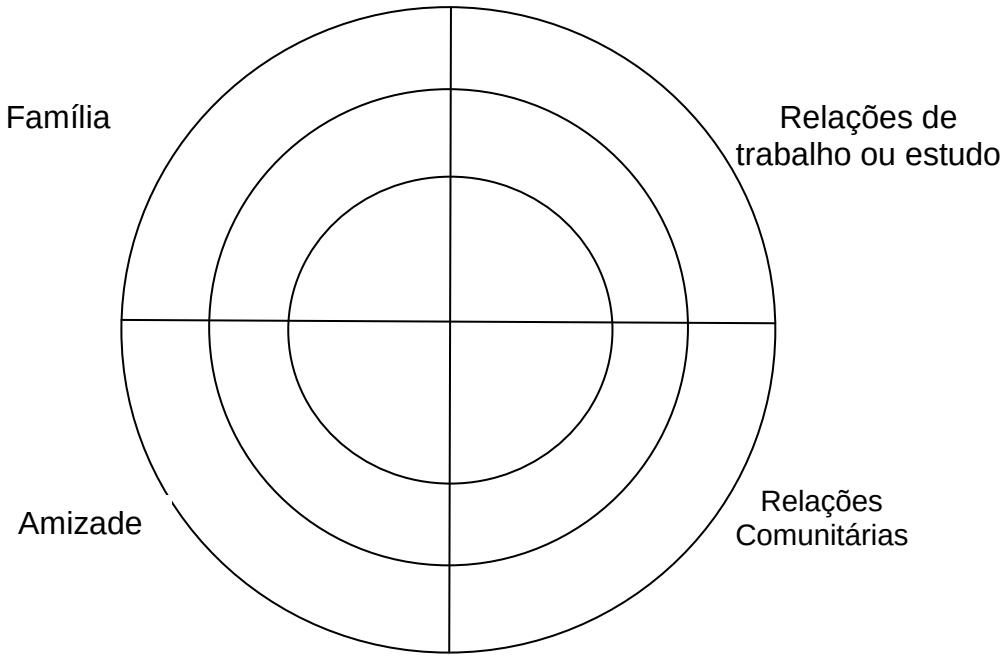
O facilitador com o novelo de lã em suas mãos iniciará a dinâmica, verbalizando sobre sua visão dos encontros realizados, colocando de forma resumida os dados coletados, após, jogará o novelo para um participante, que poderá falar sobre as perguntas realizadas no primeiro momento e assim sucessivamente o novelo percorrerá por todos os envolvidos, formando uma teia, que representará o comprometimento de cada um, a importância do grupo para o bom êxito dos encontros.

Encerrado este momento, a pesquisadora agradecerá a todos os adolescentes pela participação na pesquisa, realizando uma confraternização com os mesmos e com os profissionais da instituição de acolhimento.

ANEXO

ANEXO A- MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Pesquisa: ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica



II Relatório do Trabalho de Campo

Introdução

O presente relatório foi elaborado como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, nível Mestrado. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa 2: Epidemiologia, práticas e cuidado na saúde e Enfermagem. O mesmo corresponde à pesquisa intitulada "Adolescentes em Contexto de Acolhimento Institucional: percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica".

O mestrado acadêmico teve inicio em março de 2013, ao iniciá-lo pude perceber a magnitude que envolve o processo de ensino-aprendizagem, momentos de descoberta, reflexão e busca por conhecimento. A temática da dissertação sempre foi uma inquietação presente durante a trajetória acadêmica e profissional. Sendo assim, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva sobre a temática da adolescência na perspectiva de adolescentes institucionalizados.

Após a definição do tema para a realização desta dissertação, foi construído o projeto de pesquisa que orientou esta pesquisa, aprovada no exame de qualificação no dia treze de junho de 2014, contemplando o cronograma de desenvolvimento do projeto de pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa foi Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica, e teve como questão norteadora: Qual a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica?

Para tanto, embasou-se no referencial teórico do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, o qual veio de encontro às características da pesquisa, pois o autor desenvolve pesquisas com o intuito de perceber o desenvolvimento humano nos diversos ambientes.

O Método Criativo Sensível contribuiu como referencial metodológico, por utilizar dinâmicas de criatividade e sensibilidade como forma de interagir com os participantes da pesquisa.

Estratégia metodológica: a coleta de dados

A coleta de dados da presente pesquisa foi desenvolvida em um município da Região Norte do Rio Grande do Sul, em um programa de acolhimento institucional, que a pouco tempo passou por uma fusão de lares de acolhimento existentes no município. Devido a essa situação, o local da pesquisa passou a acolher as crianças e adolescentes dos outros lares, sendo todos pertencentes ao município.

A instituição de acolhimento caracteriza-se por abrigo comum, ou seja, serviço que oferece acolhimento, cuidado e espaço de desenvolvimento e socioeducação para grupos de crianças e adolescentes de 0 a 18 anos incompletos sob medida protetiva de abrigo. Entidade que funciona como moradia provisória até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou, na sua impossibilidade, o encaminhamento para família substituta. Indica-se como adequado um número máximo de 20 usuários de ambos os sexos e respeitando o não desmembramento de grupos de irmãos ou outros vínculos de parentesco.

O programa de acolhimento é semelhante a uma residência e é mantido por um corpo de profissionais capacitados para o exercício das atividades de acompanhamento das crianças, dos adolescentes e de suas famílias. Atualmente, conta com uma psicóloga, uma assistente social, duas cozinheiras, um funcionário para serviços gerais, quatro cuidadoras e um guarda municipal, e contempla 24 usuários em caráter de acolhimento institucional.

Como o lar é mantido pelo próprio município, o representante legal é o secretário da Assistência Social, secretaria que mantém financeiramente a instituição de acolhimento.

Na elaboração do projeto de pesquisa, a instituição contava com um número de doze adolescentes, mas ao iniciar a coleta de dados um adolescente já não estava mais em acolhimento, e duas adolescentes apresentavam deficiência intelectual, dessa forma realizou-se a presente pesquisa com nove adolescentes, cinco meninas e quatro meninos.

Utilizou-se, também, como técnica de coleta de dados: as dinâmicas de

criatividade e sensibilidade - DCS, a gravação em câmera digital, diário de campo e o Mapa Mínimo das Relações.

Foram realizados cinco encontros com os adolescentes do lar de acolhimento, os mesmos ocorreram durante os meses de setembro e outubro de 2014. Antes de iniciar a coleta dos dados foi feito contato telefônico com o tutor legal da instituição para apresentação da proposta de pesquisa e solicitação da Carta de Anuência (Apêndice B). Fui encaminhada para a psicóloga e assistente social do acolhimento, as quais também eram representantes legais, portanto o lar tinha uma comissão gestora. Na oportunidade, conversamos um pouco sobre a temática e como o lar de acolhimento era organizado. Acordamos que eu poderia utilizar a sala de estudos da instituição nas quintas-feiras à tarde (das dezoito às dezenove horas), visto que nesses dias não interferiria nas atividades da instituição.

No decorrer da conversa, a psicóloga e a assistente social, que acompanhavam as crianças e adolescentes, foram elencando os participantes a partir dos critérios de inclusão e exclusão do presente trabalho.

Após a qualificação, depois dos ajustes sugeridos pela banca examinadora, encaminhou-se o projeto à Plataforma Brasil para apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O projeto foi aprovado pelo CEP da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sob Parecer nº 754.872 e CAAE 34874014.0.0000.5316 (Anexo B).

De posse da liberação do CEP, retornei à instituição para informar à Comissão sobre a apreciação favorável do Comitê de Ética em Pesquisa e da disponibilidade para começar a coleta dos dados. Combinamos que eu viria em momento pré-estabelecido pelos gestores do lar para expor a proposta da pesquisa, fazer o convite aos adolescentes e que os mesmos pudessem assinar o Termo de Assentimento (Apêndice D), e os representantes legais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice C).

Assim, na quinta-feira, dia 11 de setembro, às 18 horas, iniciei meu primeiro contato com os supostos participantes da pesquisa, na oportunidade fui apresentada aos adolescentes. Em virtude de necessitar de apoio técnico na coleta de dados, duas acadêmicas do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/CESNORS contribuíram com as atividades de observação participante, auxiliando na filmagem em câmera digital e também na organização das dinâmicas de criatividade e sensibilidade.

Nesse dia estavam presentes os nove adolescentes, que segundo critérios de inclusão e exclusão descritos no projeto estavam aptos a participar. Primeiramente, identifiquei-me e logo apresentei sintetizado e oralmente o projeto de pesquisa, finalizando com o convite de participação.

Os adolescentes mostraram-se interessados em participar da pesquisa, assim foram convidados a assinar o Termo de Assentimento (Apêndice D). Ao final combinou-se o segundo encontro, para a próxima quinta-feira, na sala de estudos do lar. O horário estabelecido para o encontro foi firmado por todas as partes interessadas, uma vez que duas adolescentes estudavam à noite.

Dessa forma, no dia 19 de setembro, às 18 horas, deu-se início ao primeiro encontro proposto pela pesquisa, e assim ocorreram mais três encontros subsequentes, nos dias 25 de setembro; 02 e 09 de outubro. Realizou-se pausa de uma semana, tempo para a pesquisadora assimilar o material coletado, como para o grupo de adolescentes refletir sobre os encontros, para que no dia 23 de outubro pudéssemos fazer o fechamento da coleta de dados e a validação final dos resultados.

Optou-se por filmar os encontros com câmera digital para facilitar a análise dos dados coletados por meio das dinâmicas e também por ser uma ferramenta de coleta de dados com os adolescentes, visto que os mesmos durante os grupos conversavam todos juntos, dificultando o entendimento da pesquisadora ao utilizar apenas a gravação em áudio MP4.

As dinâmicas de criatividade e sensibilidade - DCS que guiaram os encontros possibilitaram a formação de um ambiente agradável, no qual os adolescentes puderam participar tranquilamente e com direito de liberdade de expressão. Para que esta atividade ocorresse era necessário que os colaboradores do lar de acolhimento fossem compreensivos. Sendo assim, solicitou-se que cuidassem para que durante os encontros não fossemos atrapalhados pelas demais crianças.

Foi acordado e possibilitado aos adolescentes que durante os encontros eles poderiam realizar atividades como escutar música, comer, beber água, ir ao banheiro, mas ao mesmo tempo essas atividades não poderiam interferir e nem atrapalhar o andamento do encontro.

Após os encontros, a pesquisadora procurava assistir aos vídeos produzidos para auxiliar e subsidiar a análise dos dados. O Método Criativo Sensível – MCS, descrito por Cabral em 1997, descreve que a análise dos dados deve acontecer

durante as DCS, de forma coletiva, levado em consideração os diferentes procedimentos da coleta de dados: processo grupal, observação participante e a entrevista coletiva semiestruturada.

Trabalhar com o MCS foi uma experiência muito gratificante. Ele é um método maleável, que permitiu criar novas formas de coleta de dados e apresentou uma metodologia simples e ao mesmo tempo rigorosa para se trabalhar com adolescentes, pois apresentava características envolventes, criativas, mas ao mesmo tempo delimitava padrões para a efetivação do mesmo.

O processo grupal permitiu aos participantes a libertação parcial de seus sentidos e sentimentos, falar palavras reprimidas, o silêncio se torna voz e atitudes coletivas (CABRAL, 1997).

Relatório do Trabalho de Campo: Diário de Campo

A pesquisa intitulada **Adolescentes em Contexto de acolhimento institucional percepção acerca da adolescência na abordagem bioecológica** teve por objetivo conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica.

Para tanto, buscou-se sustentação no referencial teórico do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner (1996), sendo a análise realizada sob o Método Criativo Sensível (MCS) (1997) e o próprio referencial teórico.

Acredita-se que o referencial teórico escolhido foi coerente com a proposta de pesquisa, visto que a violência contra a criança é um fenômeno estreitamente ligado aos aspectos socioculturais, os quais são construídos historicamente, compartilhados nos grupos sociais e modificados em função do tempo e do espaço.

Neste tópico apresentam-se os resultados extraídos das dinâmicas de criatividade e sensibilidade de forma coletiva e também individual dos participantes da pesquisa. A discussão final dos resultados será apresentada no formato de artigo para defesa final da dissertação. Cabe ressaltar que o artigo elaborado para a defesa da dissertação de mestrado está ancorado no objetivo específico: Investigar a percepção dos adolescentes sobre a adolescência. Os dados descritos na presente apresentação dos dados serão subsídios para a elaboração de artigos que apresentarão os demais objetivos e seus resultados.

Conhecendo os adolescentes da pesquisa

Antes de explicitar os resultados encontrados a fim de conhecer a vivência da adolescência em lar de acolhimento, torna-se relevante apresentar os adolescentes participantes do estudo, conforme informações dos tutores legais da instituição e do questionário de autodefinição que os participantes responderam no primeiro encontro. Cumpre salientar que todos os nomes dos participantes utilizados nas

histórias dos adolescentes foram fictícios. É importante ressaltar que não se procurou buscar informações de quanto tempo os adolescentes estavam no lar de acolhimento, devido este ano, há pouco meses ter ocorrido a união dos lares do município, como descrito anteriormente, mas, no entanto recebemos informações que todos estavam em acolhimento institucional, desde sua infância.

Adolescente **Leonardo** – 12 anos, comunicativo, pretendia ser veterinário e em suas horas de distração jogava bola. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares, era irmão de **Ana Júlia**, os dois possuíam outra irmã mais nova no lar de acolhimento.

Adolescente **Maria Luiza** – 17 anos, comunicativa, observadora, pretendia realizar seus sonhos e em suas horas de distração dançava e passeava. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Laísa Manoela** – 16 anos, comunicativa, observadora, pretendia ser advogada e em suas horas de distração ficava com suas amigas. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Mestre Chico** – 15 anos, comunicativo, pretendia fazer faculdade e em suas horas de distração jogava bola com os amigos. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Ashilyn** – 16 anos, comunicativa, pretendia ser psicopedagoga e em suas horas de distração dançava. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Maria Vitória** – 15 anos, comunicativa, pretendia ser professora e em suas horas de distração dançava com as meninas do lar. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares e irmã de **Eduardo**.

Adolescente **Eduardo** – 12 anos, comunicativo, pretendia fazer faculdade e em suas horas de distração jogava bola. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Ana Júlia** – 13 anos, comunicativa, pretendia ser psicóloga e em suas horas de distração conversava com suas amigas do lar. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Adolescente **Diego** – 13 anos, comunicativo, pretendia ser jogador de futebol e em suas horas de distração jogava bola. Estava no lar de acolhimento devido negligência dos pais e familiares.

Entre os adolescentes da pesquisa existiam dois casais de irmãos, **Maria**

Vitória e **Eduardo**; **Leonardo** e **Ana Júlia**; primos.

Todos os adolescentes estavam em acolhimento institucional desde sua infância, e estavam vivendo sua adolescência no lar, o que enriqueceu os detalhes da pesquisa.

Os dados apresentados emergiram dos encontros realizados e foram descritos por meio do Diário de Campo.

Primeiro encontro: DCS _ Tribo Indígena: quem sou eu? e Adolescer

O primeiro encontro aconteceu no dia 18 de setembro de 2014, às 18 horas, na sala de estudos do lar de acolhimento. Teve como objetivo nomear os participantes por seus codinomes e refletir como os adolescentes percebiam o processo da adolescência. Esse encontro teve duração de uma hora e quarenta minutos, realizou-se duas dinâmicas, nas quais deveriam ser confeccionados os crachás, desenhos e cartazes representando a adolescência. Participaram das dinâmicas os nove adolescentes. A sala de estudos foi preparada para a chegada dos alunos, dispostos na mesa de estudos, os materiais para a dinâmica e os crachás feitos de papel cartão nas cores rosa, amarelo, verde e laranja. Cada adolescente escolheu a cor que desejava e enfeitou seu crachá com o codinome, sete dos nove adolescentes escolheram o nome de seus irmãos, os outros dois escolheram nomes que mais lhe agradavam. Vale ressaltar que a pesquisadora e acadêmicas de enfermagem, também optaram por escolher um nome fictício e usar crachá em todos os encontros como forma de compartilhar daquele momento com os adolescentes, assim fomos identificados por Mel – pesquisadora; Barbara – observação participante 1; e Ana Nery – observação participante 2.

Os adolescentes chegaram ao encontro bem felizes, tranquilos e colaborativos. Cada atividade era explicada pela pesquisadora e tomava-se o cuidado para deixar bem explicada a atividade, repetindo as explicações sempre que fosse necessário. Nesse primeiro momento, ocorreu a atividade individual, escolha do codinome e a confecção de um desenho representando a adolescência, para posterior formação de dois grupos a fim de coletivamente elucidarem em um cartaz “Adolescência é...”.

Durante essa atividade uma menina (Maria Luiza) não quis realizar o desenho e ao final do cartaz três meninos (Mestre Chico, Leonardo, e Eduardo) saíram do encontro para brincar. Respeitou-se a vontade dos adolescentes, que eram livres

para realizarem ou não as atividades propostas. Após a elaboração do material artístico, o mesmo foi apresentado pelos grupos e no coletivo ocorreu uma discussão dos dados coletados, analisados por todos os participantes.

Percebeu-se que as dinâmicas possibilitaram aos adolescentes um maior entendimento das atividades propostas, bem como proporcionou um ambiente favorável para a discussão da problemática.

No inicio do encontro estava um pouco nervosa, pois era algo novo para mim, além de ser uma grande responsabilidade, mas a partir do contato com os adolescentes o encontro foi ficando muito claro e tranquilo. Desse encontro pude perceber que cada adolescente reagia de uma forma diferente quando estimulado, uns acabaram liderando o grupo e organizando os trabalhos; as meninas eram mais centradas nas discussões e interagiam com maior facilidade; uma menina (Ana Julia) mostrou-se mais reservada; um menino (Diego) apresentava maior dificuldade de realizar as atividades. No entanto, o grupo foi colaborativo e bastante comunicativo.

A seguir, apresenta-se, na figura 1, os crachás dos participantes, desenhos e cartazes confeccionados no primeiro encontro nas figuras 2 a 10.

Figura 1 - Crachás dos participantes

Desenhos confeccionados pelos adolescentes

Figura 2 – Desenho de Maria Vitória – Percebendo a fase da adolescência

Figura 3 – Desenho de Ana Júlia – Percebendo a fase da adolescência

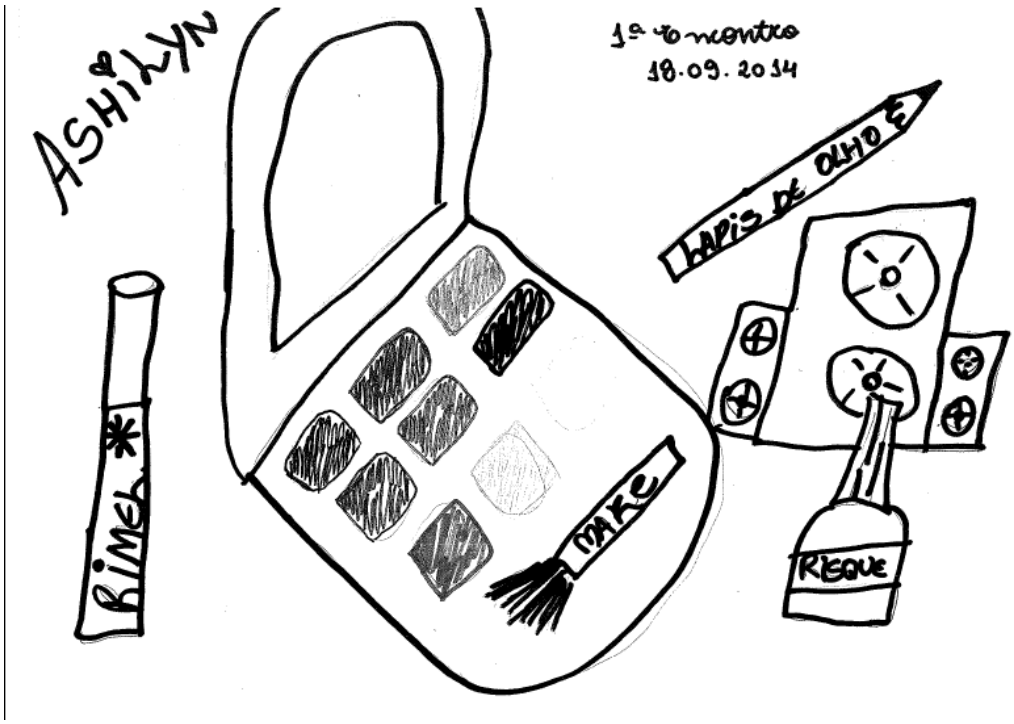


Figura 4 – Desenho de Ashilyn – Percebendo a fase da adolescência

Figura 5 – Desenho de Laisa Manoela – Percebendo a fase da adolescência

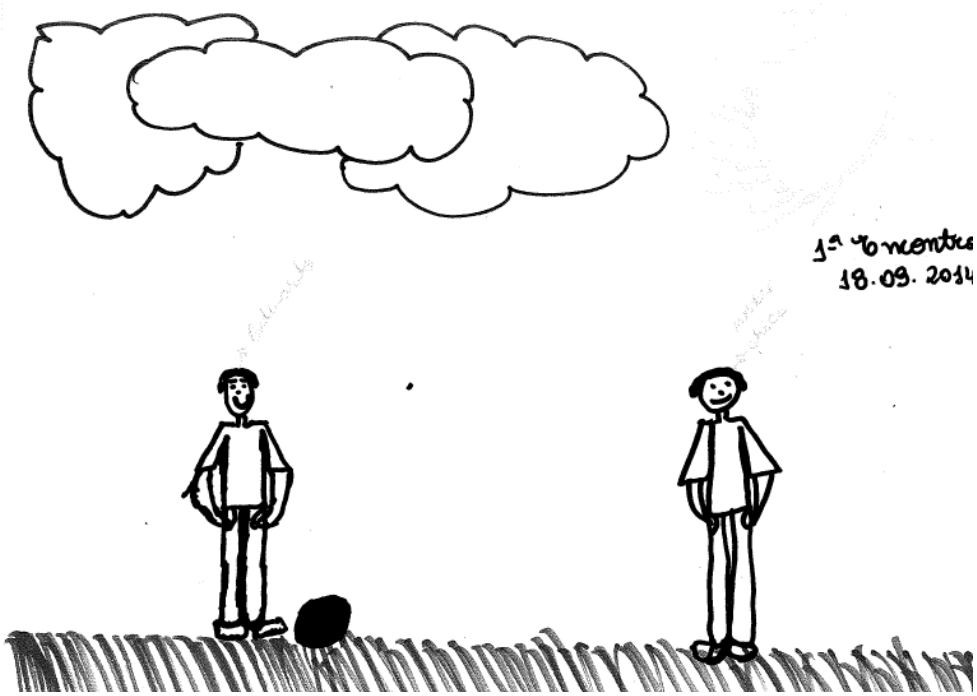


Figura 6 – Desenho de Eduardo - Percebendo a fase da adolescência

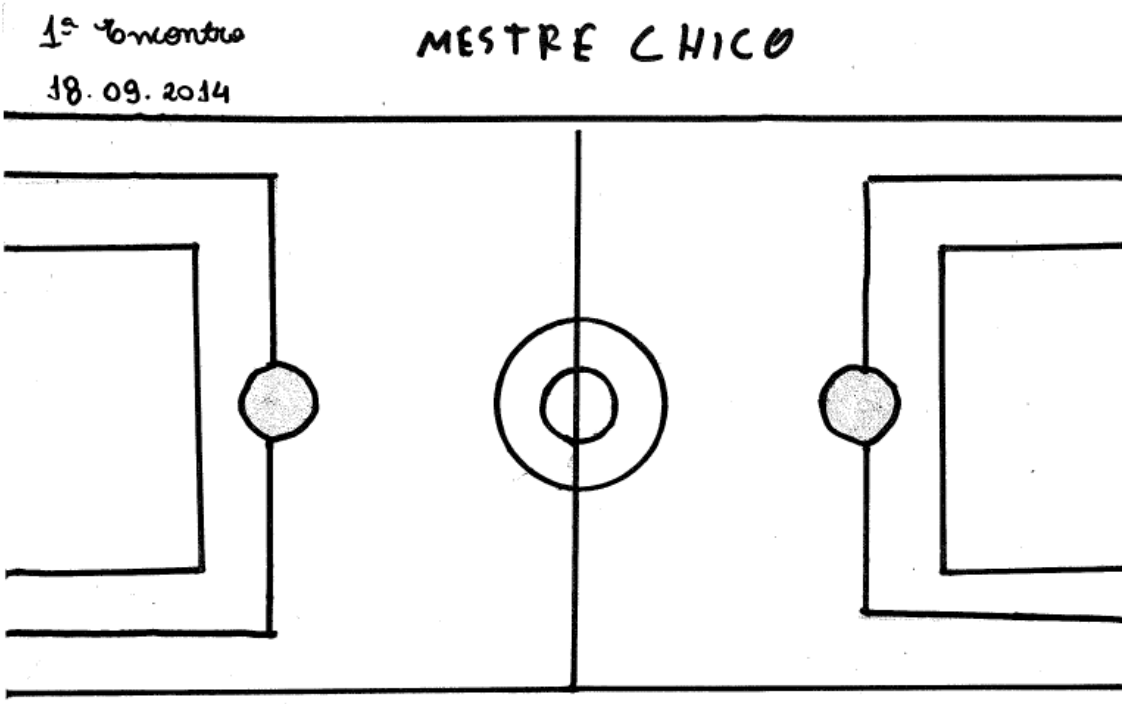


Figura 7 – Desenho de Mestre Chico – Percebendo a fase da adolescência

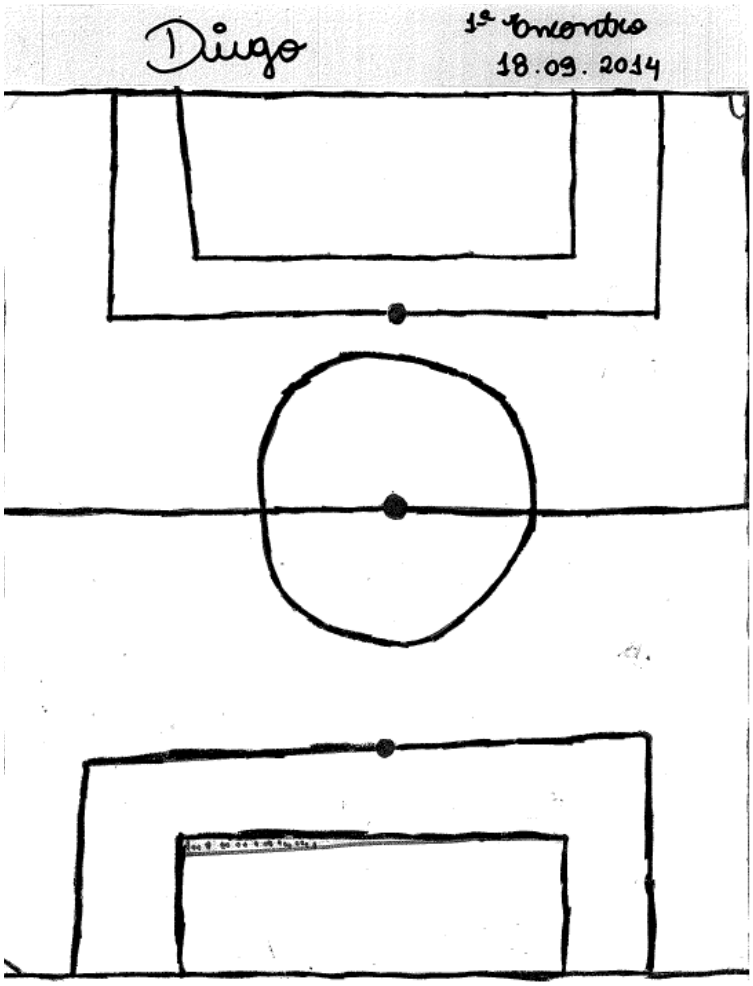


Figura 8 – Desenho de Diego – Percebendo a fase da adolescência

Figura 9 – Desenho de Leonardo – Percebendo a fase da adolescência

Cartazes confeccionados pelos adolescentes

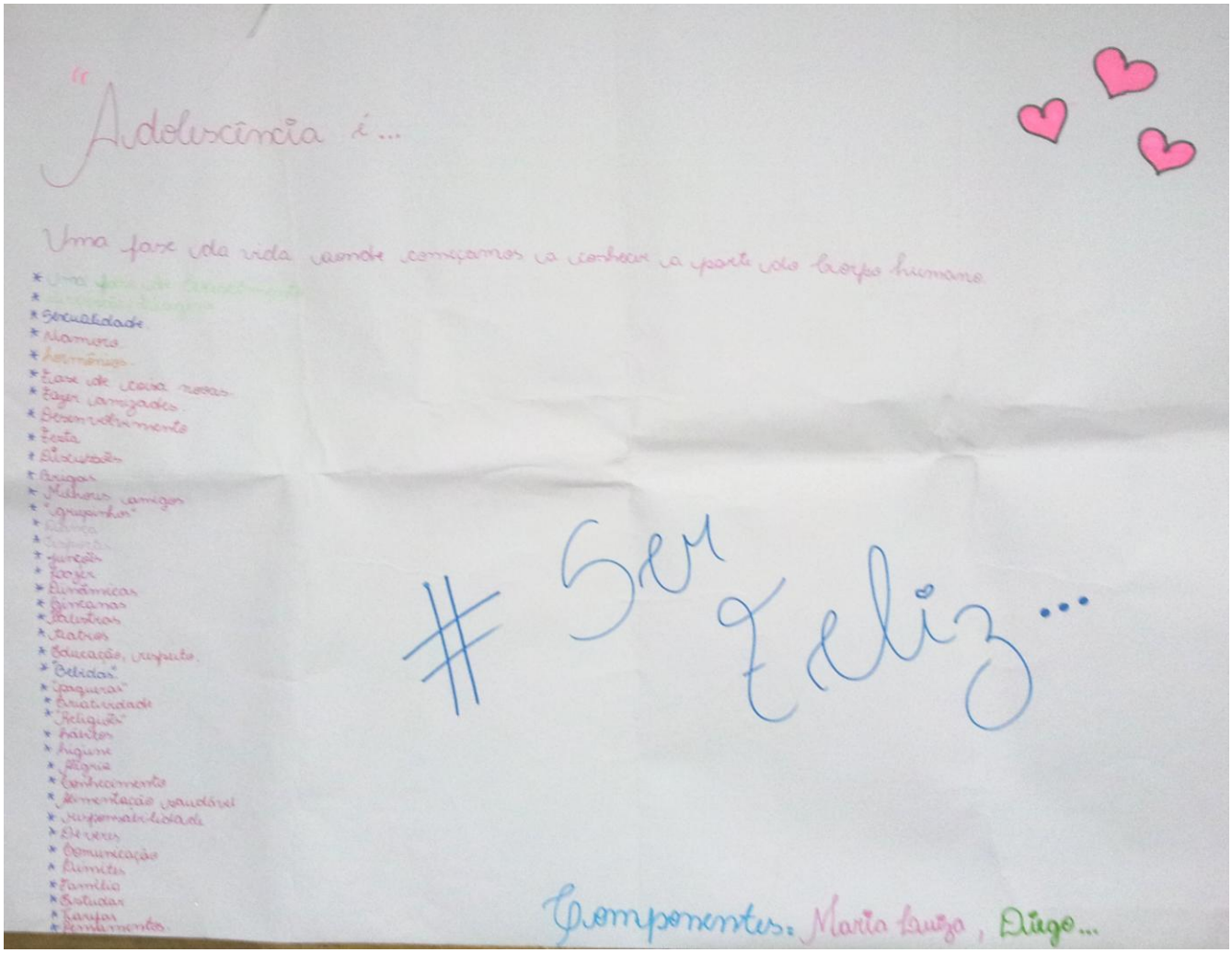


Figura 10 – Cartaz de Maria Luiza e Diego – Adolescência é...

Figura 11 – Cartaz de Maria Vitória, Ashilyn, Laisa Manoela e Ana Júlia – Adolescência é...

<u>Segundo encontro</u>: DCS - Acolhimento: Descobrindo a Adolescência

Ocorreu no dia 25 de setembro de 2014, às 18 horas, na sala de estudos do lar de acolhimento. Teve como objetivo discutir a descoberta da adolescência em acolhimento institucional.

Esse encontro teve duração de uma hora. Na oportunidade foram confeccionados cartazes coletivos sobre a vivência da adolescência no lar. Participaram das dinâmicas os nove adolescentes. A sala de estudos foi preparada para a chegada dos adolescentes, procurou-se organizar a sala, fixar os cartazes da dinâmica do encontro anterior na parede. No segundo encontro observou-se que os adolescentes estavam mais a vontade, que a curiosidade e a criatividade puderam fazer parte desse processo, um aspecto importante e que chamou a atenção, foi a facilidade que eles tinham em interagir com o novo ambiente que lhes era apresentado.

Durante as dinâmicas os meninos apresentavam-se mais inquietos, sendo que as meninas acabaram realizando as atividades de escrever, enfeitar, dialogar sobre o assunto com mais calma; e em contra partida os meninos expressaram com rapidez o que queriam, sem muitos rodeios. Nessa dinâmica, dividiram-se os adolescentes em dois grupos, foi proposta uma reflexão comparativa sobre a infância e a adolescência, suas diferenças e como vivenciaram cada uma das fases, para que pudessem expressar em pequenas frases, palavras como era adolescer em acolhimento institucional. Após essa reflexão, os adolescentes apresentaram seus cartazes e, coletivamente, foram discutidos os desenhos e frases transcritas.

O MCS possibilitou aos participantes expressarem seus sentimentos, criando um ambiente de afeto e emoção quando tratavam de temas cujos os interesses eram comuns. Pude perceber que além de ser um método para coleta de dados, possibilitou a análise coletiva e a validação dos dados, pois no momento em que os adolescentes apresentavam suas produções artísticas, o grupo interagia com suas opiniões, analisava as produções para que no encerramento pudéssemos validar com o exposto pelo grupo.

As atividades iam ocorrendo de forma muito tranquila, percebia-se que os meninos, exceto nessa dinâmica o Diego, não permaneceram até o final, para a conclusão das atividades. Contudo, esta ausência não impossibilitou a realização do proposto. A criatividade esteve muito presente nos grupos, cada um expressou seus

sentimentos. Ao final, percebeu-se que os grupos, apesar de elucidar de formas diferentes, acabaram concluindo que Adolescer no lar é: "*em partes, viver aqui me faz muito bem*" (frase escrita pelo grupo Ashilyn, Eduardo, Diego, Maria Luiza e Leonardo); o que corrobora com a criatividade do outro grupo, os quais expressaram as seguintes palavras: "*um saco...", "tri..."; "maios ou menos...", "show de bola...", "às vezes divertido...","* *às vezes chato...", "legal...", "as festas", "dançar", "assistir tv", "namorar", "nos reunirmos", "jogar bola", "não apanhar", "passear com as cuidas", "comer", "fazer grupinhos", "ouvir música", "ver filme".*

O que chamou atenção nessa produção foi que os adolescentes desenharam uma casa, com janelas e com cortinas e a porta aberta (grupo Laisa Manoela, Mestre Chico, Maria Vitória, Ana Júlia). Este desenho nos fez refletir que o lar de acolhimento era a casa desses adolescentes, poderia não ser o ideal, mas era o que estava permitindo o adolescer.

A seguir apresentam-se as produções artísticas. Figuras de 11 a 13.

Produções artísticas dos adolescentes

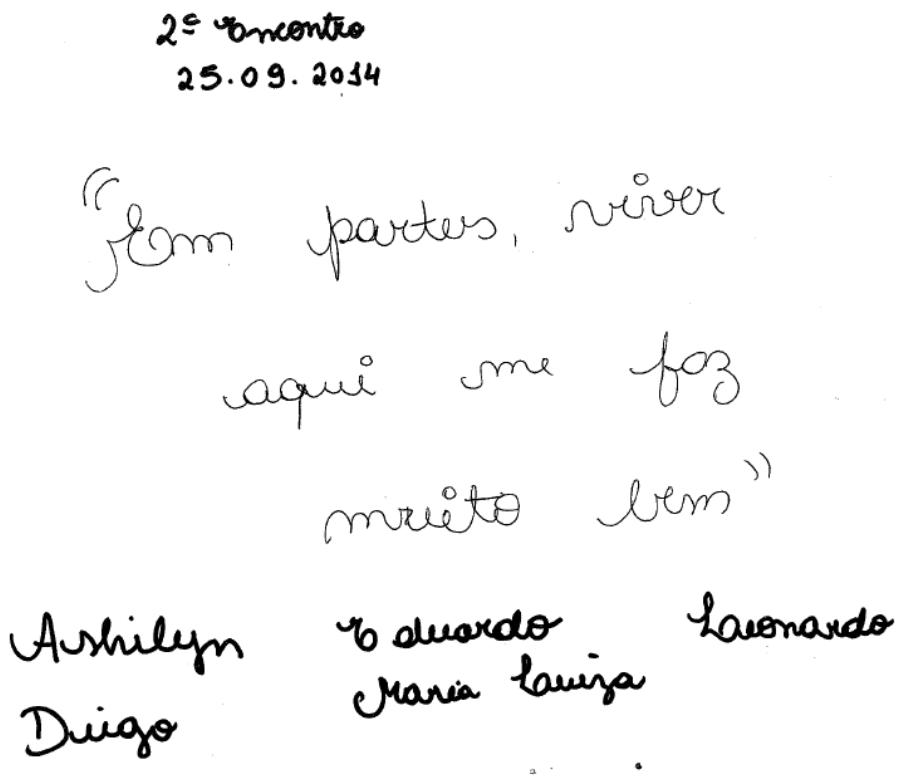


Figura 12 – Frase de Ashilyn, Eduardo, Leonardo, Diego e Maria Luiza – Adolescer no lar é...

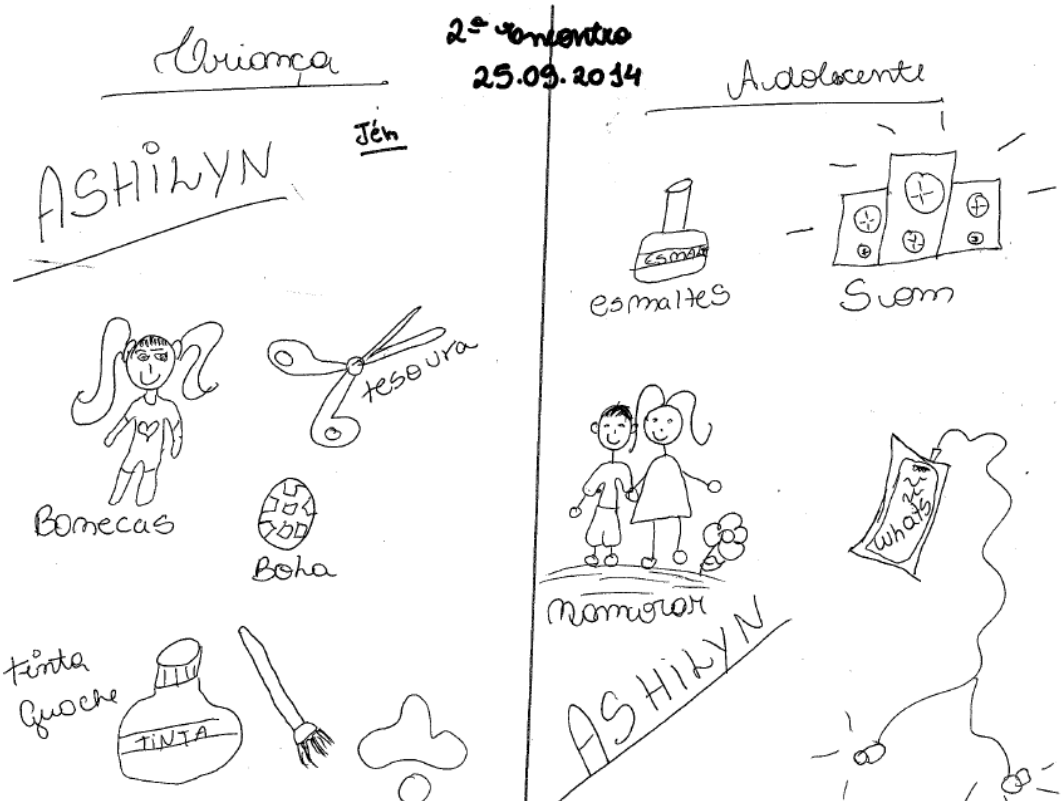


Figura 13 – Desenho Ashilyn – Vivência da Adolescência no lar

Figura 14 – Cartaz de Laisa Manoela, Mestre Chico, Maria Vitória, Ana Júlia - Adolescer no lar é...

<u>Terceiro encontro</u>: DCS _ As Máscaras do Adolescer

O terceiro encontro ocorreu no dia 02 de outubro de 2014, às 18 horas, na sala de estudos do lar de acolhimento. Teve como objetivo discutir sobra a formação da personalidade no processo de adolescer e refletir sobre a autoestima. Participaram desse encontro sete adolescentes. Esse encontro teve duração de quarenta minutos. Para recepcionar os adolescentes a sala foi toda arrumada com máscaras coloridas, disposta no teto com fio de naylon. Atrás de cada máscara estava escrito um traço da personalidade dos adolescentes como confiante, desconfiado, chato, desobediente, individualista, carinhoso, estudioso, bravo, amável, responsável, e autêntico. Participaram do encontro sete adolescentes. Quando entraram na sala, foi explicada a dinâmica e entregue um balão. Cada adolescente escolheu uma máscara e identificou por meio de frases ou palavras o significado da personalidade que estava descrito em sua máscara. Um adolescente (personalidade) é ...

Confiante – *"uma pessoa que sabe o que quer, que é decidido"* (Laisa Manoela);

Desconfiado – *"que não confia em ninguém"* (Maria Vitória);

Chato – "*uma pessoa que fica parada, incomodando a gente, tipo quer fazer as coisas sozinho lá, não que ninguém com ele"* (Mestre Chico), "*insuportável, que não deixa ninguém quieto*" (coletivo);

Desobediente – "*é brigar*" (Diego), "*não fazer as tarefas*" (Eduardo);

Individualista – "*ser um adolescente que gosta de fazer metade das coisas sozinho*" (Maria Vitória);

Carinhoso – "*que quando o outro ta precisando, vai lá e da um abraço no outro, solidariedade*" (Mestre Chico);

Estudioso – "*um adolescente que gosta de estudar*" (Eduardo);

Bravo – "*adolescente ruim*" (Ana Júlia);

Amável – "*um adolescente querido, que concorda com tudo*" (Laisa Manoela), "*que obedece*" (coletivo);

Responsável – "*uma pessoa que cuida dos mais novos*" (Leonardo);

Autêntico – "*que fala tudo na cara*" (Maria Vitória), "*sincero*" (Laisa Manoela), "*que fala a verdade*" (Ana Júlia).

Os adolescentes perceberam que muitas dessas personalidades eles

vivenciam em sua vida, e esses traços faziam parte das transformações da fase do adolescer. Ao formar a personalidade de cada um, muitas vezes, utilizamos essas “máscaras”.

Foi entregue aos adolescentes um coração no qual estava escrito “Autoestima: como aprender a gostar de si mesmo”. Discutiu-se sobre autoestima, como eles se percebem. Ao final do encontro enchemos os balões e colocamos dentro deles, mentalmente, tudo aquilo que nos incomoda, traços de nossa personalidade que atrapalham, sentimentos ruins, energias negativas. A maioria dos adolescentes estouraram depois os balões, foi um momento bem descontraído. Coletivamente foi realizada a análise dos dados coletados, percebendo que “é importante gostar de si mesmo”, “que a autoestima é um dia se sentir bem no outro não, nos dias que não estão bem procuram visitar os amigos, sair, jogar bola”. Concordaram que a autoestima deles, na maioria das vezes, está “boa”, “show de bola”, “legal”; que “é preciso controlar as emoções”.

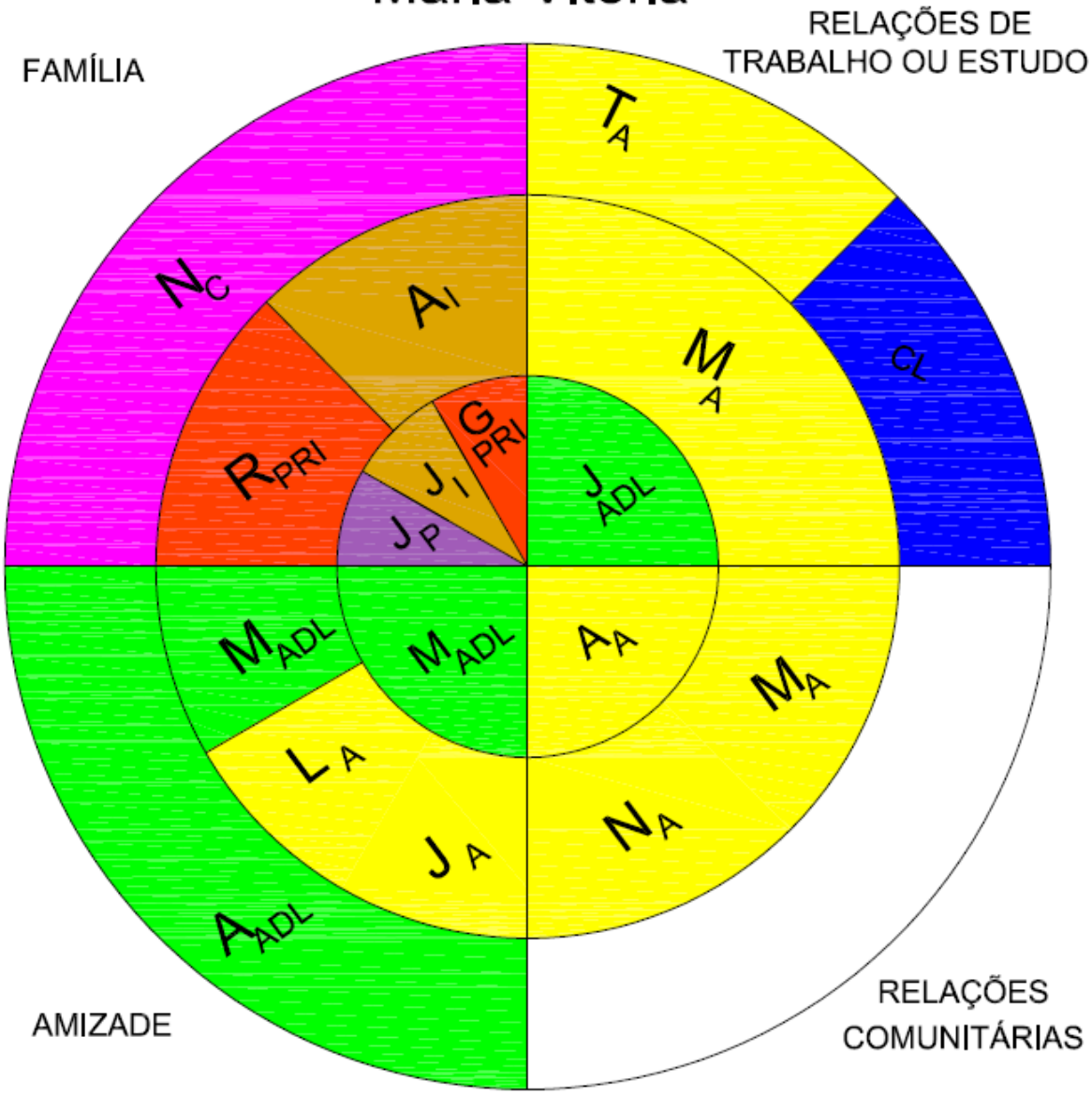
Quarto encontro: DCS _ Foto linguagem

O quarto encontro ocorreu no dia 09 de outubro de 2014, às 18 horas, na sala de estudos do lar de acolhimento. Teve como objetivo elaborar junto aos adolescentes a rede de convivência e construir individualmente o Mapa Mínimo das Relações – MMR. Esse encontro teve duração de quarenta e seis minutos, sete adolescentes participaram. O adolescente Diego não pode participar, pois no dia anterior teve complicações psicológicas e estava sob efeito de psicofármacos. Para recepcionar os adolescentes a sala foi preparada, sendo dispostas as cadeiras, revistas, tesoura e cola. No primeiro momento explicou-se para o grupo o MMR, seus conceitos, e que essa atividade era individual. A pesquisadora e as acadêmicas se dividiram para poder acompanhar essa tarefa, porque muitos deles demonstraram dificuldade em realizá-la.

Em seguida, apresenta-se o MMR de cada Adolescente.

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Maria Vitória

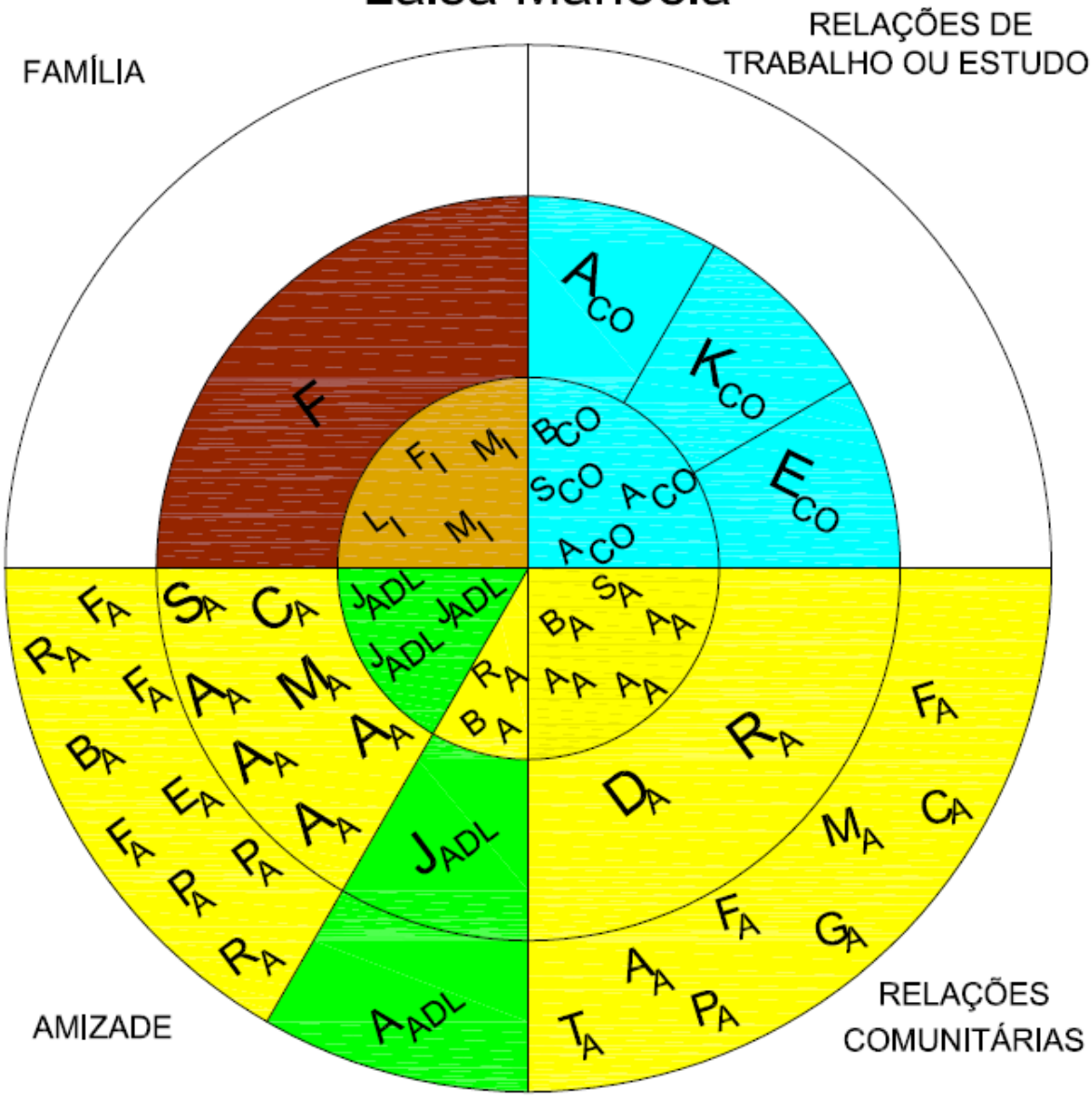


Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

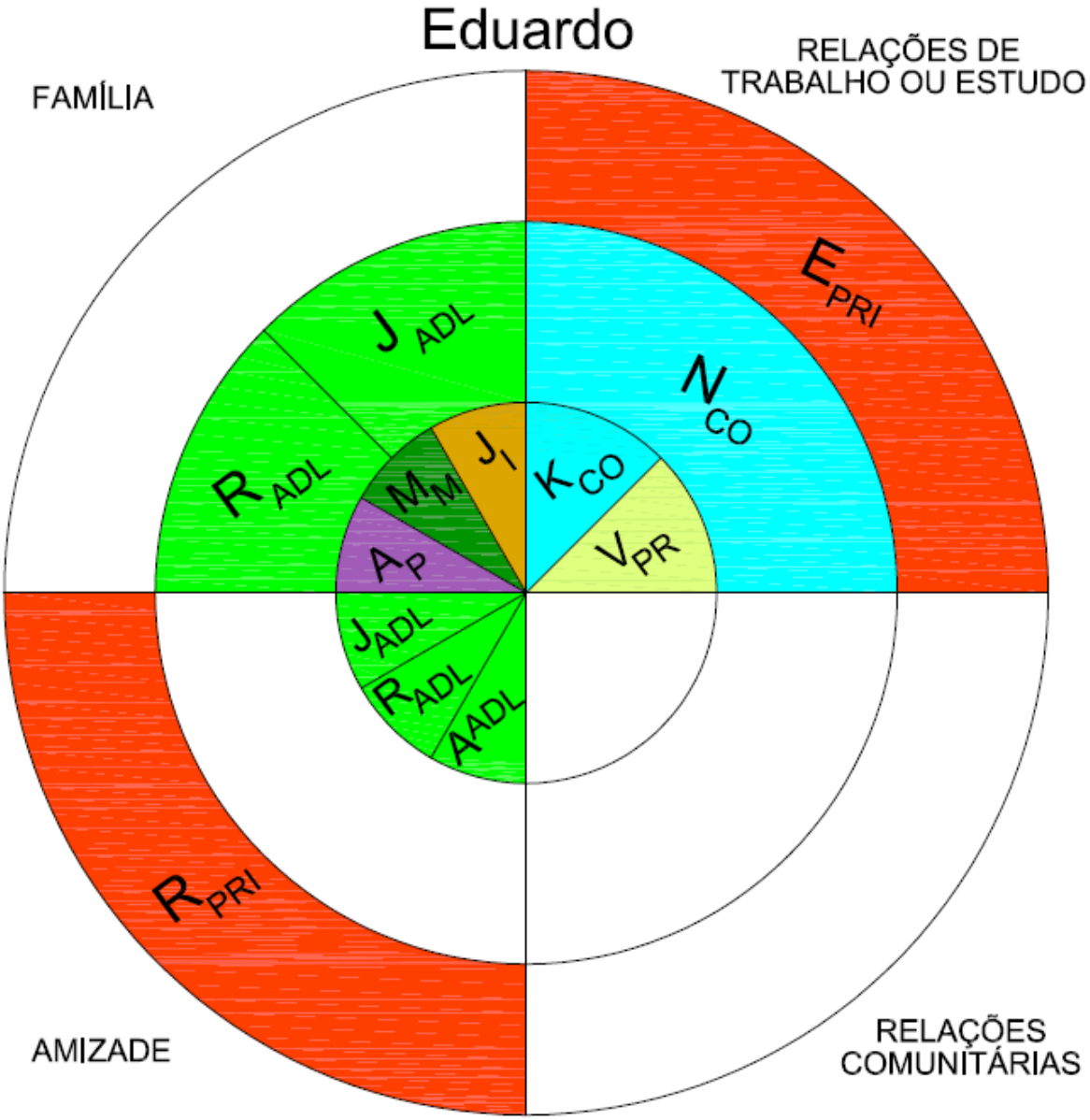
Laisa Manoela



Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

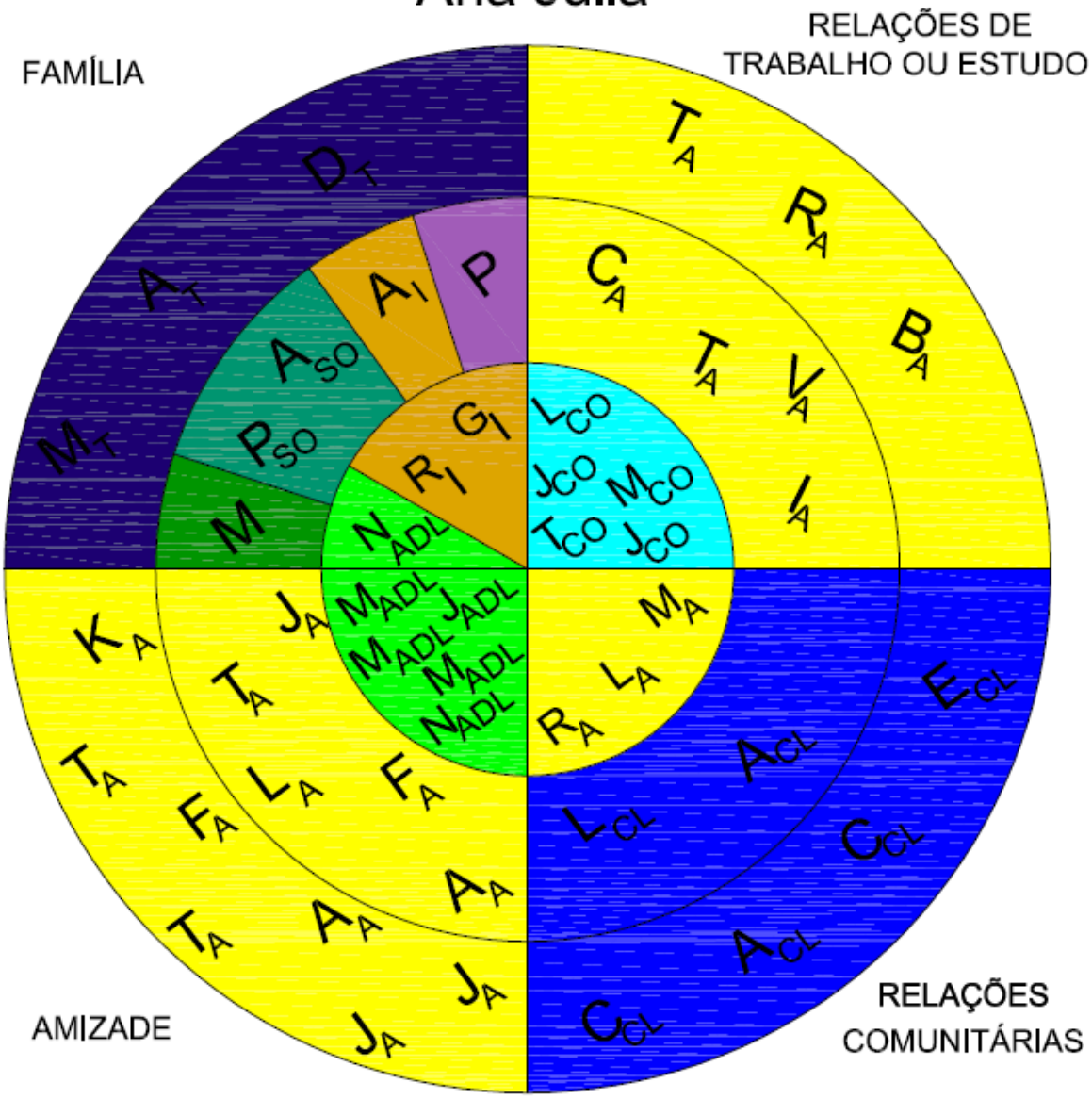


Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Ana Julia

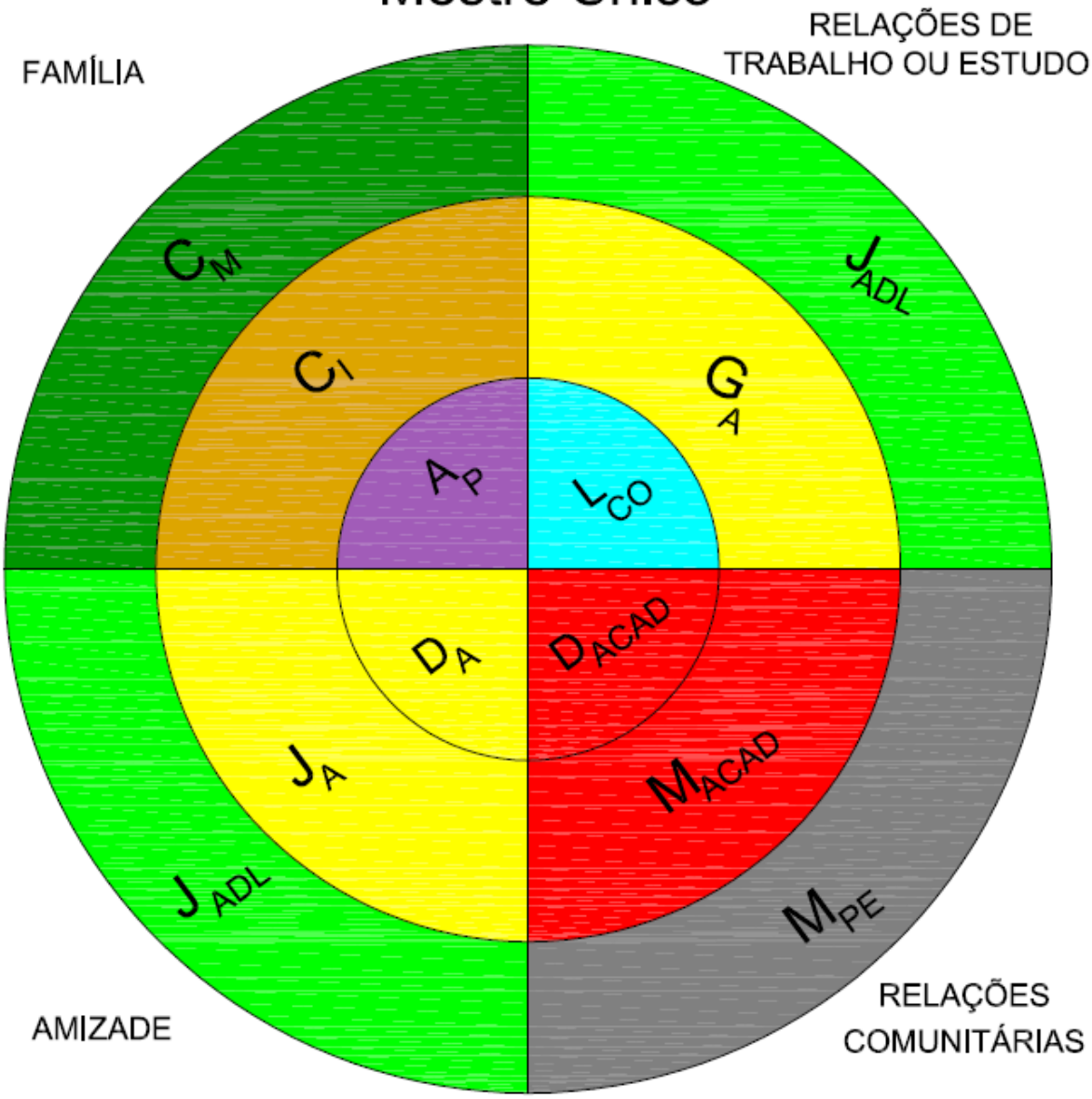


Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Mestre Chico

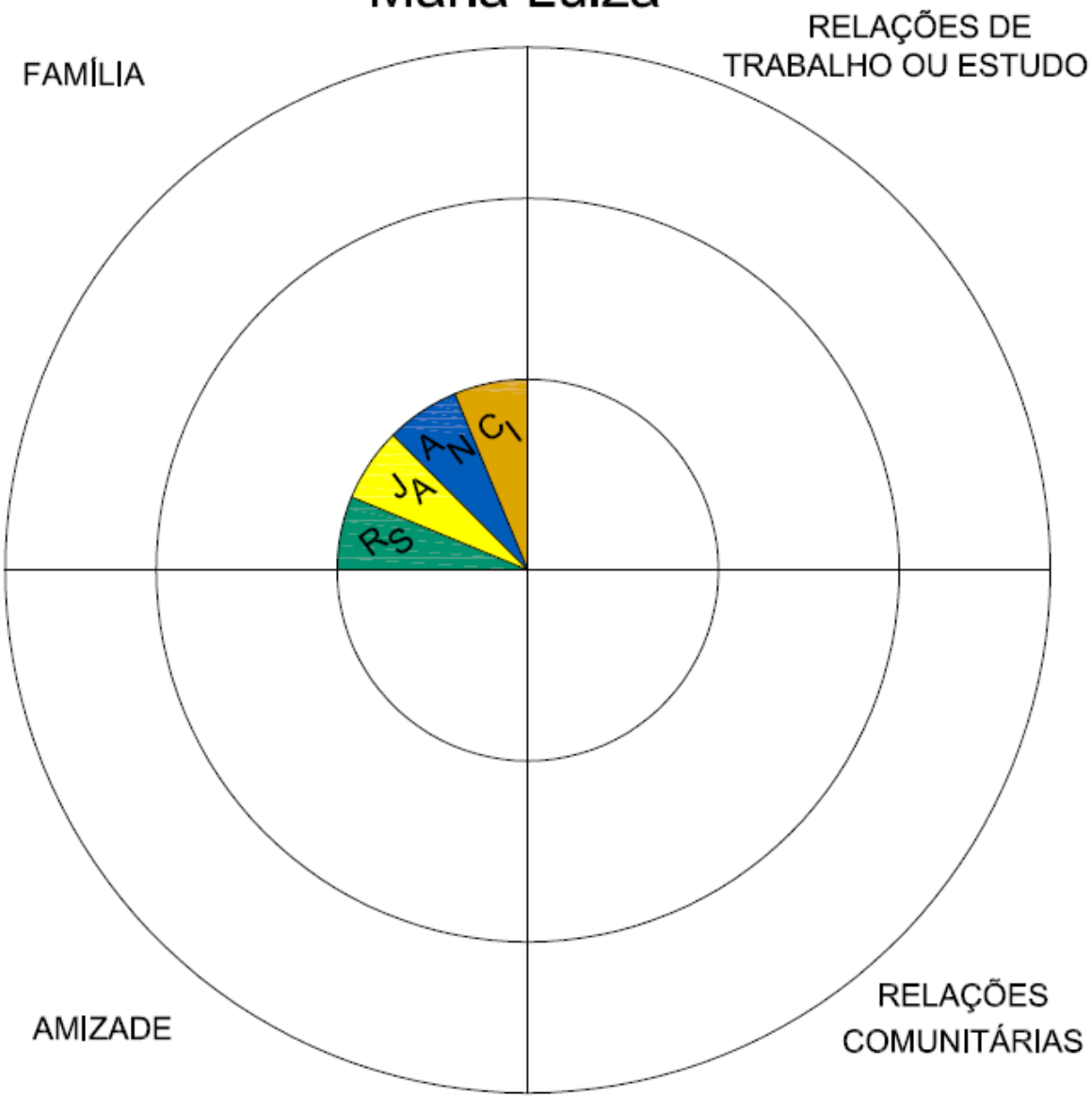


Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Maria Luiza

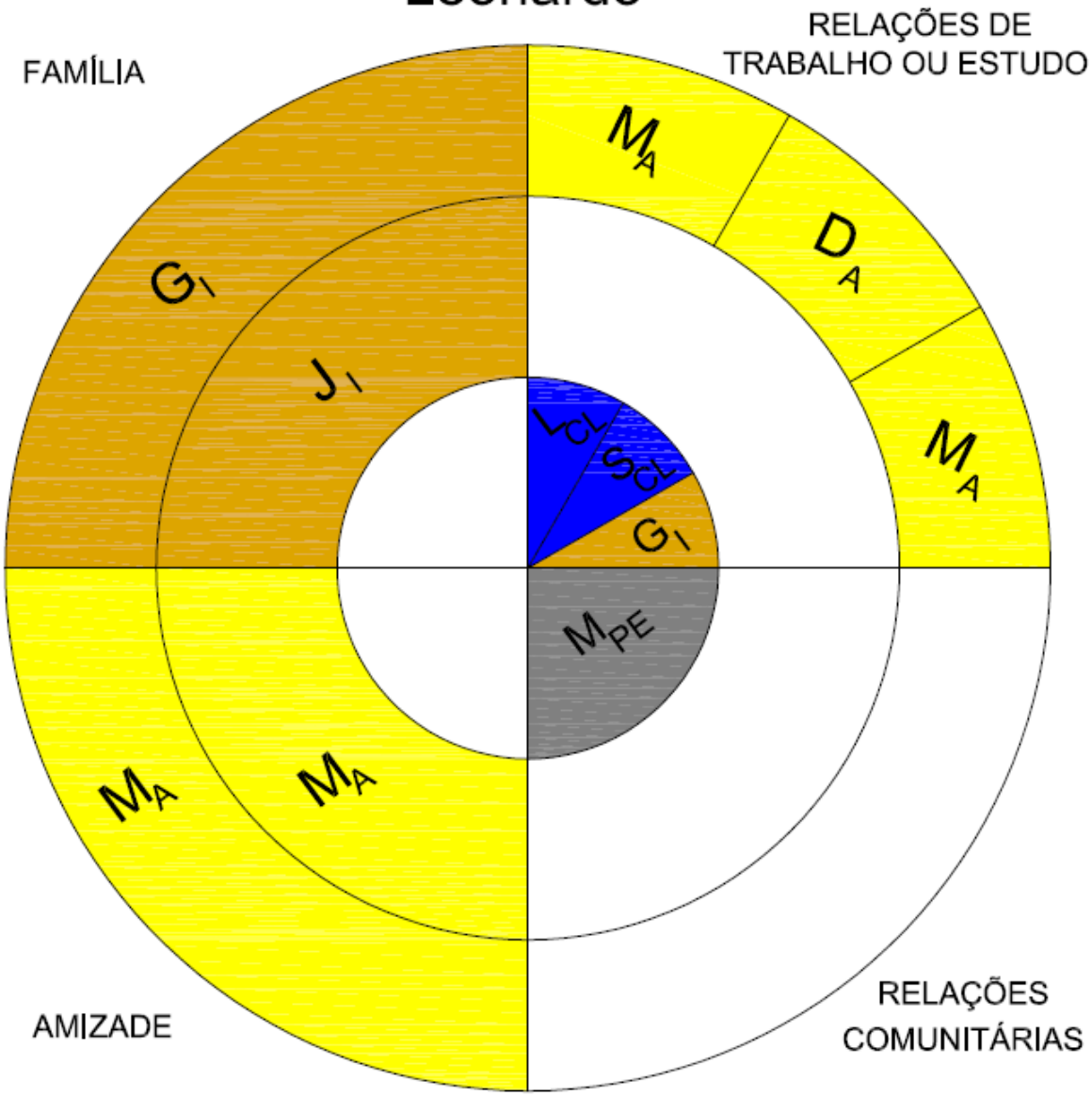


Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

- **A** - Amigo
- **ADL**- Amigo do Lar
- **ACAD** - Acadêmica
- **C** - Cunhado
- **CO** - Colegas
- **CL** - Cuidador do Lar
- **F** - Família
- **I** - Irmão
- **M** - Mãe
- **N** - Namorado
- **P** - Pai
- **PRI**- Primo (a)
- **PR** - Professor (a)
- **PE** - Pesquisadora
- **S** - Sogro (a)
- **SO** - Sobrilho (a)
- **T** - Tio (a)

MAPA MÍNIMO DE RELAÇÕES (MMR)

Leonardo



Legenda: Inicial do Nome da Pessoa + O vínculo estabelecido:

A - Amigo	**ADL**- Amigo do Lar	**ACAD** - Acadêmica
C - Cunhado	**CO** - Colegas	**CL** - Cuidador do Lar
F - Família	**I** - Irmão	**M** - Mãe
N - Namorado	**P** - Pai	**PRI**- Primo (a)
PR - Professor (a)	**PE** - Pesquisadora	**S** - Sogro (a)
SO - Sobrilho (a)	**T** - Tio (a)	

<u>Quinto encontro</u>: DCS _ Teias do Adolescer

O quinto encontro ocorreu no dia 23 de outubro de 2014, às 18 horas, na sala de estudos do lar de acolhimento. Teve como objetivo concluir as dinâmicas de criatividade e sensibilidade e também contribuir para a validação final dos dados coletados. Esse encontro teve duração de trinta minutos e seis adolescentes participaram (Laisa Manoela, Diego, Ana Júlia, Maria Vitória, Leonardo, Mestre Chico). Para recepcionar os adolescentes foi colocado um som ambiente, e formado um círculo com as cadeiras. Ao iniciar, explicou-se aos adolescentes sobre a dinâmica, desenvolvida da seguinte forma:

- Apresentação dos dados coletados em todas as dinâmicas;
- Reflexão individual dos dados;
- Reflexão coletiva dos dados;
- Validação final dos dados;

Juntamente com os adolescentes, a pesquisadora e acadêmicas verbalizaram sobre as dinâmicas e os dados coletados; cada um pode dialogar sobre suas percepções dos grupos. A pesquisadora aproveitou o momento para agradecer a participação de cada um, colocando a importância que os mesmos tiveram para a construção dessa dissertação. Foi um momento muito emocionante, em que não pude controlar as lágrimas. Estar com esses adolescentes me fez refletir sobre muitos aspectos de minha vida pessoal e profissional e desmistificar muitos paradigmas.

Com o novelo de lã nas mãos expressamos as interrogações “Como foi para eu participar da pesquisa? Consegui expressar meus sentimentos e minhas opiniões durante as dinâmicas? Teria mais alguma coisa que gostaria de compartilhar com o grupo?” Enquanto o novelo de lã passava de mãos em mãos, íamos formando uma rede, rede de amizades, de descobertas, de transformações, de mudanças.

Coletivamente, os adolescentes confirmaram os dados coletados e concluíram que a pesquisa também foi especial para eles, sentiram-se a vontade, e enceraram dizendo que em outro momento gostariam de nos encontrar novamente.

Após essa atividade, realizamos com todos os profissionais da instituição de acolhimento, as crianças e demais adolescentes do lar uma confraternização. Presenteamos o lar com uma folhagem, sugerimos que todos pudessem cuidar dela, e que assim formassem um local acolhedor e passível de transformações.

Considerações finais

Esse relatório de dissertação permitiu-me recordar os momentos vivenciados a partir das DCS. Conhecer cada adolescente foi único, nenhuma dinâmica foi igual a outra, com elas aprendi a lidar com cada um dos adolescentes. Mesmo aqueles que apresentaram dificuldades para declarar, demonstraram que gostavam de viver no lar, formaram um forte vínculo com cada criança e adolescente em acolhimento, eles brigavam, discutiam, mas por outro lado se protegiam. Muitas de suas atitudes era uma resposta pelo ambiente ao qual estavam expostos. A separação da família, mesmo sendo pertinente, era um momento difícil para eles.

Segundo Bronfenbrenner, esses são os processos proximais que o ser em desenvolvimento estabelece com o contexto apresentado. Esse contexto, o lar de acolhimento, significava para eles o seu microssistema, no qual as interações entre adolescentes e demais pessoas se constituía a partir de vínculos para próximos e sólidos durante o tempo de institucionalização.

Percebi que em cada ambiente a que estavam expostos passavam por momentos de separação e dor. De alguma forma senti que eles eram fortes e otimistas. Pode ser que não pensavam muito nesse sentimento de dor, mas mostravam em suas atitudes que eram adolescentes que precisavam de espaço, tranquilidade e carinho para se desenvolver.

As meninas eram muito unidas, cuidavam umas das outras, eram confidentes. Dialogavam muito nos grupos, elas precisavam dessa atividade. Os meninos mais brincalhões, interagiam sempre pensando em alguma brincadeira, pelas suas idades se preocupavam mais em se divertir, mas no fundo refletiram sobre seu próprio desenvolvimento.

O lar de acolhimento, conforme a visão da pesquisadora, estava se estruturando e se organizando. Necessitava ampliar seu olhar para a vivência diária de cada criança, o modo como eles reagiam a cada nova estimulação. Prover alimento, sono e repouso, estudar é um aspecto mais presente, mas faltava a questão de transformar o ambiente onde estavam em seu “lar”; mudanças pequenas quem sabe fariam a diferença. Esses adolescentes precisavam se sentir em casa, tendo responsabilidade por aquele ambiente, cuidar dele, que as pessoas que estavam ao seu redor, fossem a representação de seus tutores.

Cada profissional da casa interagia de forma diferente com os adolescentes, uns eram mais afetivos, enquanto outros mais profissionais. Acredito que esse relacionamento fosse difícil, a imparcialidade era necessária, pois eram passageiros, mas ao mesmo tempo os acolhidos, não. E como não vivenciar seus sentimentos, problemas, dores? Nós, seres humanos em continuo desenvolvimento não conseguimos ser imparciais. Eu, como pesquisadora, não consegui definir se esses vínculos formados eram os ideais ou não. Cada adolescente, esteja ele onde estiver, se desenvolve por meio de seu ambiente, apresentando dentro de si uma força interior.

Cada DCS foi preparada e executada pensando nos adolescentes acolhidos, a fim de interagir de forma positiva no andamento do lar e possibilitar a todos um momento de reflexão acerca da vivencia da adolescência. Como forma de auxiliar o lar e tornar os adolescentes agentes transformadores de sua própria realidade, comprometemo-nos em retornar ao lar, após a apresentação da dissertação, para reorganizar a sala de estudos, visando tornar o local num espaço que eles possam se encontrar com os demais adolescentes, assistir TV, escutar música, isto é, algo próprio do ser adolescer.

III Apresentação dos Resultados da Pesquisa: Produção Científica

Artigo

VIVÊNCIA DA ADOLESCÊNCIA EM LAR DE ACOLHIMENTO: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES

Monique Prestes[1], Sonia Maria Könzgen Meincke[2]

Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: moniprestes@hotmail.com.

[2] Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: meinckesmk@gmail.com

RESUMO: O acolhimento institucional é a realidade de muitos adolescentes que vivenciam sua adolescência nesse contexto. Objetivou-se, com esse trabalho, conhecer a percepção de adolescentes acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional embasada na perspectiva bioecológica. Estudo exploratório e descritivo de abordagem qualitativa, realizado com nove adolescentes durante os meses de setembro e outubro de 2014. Utilizou-se o referencial teórico do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner e metodológico o Método Criativo Sensível de Ivone Cabral, a partir das dinâmicas de criatividade e sensibilidade desenvolvidas por meio de técnicas grupais, escolhidas a partir dos objetivos da pesquisa. Os adolescentes evidenciaram que o lar de acolhimento favorecia o desenvolvimento psicológico, físico e social, momentos de descobrimento do corpo, sexualidade, amor, paqueras, relação sexual, convivência com a escola, religião e amigos. O contexto do lar de acolhimento propiciou a vivencia da adolescência, uma etapa da vida sem violência.

DESCRITORES: Adolescente; Desenvolvimento do Adolescente; Institucionalização

THE ADOLESCENCE EXPERIENCE IN WELCOME HOMES: TEENAGERS PERCEPTIONS

ABSTRACT: The institutional welcome care is the reality of many teenagers the experience their adolescence on this context. It was aimed with this work to know the teenagers perceptions about the living experience on the context of institutional welcome care based on the bio-ecological perspective. Exploratory and descriptive qualitative study, made with nine teenagers during September to October 2014. The theoretical framework used was the Bio-ecological Model of Human Development from Urie Bronfenbrenner and the methodological framework was used the Creative Sensitive Method by Ivone Cabral, from de dynamics of creativity and sensitivity developed through group techniques, chosen from the aims of the research. The teenagers pointed that the Foster home favored the psychological, physical and social development, discovery of the body of moments, sexuality, love, flirt, sexual relationships, school living, religious and friends. The foster home context had provide the adolescence living, an important phase of life, without any violence.

KEY WORDS: Adolescent; Adolescent's Development; Institutionalization.

VIVENCIA DE LA ADOLESCENCIA EN HOGAR DE ACOGIDA: PERCEPCIONES DE ADOLESCENTES

RESUMEN: La acogida institucional es la realidad de muchos adolescentes que viven su adolescencia en ese contexto. Se ha objetivado, con este trabajo, conocer la percepción de adolescentes respecto a la vivencia de la adolescencia en contexto de acogida institucional basada en la perspectiva bioecológica. Estudio exploratorio y descriptivo de abordaje

cualitativo, realizado con nueve adolescentes durante los meses de septiembre y octubre de 2014. Se ha utilizado el referencial teórico del Modelo Bioecológico de Desarrollo Humano de Urie Bronfenbrenner y metodológico el Método Creativo Sensible de Ivone Cabral, a partir de las dinámicas de creatividad y sensibilidad desarrolladas por medio de técnicas grupales, elegidas a partir de los objetivos de la investigación. Los adolescentes pusieron en evidencia que el hogar de acogida favorecía el desarrollo psicológico, físico y social, momentos de descubrimiento del cuerpo, sexualidad, amor, coqueteo, relación sexual, convivencia con la escuela, religión y amigos. El contexto del hogar de acogida propició la vivencia de la adolescencia, una etapa de la vida sin violencia.
DESCRIPTORES: Adolescente; Desarrollo del Adolescente; Institucionalización

INTRODUÇÃO

A institucionalização na adolescência é uma realidade que tomou grande proporção no Brasil, estima-se que existam em torno de 37 mil crianças e adolescentes em acolhimento institucional.[1] Considera-se que a fase da adolescência envolve aspectos de ordem física, emocional e social, são momentos de transformações e formação da personalidade [2], sendo fundamental para o desenvolvimento humano.

O processo de adolescer envolve ainda uma gama de tabus nas relações entre pais e filhos; crenças religiosas; escolas e sociedade, muitas vezes dificultando o desenvolvimento do adolescente. [3]

A vivência da adolescência, na maioria das vezes, causa sentimentos de insegurança e medo nos adolescentes. Esses sentimentos podem estar relacionados a experimentação desta nova fase, ao que faziam antes. Geralmente esta etapa do desenvolvimento é planejada e pensada pelo adolescente de forma mais objetiva, há que se transformar para socializar algo nunca sentido antes.[4]

Vivenciar a fase adolescência em contexto da institucionalização é algo que causa representações dolorosas, tanto pelo fato de que os motivos que levam a institucionalização são complicados, como também o afastamento da família e a suspensão temporária dos vínculos familiares. [5]

A percepção do universo dos adolescentes em contexto de acolhimento é possibilitada pelo conhecimento e entendimento do ambiente institucional em que estão inseridos, conforme apresenta a Teoria do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfrenbrenner, [25] que considera a pessoa em desenvolvimento a partir das relações/interações estabelecidas com o ambiente ecológico e com os demais sistemas.

Justifica-se a presente pesquisa pelo fato de que se encontram estudos [5-6-7] relacionados ao acolhimento de adolescentes, mas pouco se encontra de investigações com institucionalizados na perspectiva da adolescência. A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que pode gerar conflitos íntimos e coletivos, por esta razão é fundamental que os(as) adolescentes sintam-se seguros e tranquilos ao vivenciar essa etapa em contexto de acolhimento institucional.

Vale ressaltar que a abordagem com adolescentes em situação de acolhimento é uma tarefa desafiante, uma vez que se necessita compreendê-lo- como um ser em desenvolvimento biopsicossocial e integrado ao contexto ao qual está inserido. Assim, buscamos com essa

pesquisa conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem bioecológica**.**

METODOLOGIA

Estudo do tipo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa.

Os participantes da pesquisa foram nove adolescentes, dentre eles cinco meninas e quatro meninos, com idades entre 12 a 17 anos, pertencentes a um programa de acolhimento institucional, localizado em um Município na Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa respeitou a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas - CAAE 34874014.0.0000.5316.

Após aprovação foi realizado contato com a instituição. Convidou-se os adolescentes a participarem da pesquisa, mediante o aceite do convite foram assinados o Termo de Assentimento pelos adolescentes e pelos tutores legais da instituição o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como referencial metodológico utilizou-se o Método Criativo e Sensível (MCS), fundamentado pela pedagogia crítica-reflexiva de Paulo Freire e proposto pela Professora Enfermeira Ivone Evangelista Cabral, em sua tese de Doutorado em 1997, ao utilizar-se de Dinâmicas de criatividade e sensibilidade – DCS.

O MCS que é uma alternativa utilizada em pesquisas na área da Enfermagem para se investigar o fenômeno individual que pode ser potencializado nas discussões grupais. [8]

A coleta de dados ocorreu no período de setembro a outubro do ano de 2014 e foi realizada por meio de entrevista coletiva, observação participante, diário de campo, dinâmicas de criatividade e sensibilidade adaptadas[9] e Mapa mínimo de relações (MMR).[10] MMR é a soma de todas as relações que o adolescente julga como significativas, permitindo-lhe o seu próprio reconhecimento, identidade e autoimagem, a partir de uma representação gráfica.[10]

O MCS permitiu que a análise dos dados e a validação fossem realizadas na própria DCS, facilitando, assim, a compilação dos dados. O método propõe que todas as etapas devam ser desenvolvidas coletivamente. Na presente pesquisa todas as atividades contaram com a participação dos adolescentes. As DCS foram gravadas em câmera digital, facilitando a leitura do material coletado. Os dados selecionados para o presente trabalho foram retirados de três DCS, intituladas: “Tribo Indígena: quem sou eu?”, “Adolescer” e “Acolhimento: Descobrindo a Adolescência”.

A coleta das informações, realizadas por meio das dinâmicas de criatividade e sensibilidade, respeitou as etapas propostas pelo MCS[11]: preparação do ambiente e acolhimento do grupo, apresentação dos informantes, explicação das dinâmicas e das atividades individual e coletiva, elaboração e apresentação das produções e analise preliminar coletiva e validação das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os adolescentes participantes do estudo apresentaram uma história de vida, que

apresenta-se a seguir.

Leonardo – 12 anos, comunicativo, pretendia ser veterinário e em suas horas de lazer procurava jogar bola; irmão de **Ana Júlia**, e os dois possuíam outra irmã mais nova no lar. **Ana Júlia** – 13 anos, comunicativa, pretendia ser psicóloga e em suas horas de lazer procurava estar com suas amigas do lar. **Maria Luiza** – 17 anos, comunicativa, observadora, pretendia realizar seus sonhos e em suas horas de lazer procurava dançar e passear. **Laisa Manoela** – 16 anos, comunicativa, observadora, pretendia ser advogada e em suas horas de lazer procurava estar com suas amigas. **Mestre Chico** – 15 anos, comunicativo, pretendia fazer faculdade e em suas horas de lazer procurava jogar bola com os amigos. **Ashilyn** –16 anos, comunicativa, pretendia ser psicopedagoga e em suas horas de lazer procurava dançar. **Maria Vitória** – 15 anos, comunicativa, pretendia ser professora e em suas horas de lazer procurava dançar com as meninas do lar; irmã de **Eduardo**. **Eduardo** – 12 anos, comunicativo, pretendia fazer faculdade e em suas horas de lazer procurava jogar bola. **Diego** – 13 anos, comunicativo, pretendia ser jogador de futebol e em suas horas de lazer procurava jogar bola.

Todos os adolescentes estavam em acolhimento institucional desde sua infância, o motivo da institucionalização era por negligência dos pais e familiares, além de apresentarem parentescos com outros adolescentes do lar.

Crianças e adolescentes que se encontram em instituições de acolhimento, em sua maioria, apresentam pais biológicos ou adotivos vivos, mas, no entanto, estes, por circunstâncias variáveis, não apresentam condições financeiras ou morais, para o convívio com os mesmos. O alcoolismo, drogas, violência física e sexual, miséria e doença são os principais motivos da ausência dos pais. [12]

Os maus-tratos, disfuncionalidade familiar e o alcoolismo parental[13] contribuem diariamente para a desigualdade socioeconômica e o afastamento do convívio familiar de muitas famílias menos favorecidas. [14]

Os adolescentes separados de suas famílias apresentam laços mais fragilizados, são marcados por uma vivência de exclusão e violência, oferecendo-os um jeito de ver e estar no ambiente diferenciando. [15-16]

A temática violência é algo envolvente e gerador de conflitos por sua complexidade e polissemia. Refletir a violência sob o prisma do adolescente é uma tarefa laboriosa, interessando muitos pesquisadores. [14]

Entre os adolescentes da pesquisa existiam dois casais de irmãos, **Maria Vitória** e **Eduardo**; **Leonardo** e **Ana Júlia**; os quais eram primos. Entretanto, a falta do convívio com a família foi levantada pelos adolescentes, tinham em seus irmãos (os quais não estavam em acolhimento) e pais, uma referencia. Em suas interações colocaram que estavam sentindo falta deles.

A presença de um familiar na institucionalização tende a diminuir o desamparo e o sofrimento, além de proporcionar maior vínculo entre os pares e entre as relações de amizade construídas na instituição.[12] A convivência entre irmãos em lar de acolhimento, possibilita uma melhor adaptação dos adolescentes. [17]

A relação fraterna estabelecida é influenciada pelas idades entre os irmãos que, no caso de não ser muito díspar, contribui para a formação de um vínculo de companheirismo em

que o mais novo pode se espelhar, possa confiar e proporcionar atividades lúdicas. A institucionalização provoca dor, culpa e perda nos adolescentes, pode ser mais estável quando a relação estabelecida com os irmãos se revela positiva, com amor e apoio contínuo. [18]

Os adolescentes acolhidos que mantém relacionamentos de afeto com os pares e as pessoas que integram o contexto de acolhimento constituem um fator de proteção a vulnerabilidade a qual estão inseridos. [19]

A adolescência em um lar de acolhimento representa uma transição difícil, muitas vezes o adolescente sente-se aprisionado nesse ambiente e por não poder escolher estar em outro contexto. Por mais que o núcleo familiar não apresente condições favoráveis para seu desenvolvimento, o adolescente compreende aquele contexto como parte de si mesmo. [20]

A dinâmica "Adolescer" proporcionou aos adolescentes uma reflexão acerca da adolescência vivida pelos mesmos, quais foram as percepções que tiveram ao vivenciar essa fase, como traduzir em palavras e/ou ações esse processo.

Adolescência é viver sem limites [...]*gazear aula, ouvir música bem alta, fazer festa com os amigos, fugir da realidade, ser rebelde*[...] *(*Ashlyn, Ana Júlia, Laisa Manoela, Maria Vitória).

A transição entre a fase infantil e adulta significa para os adolescentes a perda da onipotência infantil, isto é, quando crianças sentem-se seguros e com poder absoluto, junto a figura da mãe, mas ao criarem autonomia de si mesmo, apresentam uma perda de referencial.[21] Percebendo alterações tanto em seu corpo físico, como em suas maneiras de ver e sentir o ambiente, sendo que esse aspecto fica claro quando os adolescentes expressaram seu entendimento acerca da adolescência:

Adolescência é uma fase da vida onde começamos a conhecer a parte do nosso corpo [...] *namorar, sexualidade, cinema, bebidas, fase de coisas novas, hormônios, fazer amizades, crescimento, diversão, paqueras , desenvolvimento, festa* [...] *(Maria Luiza e Diego).*

A adolescência é conhecida como a fase do desenvolvimento humano, que além de trazer muitas mudanças, é marcada pelo processo de amadurecimento biológico, psicológico, sexual e social, os quais são vividos intensamente pelo adolescente.[22-23]

Estar vivenciando a adolescência é refletir as múltiplas mudanças no corpo físico, devido ao crescimento somático e a descoberta de habilidades psicomotoras que são intensificadas pela ação dos hormônios nessa fase. [24]

Os adolescentes Maria Luiza e Diego perceberam que na adolescência as *discussões,* [...] *brigas, melhores amigos, grupinhos, dança, esporte, junções, lazer, dinâmicas, gincanas, palestras, teatros, educação , respeito, viagens, criatividade, religião, hábitos, higiene, alegria, conhecimento, alimentação saudável, responsabilidade, deveres, comunicação, limites, família, estudo, tarefas, pensamentos, e ser feliz* [...] também faziam parte desse crescimento, identificando como aspectos importantes nesta etapa da vida.

Devido às transformações ocorridas pela puberdade, os adolescentes tendem a preocupar-se com a imagem corporal, à medida que o corpo vai delimitando a forma adulta, a aparência e a busca pela perfeição física começam a aparecer, contribuindo, assim, para o aparecimento das mudanças psicológicas, relacionadas diretamente com o humor, sendo que nessa etapa surgem questionamentos sobre a vida, como vivê-la; da construção do ser até a escolha profissional.[2-24]

Refletir sobre a adolescência é compreender como a pessoa que não é mais criança, mas também não incorporou a vida adulta, poderá vivenciar essa fase, buscando se descobrir e ao mesmo tempo interagir com o contexto que lhe é oferecido. [23]

O Modelo de Bronfenbrenner, também denominado PPCT, apresenta quatro núcleos interrelacionados, que são: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. [26]

Assim, esse referencial permitiu compreender que o **processo** no desenvolvimento de adolescentes institucionalizados contempla as relações e interações que o adolescente desenvolve com os demais adolescentes acolhidos no lar para vivenciar a adolescência. O círculo das interações estabelecidas na vivência da adolescente em lar de acolhimento é muito forte, na medida em que a instituição auxilia na reciprocidade das mesmas.

Esses adolescentes em contexto de acolhimento estavam vivenciando um mundo, anteriormente desconhecido, devido ser uma realidade muito distinta daquela a qual vivenciaram com suas famílias.

Com tudo, foi a partir das relações que estabeleceram com o contexto apresentado que os mesmos criaram mecanismos de enfrentamento da problemática, além de que, a instituição provocava a estimulação constante do adolescente, no que tange a comunidade escolar e social, com as vivências em sociedade, o esporte e lazer, culturas e religiões.

Um conceito fundamental para o desenvolvimento humano são os **processos proximais**, os quais são entendidos como a interação entre os organismos e o ambiente. [25]

Os processos proximais foram identificados junto aos adolescentes em acolhimento por meio da interação com as demais pessoas do lar, na realização de práticas esportivas, passeios com os amigos, planejamento do futuro, compreensão do cuidado às crianças menores, sono e repouso e alimentação balanceada.

Outro aspecto relevante destacado pelos adolescentes no contexto de acolhimento foi *no lar não passamos fome,* pois esta realidade não era vivenciada no núcleo familiar.

A **pessoa** [26] é o segundo componente do modelo bioecológico. Os (as) adolescentes (pessoas) apresentavam características muito fortes como a expressão de suas histórias de vida e interação com o ambiente, a raiva, a tristeza, o descontentamento, as alegrias, a dor, a irritação, as quais foram identificadas no ser adolescer em acolhimento.

Os adolescentes eram influenciados pelas pessoas do contexto do lar de acolhimento a todo o momento. Percebeu-se pelas atitudes dos funcionários e tutores legais do lar que sempre procuravam tratar os adolescentes com respeito e quando possível realizar seus desejos e vontades como, por exemplo, comer algo que fugisse da rotina, assistir um filme, ir ao cinema, sair para passear, entre outras atividades.

Foi relatado pelas adolescentes Laisa Manoela, Ana Júlia e Maria Vitória, que quando havia algum acolhido de aniversário, eram elas (as meninas do lar) e a as cuidadoras que faziam os salgados e doces, e que para o ano que vem estavam pensando em fazer doces para vender para a comunidade. Essas interações contribuíam para o crescimento, amadurecimento e desenvolvimentos desses adolescentes.

O **contexto** compreende a interação de quatro estruturas do ambiente: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

O **microssistema**, naquele momento, para os adolescentes em acolhimento, era o lar, pois era nele que aconteciam as interações e neste ambiente os demais acolhidos

representavam seus familiares. As instituições de acolhimento representam o microssistema central do ambiente ecológico de crianças e adolescentes. [27]

Já no **mesossistema,** as inter-relações estabelecidas são entre os ambientes que a pessoa em desenvolvimento interage. [25] Para os adolescentes institucionalizados era a interação que ocorria entre a escola - comunidade - família de origem e o lar. Nesse contexto, não eram todos os adolescentes que contavam com a interação de sua família de origem com o lar de acolhimento, fato esse que se explica por não manterem uma relação muito próxima, tendo em vista o não comparecimento dos familiares na visitas autorizadas pelo poder judiciário.

O **exossistema** [25] é aquele contexto em que a pessoa em desenvolvimento não é participante ativo, mas é afetada pelos eventos que nele ocorrem. O contexto institucional apresentou relação com os profissionais do juizado da infância e juventude, que eram responsáveis por deliberar o adolescente para o acolhimento. Este é o ambiente do exossistema para o adolescente que vivenciava a adolescência em lar de acolhimento, apesar de não apresentar um contato mais íntimo, sua trajetória de vida foi influenciada pelo mesmo.

E o **macrossistema** contempla todos os demais sistemas (micro-meso-exo), devido as influências culturais, econômicas e sociais que perpetuam o ser em desenvolvimento. [25]

Ao refletir sobre o estigma social que esses adolescentes em contexto de acolhimento carregavam, percebe-se a influência do macrossistema, devido a vulnerabilidade social e o contexto da violência.

O **tempo** é o quarto elemento do modelo bioecológico, que inicialmente foi abordado por Bronfenbrenner [25] e denominado de cronossistema, a sequência de eventos que constituem as histórias e as rotinas de uma pessoa.

Este elemento do modelo determinou as histórias de vida de cada adolescente em acolhimento, bem como a vivência de sua adolescência e a rotina, a qual foi estabelecida, após o contexto da institucionalização.

Ao dar continuidade as dinâmicas junto aos adolescentes para a coleta dos dados da pesquisa, elencou-se “Acolhimento: Descobrindo a Adolescência”, que teve como objetivo discutir a descoberta da adolescência em acolhimento institucional, foi realizada no segundo encontro, com duração de uma hora. Na oportunidade foram confeccionados cartazes coletivos sobre a vivência da adolescência no lar. Participaram das dinâmicas os nove adolescentes.

Observou-se no segundo encontro que os adolescentes utilizaram-se de sua curiosidade e criatividade para desenvolver as atividades propostas, outro aspecto importante e que chamou a atenção foi a facilidade que eles tiveram em interagir com o novo ambiente que lhes era apresentado.

Nessa dinâmica, dividiu-se os adolescentes em dois grupos e foi proposta uma reflexão comparativa entre a infância e a adolescência, suas diferenças e como vivenciaram cada uma das fases, para que pudessem expressar em pequenas frases, palavras, como era adolescer em acolhimento institucional.

A DCS possibilitou aos participantes expressarem seus sentimentos, criando um ambiente de afeto e emoção quando tratavam de temas, cujos interesses eram comuns. A criatividade esteve muito presente nos grupos. Percebeu-se que além de ser um método para coleta de dados, o mesmo proporcionou a análise coletiva e a validação dos dados, pois no

momento em que os adolescentes apresentaram suas produções artísticas, o grupo interagia com suas opiniões, analisava as produções. E no encerramento da dinâmica, o grupo, validou o exposto durante toda a dinâmica.

Cada adolescente expressou seus sentimentos, mas ao final, percebeu-se que os grupos apesar de elucidar de formas diferentes, acabaram concluindo que *Adolescer no lar é*: [...] *em partes, viver aqui me faz muito bem*[...] (grupo de Ashilyn, Eduardo, Diego, Maria Luiza e Leonardo); o que corroborou com a criatividade do outro grupo, que se expressou, conforme a figura 2.

Figura 1 - Dinâmica *Adolescer no lar é ...*

A instituição de acolhimento, por meio de seus profissionais, proporciona segurança, apoio e satisfação das necessidades dos acolhidos, que procuram olhar para a instituição como um lar, mas nem sempre isso é possível devido ser um ambiente diferente daquele oferecido pelo seu núcleo familiar. [28]

Mesmo que a separação dos outros moradores do lar, com os quais já conviviam há algum tempo, possa ser um momento de tristeza, insegurança, devido ao vinculo formado, os adolescentes da pesquisa esperavam o reencontro com sua família e a liberação judicial para voltar definitivamente ao núcleo familiar. No entanto, os acolhidos compreendem que ao voltarem para a casa, a família necessita estar em condições seguras para seu cuidado e desenvolvimento, entendendo que o lar de acolhimento propicia uma melhor qualidade de vida e saúde. [28]

A construção e a manutenção das relações do ser humano dependem muito do apoio afetivo. A família é o primeiro microssistema, com o qual a pessoa em processo de desenvolvimento interage. [25]

O processo de adolescer é complexo por envolver diversos contextos do convívio social no qual, há um envolvimento do ser adolescente com a família, escola, amigos, entre outros.[22]

As mudanças ocorridas pela institucionalização de adolescentes, isto é, o desenvolvimento em outro ambiente, que não seja o familiar, no espaço ecológico, é conhecido como a transição ecológica. O ambiente ideal para o desenvolvimento do adolescente é o núcleo familiar, mas isso não significa, que o mesmo não se desenvolve em outros ambientes. [25]

Os trabalhadores das instituições de acolhimento necessitam desenvolver emocionalmente e socialmente os adolescentes que ali vivem, acolhendo, cuidando e compreendendo, a fim de formar um ambiente que possa auxiliar no processo de adolescer.[29]

Sendo assim, os processos proximais vividos pelos adolescentes em contexto de acolhimento eram permeados pela reciprocidade dos vínculos estabelecidos. Um ambiente favorável estava na dependência, na qualidade e importância da interação de cada um daquele contexto, adolescentes e trabalhadores.

Os lares de acolhimento são contextos de vivência, sendo que esses espaços se tornam ambientes para a realização das atividades individuais e coletivas, bem como de interações do ser em desenvolvimento.

Todos os seres humanos em desenvolvimento[25] precisam interagir com outros ambientes, pessoas, culturas, objetos e com espaços que proporcionem acolhimento e bem-estar. O lar de acolhimento promove o cuidado com o adolescente, bem-estar, alimentação, saúde, educação e cultura, além de assemelhar-se com um ambiente domiciliar. [29]

A vivência de cada adolescente (pessoa) em acolhimento permitiu o desenvolvimento (processo) de sua adolescência, com vistas a formar relações e interações com os sistemas, sendo eles pessoas, objetos, símbolos, estes influenciados pelos processos proximais e pelo tempo, no qual tudo aconteceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que ações realizadas junto a lares de acolhimento compreendam o ambiente do ser adolescente em seu processo de desenvolvimento, seus mecanismos de enfrentamento diante do contexto apresentado. A partir desses aspectos o cuidado necessita ser compartilhado com os adolescentes, incentivando-os na busca pela inserção social e cidadania.

Como enfermeiros, profissionais da saúde, necessitamos saber ouvir, acalentar os adolescentes, estejam eles em qualquer contexto de desenvolvimento. Temos em nossas mãos o desafio de enfrentar o contexto da violência, buscar um trabalho integralizado e em rede.

Acolher de maneira humanizada o adolescente é permitir que o mesmo possa elucidar seus sentimentos, sofrimentos, angústias, devido suas vivências anteriores a institucionalização, estarem intimamente presentes neste novo contexto.

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Bronfrenbrenner, possibilitou visualizar a interação do adolescente com o lar de acolhimento, no qual o contexto tornou-se importante para o desenvolvimento da adolescência, na ótica da institucionalização.

As três DCS possibilitaram aos adolescentes um maior entendimento das atividades propostas, bem como proporcionou um ambiente favorável para a discussão da problemática, sendo que coletivamente os diferentes modos de demonstrar a adolescência em acolhimento foram se entrelaçando, e cada adolescente contribuiu e compartilhou com o grupo suas percepções.

Os(as) adolescentes em contexto de acolhimento vivenciaram seu desenvolvimento, pois realizaram atividades individuais e coletivas, vivenciando os momentos da adolescência. Momentos de descobrimento do corpo, pela mudança física; alterações de personalidade refletiam sobre sua trajetória de vida e decisões futuras; a sexualidade com a fase do amor,

paqueras, relação sexual; uma relação com os aspectos sociais e comunitários, relacionados à convivência com a escola, religião, amigos, momentos festivos em comunidade.

O entendimento dos(as) adolescentes do motivo da institucionalização estava mais claro, sendo que em vários momentos foi relatado que no lar de acolhimento eles estavam seguros, não passavam fome e não eram agredidos. Adolescer no contexto de acolhimento, no entanto, também implicou na privação de liberdade, essa não como sinônimo de poder ir e vir, mas por estarem vivendo em um ambiente com pessoas relativamente desconhecidas, com normas e regras para cumprir, com as quais muitas vezes não concordavam.

Esses adolescentes estavam com seus direitos negligenciados, uma vez que o contexto familiar era o ideal para o seu desenvolvimento. No entanto, esta realidade não era possível. Muitos dos(as) adolescentes em pouco tempo completariam 18 anos. E este tempo (idade) significaria no (des)acolhimento.

Estes adolescentes estariam preparados para essa nova fase de suas vidas? A idade cronológica nem sempre significa independência, não sendo mais acolhidos precisarão conduzir suas vidas, estando eles em contexto familiar ou não, por essa razão vejo a importância de estarem sendo orientados e estimulados pela comunidade social, no acolhimento institucional, para assim poderem organizar suas vidas.

Compreender o fenômeno da institucionalização na fase da adolescência é algo necessário para que se possa alcançar os preceitos de acolhimento tanto solicitado para o cuidado ao adolescente.

Durante a efetivação da pesquisa foram encontradas algumas limitações, como a mudança dos trabalhadores e tutores com a fusão municipal dos dois lares de acolhimento existentes na cidade; o ambiente estava em adequação pelas novas mudanças; e os (as) adolescentes estavam em fase de adaptação com as demais crianças e adolescentes do lar.

Acredito que essas limitações não tenham prejudicado o andamento do estudo, pois permitiu outras leituras do contexto encontrado. Realizar pesquisas junto a adolescentes em acolhimento foi uma experiência única, ao compreendê-los como seres humanos em desenvolvimento e integrá-los ao contexto existente.

As reflexões entre a pesquisadora e os (as) adolescentes foram de diálogo, troca de vivencias e comprometimento. As metodologias escolhidas para essa pesquisa foram fundamentais para a interpretação dos dados, tanto a coleta dos dados (MCS), a qual auxiliou na percepção dos(as) adolescentes frente ao acolhimento, como o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, que permitiu visualizar as interações que o adolescente em desenvolvimento estabeleceu com o contexto e pessoas.

Este estudo contribui para a saúde do adolescente, sob um novo olhar ao acolhimento institucional, ao compreender que o adolescente é um ser em desenvolvimento biopsicossocial e necessita se integrar com o contexto o qual lhe é apresentado.

Em virtude da realidade vivenciada neste lar de acolhimento, sugere-se que estudos sejam realizados em outros contextos do país para aprofundamento da temática.

REFERÊNCIAS

1. Unicef. Brasil adere à mobilização regional pelo fim da institucionalização de crianças menores de 3 anos de idade, 2013. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/media_26486.htm>.Acesso em 10 de maio de 2014.
2. Almeida, IS; Rodrigues, BMRD; Simões, SMF. O adolescer... um vir a ser. Adolesc Saude. 4(3):24-28, 2007.
3. Oliveira, TC; Carvalho LP; Silva, MA. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem. 61.3 (2008): 306-311.
4. Ozella, S; Aguiar, WMJ;. "Desmistificando a concepção de adolescência." Cadernos de Pesquisa 38.133. 97-125, 2008.
5. Arpini, MD. Pensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. Psicologia: Ciência e Profissão, 23(1), 70-75, 2003.
6. Cavalcante, LIC; Silva, SSC; Magalhães, CMC. Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. Revista Mal-estar e Subjetividade, X(4), 1147-1172, 2010.
7. Siqueira, AC; Dell'Aglio, DD. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: Uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade, 18*, 71-80, 2006.
8. Resta, DG; Motta MGC. Compreendendo o adolescer empregando o método criativo e sensível: uma possibilidade de pesquisar em enfermagem. Rev Gaúcha Enferm. 28(2):283-90, 2007.
9. Lopes, EB et al. **Metodologias para o trabalho Educativo com adolescentes.** Revista Adolescer Compreender, Atuar e Acolher. Capítulo 6. [online] [acesso em 02 de maio de 2014]. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html

10. Sluzki, CE. A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1997.
11. Cabral, IE. Uma abordagem Criativo-sensível de pesquisar a família. In: Althoff, CR.; Elsen, I.; Nietschke, RG. (organizadores). Pesquisando a família: olhares contemporâneos. Florianopolis: Papa-Livros, 2004. P.127.
12. Orionte, I; Souza, SMG. O significado do abandono para crianças institucionalizadas. Psicologia em revista, v. 11, n. 17, p. 29-46, 2005.
13. Cordovil, C. et al. Resiliência em crianças e adolescentes institucionalizados. Acta Médica Portuguesa, v. 24, p. 413-8, 2011.
14. Carinhanha JI; Penna LHG. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigamento. Texto Contexto Enferm. Jan-Mar; 21(1):68-76, 2012.
15. Carinhanha JI, Leite, LC, Penna LHG. “Minha arma é a mão”: a violência como forma de resistência. In:Leite LC; Leite MED; Botelho AP, organizadoras. Juventude, desafiliação e violência. Rio de Janeiro(RJ): Contra Capa; 2008.
16. Nogueira LA, Bellini LM. Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? Texto Contexto Enferm. 2006 Out-Dez; 15(4):610-06.
17. Dalbem, J. X., & Dell’Aglio, D. D. Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afectivos. *Psico, 39*(1), 33-40, 2008.
18. Herrick, M., A., & Piccus, W. (2005). Sibling connections: the importance of nurturingsibling bonds in the foster care system. *Children and Youth Services Review, 27*, 845– 861. Doi:10.1016/j.childyouth, 2005.
19. Costa, M; Mota, CP. Configuração familiar, gênero e coping em adolescentes: papel dos

pares. Psicologia em estudo, v. 17, n. 4, p. 567-575, 2012.

20. Mota, CP; Matos, PM. Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. Psicologia & Sociedade; 20 (3): 367-377, 2008.
21. Freitas, KR; Dias, SMZ. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade, Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-7, Abr-Jun. 2010.
    Araújo, AC. Transição da adolescência para a fase adulta na ótica de adolescentes. Rev. enferm. UERJ;19(2):280-285, abr.-jun. 2011.
22. Roehrs, H; Maftum, MA; Zagonel, IPS. Adolescência na Percepção de Professores do ensino fundamental. Rev. esc. enferm. USP [online] vol.44, n.2, 2010.
23. Ferreira, MA et al. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. Texto & Contexto Enfermagem, v. 16, n. 2, p. 217-224, 2007.
24. Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
25. Bronfenbrenner, U.; Morris, P. The ecology of desenvolmental process. In: Handbook of child psychology. New York: John Wiley & Sons,1998. p. 993-1027.
26. Yunes, MAM; Miranda, AT; Cuello, SES. Um Olhar Ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de Crianças e Adolescentes Institucionalizados. Livro Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano: Experiência no Brasil, Editora Casa do Psicólogo, 2004.
27. Carvalho, T; Manita, C. Percepções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização ea experiência na instituição. Actas do VII simpósio nacional de investigação em psicologia, 2010.
28. Oliveira, APG. O ambiente de abrigo como holding para adolescentes.São Paulo. An. I Congr. Intern. Pedagogia Social Março, 2006.
29. Moré, CLOO.; Sperancetta, A. Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. Psicologia & Sociedade, v. 22, n. 3, p. 519-528, 2010.

V Considerações Finais

Ao finalizar este estudo, salienta-se que não foram utilizados todos os dados coletados na pesquisa para a elaboração do artigo. Utilizou-se os dados extraídos dos dois primeiros encontros, com as DCS “Tribo Indígena: Quem sou eu?”, “Adolescer”, e “Acolhimento: Descobrindo a adolescência”. Na produção científica descreveu-se o objetivo geral da pesquisa, que foi conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional embasada na abordagem bioecológica**.**

Assim, os demais dados apresentados no relatório, ficarão disponíveis para a construção do próximo artigo em que serão apresentados, especialmente, a percepção da personalidade (dinâmica Máscaras do Adolescer) e a rede de apoio, juntamente com os vínculos elencados pelos adolescentes em acolhimento institucional.

Ao conhecer a percepção do adolescente frente a vivência da adolescência em lar de acolhimento embasada na abordagem bioecológica, realizou-se as seguintes reflexões: o (a) adolescente em lar de acolhimento apresenta desenvolvimento psicológico, físico e social durante a adolescência; o lar constituí o contexto, o qual o(a) adolescente mais interage com outras pessoas, objetos e símbolos; apresenta convívio escolar e comunitário.

Um aspecto importante relatado pelos(as) adolescente foi a questão de que no lar, não passam fome nem sofrem agressões físicas. O motivo o qual levou a institucionalização dos mesmos foi a negligência dos pais e familiares, o que caracteriza grande preocupação, pois Bronfenbrenner destaca que a família é o primeiro microssistema do indivíduo em desenvolvimento na qual ocorrem as interações.

Esses adolescentes sentiam muita falta de suas famílias, muitos durante a efetivação da pesquisa, mostraram, com palavras e gestos, o que lhes causava muita dor e tristeza.

Percebo que enfrentar o abandono e a exclusão nessa fase do desenvolvimento, não é uma tarefa fácil, pois nossa sociedade muitas vezes apresenta atitudes de descriminação frente à problemática da violência.

Uma contribuição importante a esta situação de violência, é conhecer esse adolescente, no contexto, onde está inserido e auxiliá-lo a viver com qualidade e discernimento dos problemas que o cercam.

Diante dessa perspectiva, identificou-se que o adolescente que vivenciou a adolescência em lar de acolhimento enfrentou esse período, interagindo e criando vinculo tanto com os demais adolescentes e crianças, como com os profissionais da instituição. Conseguiram compreender que a instituição é fundamental para o contexto exposto, e que a mesma dispõe de suas necessidades básicas, como vestimenta, alimentação, esporte, lazer, cultura entre outras.

Entendo que uma das maneiras de minimizar as conseqüências da institucionalização na adolescência, é pela compreensão dessa fase do desenvolvimento, descritas pelos adolescentes, pois só quem viveu essa trajetória de vida é capaz de descrevê-la em toda sua amplitude.

Acredita-se na importância que as instituições de acolhimento apresentam frente à atenção ao adolescente, mas devemos estar engajados na luta contra a violência, negligência e ao abandono de crianças e adolescentes. Essa realidade que se apresenta deve ser modificada, tanto os órgãos públicos, profissionais da rede interdisciplinar e sociedade, precisam investir na produção do conhecimento científico, a fim de buscar alternativas para a transformação da realidade.

No que se refere às limitações para realização do estudo, salienta-se a mudança dos trabalhadores e tutores com a fusão municipal dos dois lares de acolhimento existentes na cidade; o ambiente estava em adequação pelas novas mudanças; e os (as) adolescentes estavam em fase de relação e interação com as demais crianças e adolescentes do lar.

Acredito que essas limitações não tenham prejudicado o andamento do estudo, devido permitir outras leituras do contexto encontrado. Além de que os (as) adolescentes e trabalhadores da instituição, demonstraram interesse, pelo desenvolvimento da pesquisa, contribuindo sempre com as atividades propostas.

ANEXOS

Anexo A - Instruções aos autores para submissão de manuscritos na Revista Texto & Contexto

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

INSTRUÇÕES PARA PUBLICAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Os manuscritos submetidos à revista devem atender à sua política editorial e às instruções aos autores, que seguem os "Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: Writing and Editing for Biomedical Publication" (http://www.icmje.org). A tradução deste texto para o português: "Requisitos uniformes para originais submetidos à revistas biomédicas" do Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (International Committee of Medical Journal Editors - ICMJE)disponível no site http://www.icmje.org/icmje-recommendations.pdf.

Os manuscritos submetidos no ScholarOne deverão seguir as normas editoriais da **Texto & Contexto Enfermagem**, caso contrário, serão automaticamente recusados. Na submissão, é imprescindível que seja anexada a declaração de transferência de direitos autorais (Modelo). Os autores dos manuscritos recusados para publicação serão informados.

Os manuscritos apresentados em eventos (congressos, simpósios, seminários, dentre outros) serão aceitos desde que não tenham sido publicados integralmente em anais e que tenham autorização, por escrito, da entidade organizadora do evento, quando as normas do evento assim o exigirem. Poderá ser aceito manuscrito já publicado em periódicos estrangeiros, desde que aprovado pelo Conselho Diretor da **Texto & Contexto Enfermagem** e autorizado pelo periódico em que o manuscrito tenha sido originalmente publicado.

Opiniões e conceitos emitidos nos manuscritos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações bibliográficas, são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição do Conselho Diretor;

O manuscrito resultante de pesquisa que envolver seres humanos, deverá indicar se os procedimentos respeitaram o constante na Declaração de Helsinki (1964, reformulada em 1975, 1983, 1989, 1996 e 2000), além do atendimento a legislações específicas (quando houver) do país no qual a pesquisa foi realizada. Para os artigos originais decorrentes de pesquisa realizada no Brasil, respeitar os preceitos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde N.466 de 12/12/2012 e N.251 de 07/08/97. Quando se tratar de resultados de pesquisa, os autores deverão anexar uma cópia da aprovação emitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa e

mencionar, na metodologia, o número de aprovação do projeto.

A **Texto & Contexto Enfermagem** apóia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do *International Committee of Medical Journal Editors*(ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de pesquisas clínicas que tenham recebido um número de identificação em um dos Registros de Ensaios Clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE. O número de identificação deverá ser registrado ao final do resumo.

A confiança pública do processo de revisão de especialistas e a credibilidade dos artigos publicados dependem, em parte, de como o **conflito de interesse** é administrado durante a redação, revisão por pares e a tomada de decisão editorial. Os conflitos de interesse podem ser de ordem pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira. Relações financeiras, como por exemplo, através de emprego, consultorias, posse de ações, honorários, depoimento/parecer de especialista são conflitos de interesse mais facilmente identificáveis e que têm maior chance de abalar a credibilidade da revista, dos autores e da própria ciência. Contudo conflitos podem ocorrer por outras razões, tais como relações pessoais, competição acadêmica e paixão intelectual. Outras informações disponíveis no site: http://www.icmje.org/conflicts-of-interest/ deverão ser consultadas.

Os autores são responsáveis por reconhecer e revelar conflitos de interesse existentes para que o Conselho Diretor possa decidir sobre o manuscrito. Os autores devem informar no manuscrito o apoio financeiro e outras conexões financeiras ou pessoais em relação ao seu trabalho, quando houver. As relações financeiras ou de qualquer outro tipo que possam levar a conflitos de interesse devem ser informadas no campo indicado no sistema ***Conflict of Interest***.

Os manuscritos publicados serão de propriedade da Revista, vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer outro meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem a prévia autorização da Revista **Texto & Contexto Enfermagem**.

CATEGORIAS DE ARTIGOS

Além dos artigos originais, os quais têm prioridade, são publicados relatos de experiência, reflexão, revisão da literatura, entrevista e resenha.

Artigo original: são contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa científica concluída. A criatividade e o estilo dos autores no formato do manuscrito serão respeitados, no entanto o conteúdo deve ser

apresentado de forma a contemplar a introdução, métodos, resultados e discussão. A **introdução** deve ser breve, definir o problema estudado e sua importância, além de destacar as lacunas do conhecimento – "estado da arte". Os **métodos** empregados, a população estudada, a fonte de dados e os critérios de seleção entre outros devem ser descritos de forma compreensiva e completa. Inserir o número do protocolo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e que a pesquisa foi conduzida de acordo com os padrões éticos exigidos. Os **resultados**devem ser descritos em uma seqüência lógica. Quando forem apresentadas tabelas, quadros e figuras, o texto deve ser complementar e não repetir o conteúdo contido nos mesmos. A **discussão**, que pode ser redigida juntamente com os resultados, deve conter comparação dos resultados com a literatura, a interpretação dos autores, as implicações dos achados, as limitações e implicações para pesquisa futura. Enfatizar os aspectos novos e importantes do estudo e as conclusões que surgem destes. Sua extensão limita- se a 15 páginas.

Relato de experiência: descrições de experiências acadêmicas, assistenciais e de extensão. Sua extensão limita- se a 15 páginas.

Reflexão: matéria de caráter opinativo ou análise de questões que possam contribuir para o aprofundamento de temas relacionados à área da saúde e de enfermagem, a que se destina a Revista. Sua extensão limita- se a 15 páginas.

Revisão da literatura: compreende avaliação da literatura sobre temas específicos. Deve incluir uma seção que descreva os métodos utilizados para localizar, selecionar, extrair e sintetizar os dados e as conclusões. Sua extensão limita- se a 15 páginas.

PREPARO DOS MANUSCRITOS

Os manuscritos devem ser preparados de acordo com as normas editoriais da Revista, redigidos na ortografia oficial e digitados com espaço de 1,5cm, configurados em papel A4 e com numeração nas páginas. A margem esquerda e superior será de 3cm e a margem direita e inferior de 2cm. Letra Times New Roman 12, utilizando Editor Word for Windows 98 ou Editores que sejam compatíveis.

Página de identificação: a) título do manuscrito (conciso, mas informativo) em português, inglês e espanhol; b) nome completo de cada autor, com seu(s) título(s) acadêmico(s) mais elevado(s) e afiliação institucional; c) o(s) nome(s) do(s) departamento(s) e da instituição(ões) a(os) qual(is) o trabalho deve ser atribuído; d) nome, endereço completo, telefone/fax e endereço eletrônico do autor responsável pela correspondência relacionada ao manuscrito.

Resumo e Descritores: o resumo deve ser apresentado na primeira

página, em português, espanhol (resumen) e inglês (abstract), com limite de 150 palavras. Deve indicar o(s) objetivo(s) do estudo, o método, principais resultados e conclusões. Abaixo do resumo, incluir 3 a 5 descritores nos três idiomas. Para determiná- los consultar a lista de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) elaborada pela BIREME e disponível na internet no site: http://decs.bvs.br ou o Medical Subject Headings (MeSH) do Index Medicus. Quando o artigo tiver enfoque interdisciplinar, usar descritores, universalmente, aceitos nas diferentes áreas ou disciplinas envolvidas.

Apresentação das seções: o texto deve estar organizado sem numeração progressiva para título e subtítulo, devendo ser diferenciado através de tamanho da fonte utilizada. Exemplos:

Título = **OS CAMINHOS QUE LEVAM À CURA**

Primeiro subtítulo = **Caminhos percorridos**

Segundo subtítulo = ***A cura pela prece***

Ilustrações: as tabelas, quadros e figuras devem conter um título breve e serem numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, na ordem em que forem citadas no texto, sendo limitadas a 5 no conjunto. Exceto tabelas e quadros, todas as ilustrações devem ser designadas como figuras. As **tabelas** devem apresentar dado numérico como informação central, não utilizar traços internos horizontais ou verticais. As notas explicativas devem ser colocadas no roda- pé da tabela, utilizando os símbolos na seqüência *, ►, ►, ►, ||, ►, **, ►►, ►►. Os **quadros** devem apresentar as informações na forma discursiva. Se houver ilustrações extraídas de outra fonte, publicada ou não publicada, os autores devem encaminhar permissão, por escrito, para utilização das mesmas. As **figuras** devem conter legenda, quando necessário, e fonte sempre que for extraída de obra publicada (as fontes têm que estar na referência). Além das ilustrações estarem inseridas no texto, deverão ser encaminhadas em separado e em qualidade necessária a uma publicação. Não serão publicadas fotos coloridas, exceto em casos de absoluta necessidade e a critério do Conselho Diretor. Se forem utilizadas fotos, as pessoas não poderão ser identificadas, ou então, deverão vir acompanhadas de permissão, por escrito, das pessoas fotografadas. Todas as figuras e/ou fotos, além de estarem devidamente inseridas na seqüência do texto, deverão ser encaminhadas em separado com a qualidade necessária à publicação. As imagens deverão ser enviadas no formato jpeg ou tiff, resolução de 300 dpi, tamanho 23x16 cm e em grayscale. Imagens fora dessas especificações não poderão ser utilizadas.

Citações no texto: as **citações indiretas** deverão conter o número da referência da qual foram subtraídas, suprimindo o nome do autor, devendo ainda ter a pontuação (ponto, vírgula ou ponto e vírgula) apresentada antes da numeração em sobrescrito. Exemplo: as

trabalhadoras também se utilizam da linguagem não verbal.[7]

Quando as citações oriundas de 2 ou mais autores estiverem apresentadas de forma seqüencial na referência (1, 2, 3, 4, 5), deverão estar em sobrescrito separados por um hífen. Exemplo: estabeleceu os princípios da boa administração, sendo dele a clássica visão das funções do administrador.[1- 5]

Citações no texto para artigos na categoria Revisão da Literatura. O número da citação pode ser acompanhado ou não do(s) nome(s) do(s) autor(es) e ano de publicação. Se forem citados dois autores, ambos são ligados pela conjunção "e"; se forem mais de dois, cita- se o primeiro autor seguido da expressão "et al".

Exemplos:
Segundo Oliveira et al[9], entende- se a rede como a transgressão de fronteiras, a abertura de conexões, a multiplicidade, a flexibilidade, a transparência, a interdependência e o acesso de todos a informação.

Entende- se a rede como a transgressão de fronteiras, a abertura de conexões, a multiplicidade, a flexibilidade, a transparência, a interdependência e o acesso de todos a informação.[9]

As **citações diretas** (transcrição textual) devem ser apresentadas no corpo do texto entre aspas, indicando o número da referência e a página da citação, independente do número de linhas. Exemplo: "[...] o ocidente surgiu diante de nós como essa máquina infernal que esmaga os homens e as culturas, para fins insensatos".[1:30- 31]

As citações de pesquisa qualitativa (verbatins) serão colocadas em itálico, no corpo do texto, identificando entre parênteses a autoria e respeitando o anonimato. Exemplo: [...] *envolvendo mais os acadêmicos e profissionais em projetos sociais, conhecendo mais os problemas da comunidade*[...](e7);

Notas de rodapé: o texto deverá conter no máximo três notas de rodapé, que serão indicadas por:[*] primeira nota, [**] segunda nota, [***] terceira nota.

Referências: as referências devem estar numeradas consecutivamente na ordem que aparecem no texto pela primeira vez e estar de acordo com os Requisitos Uniformes do Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (International Committee of Medical Journal Editors - ICMJE). Exemplos:

Livro padrão

Gerschman S. A democracia inconclusa: um estudo da reforma sanitária brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004.

Capítulo de livro

Melo ECP, Cunha FTS, Tonini T. Políticas de saúde pública. In: Figueredo NMA, organizador. Ensinando a cuidar em saúde pública. São Caetano do Sul: Yends; 2005. p.47- 72.

Livro com organizador, editor ou compilador

Elsen I, Marcon SS, Santos MR, organizadores. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença. Maringá: EDUEM; 2002.

Livro com edição

Vasconcelos EM. Educação popular e a atenção à saúde da família. 2a ed. São Paulo: Hucitec; 2001.

Trabalho apresentado em congresso

Lima ACC, Kujawa H. Educação popular e saúde no fortalecimento do controle social. In: Anais do 7o Congresso Nacional da Rede Unida, 2006 Jul 15- 18; Curitiba, Brasil. Curitiba: Rede Unida; 2006. Oficina 26.

Entidade coletiva

Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção a Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual técnico pré- natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada. Brasília: MS; 2005.

Documentos legais

Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução No 196 de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 1996.

Brasil. Lei No 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências**.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 26 Jun 1986. Seção 1.

Tese/Dissertação

Azambuja EP. É possível produzir saúde no trabalho da enfermagem?: um estudo sobre as relações existentes entre a subjetividade do trabalhador e a objetividade do trabalho [tese]. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós- Graduação em Enfermagem; 2007.

Artigo de jornal

Zavarise E. Servidores da UFSC fazem movimento em defesa do HU. Diário Catarinense, 2007 Jun 28; Geral 36.

Artigo de periódico com até 6 autores

Kreutz I, Gaiva MAM, Azevedo RCS. Determinantes sócio- culturais e históricos das práticas populares de prevenção e cura de doenças de um grupo cultural. Texto Contexto Enferm. 2006 Jan- Mar; 15 (1): 89- 97.

Artigo de periódico com mais de 6 autores

Azambuja EP, Fernandes GFM, Kerber NPC, Silveira RS, Silva AL, Gonçalves LHT, et al. Significados do trabalho no processo de viver de trabalhadoras de um Programa de Saúde da Família. Texto Contexto Enferm. 2007 Jan- Mar; 16 (1): 71- 9.

Material audiovisual

Lessmann JC, Guedes JAD, entrevistadoras. Lúcia Hisako Takase Gonçalves entrevista concedida ao acervo do Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem GEHCE/UFSC [fita cassete 60 min]. Florianópolis: UFSC/GEHCE; 2006 jul 23.

Mapa

Santos RO, Moura ACSN. Santa Catarina: físico [mapa]. Florianópolis: DCL; 2002.

Dicionários e referências similares

Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. 3a ed. Florianópolis: Ed. Positivo; 2004.

Homepage/web site

Ministério da Saúde [página na Internet]. Brasília: MS; 2007 [atualizado 2007 May 04; acesso em 2007 Jun 28]. Disponível em: www.saude.gov.br

Material eletrônico

Programa de Pós- Graduação em Enfermagem. Anais do 3o Seminário Internacional de Filosofia e Saúde [CD- ROM]. Florianópolis: UFSC/PEN; 2006.

Barbosa MA, Medeiros M, Prado MA, Bachion MM, Brasil VV. **Reflexões sobre o trabalho do enfermeiro em saúde coletiva**. *Rev. Eletr. Enferm. 2004; 06 (1): [online] [acesso em 2006 Out 01]. Disponível*

em:http://www.fen.ufg.br/Revista/revista6_1/f1_coletiva.html

Corona MBEF. O significado do "Ensino do Processo de Enfermagem" para o docente Improving palliative care for cancer [tese na Internet]. Ribeirão Preto: USP/EERP; 2005 [acesso 2007 Jun 28]. Disponível em:*http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde- 06052005-100508/*

Observação: trabalhos não publicados não deverão ser incluídos nas referências, mas inseridos em nota de rodapé. Para outros exemplos de referências, consultar o site:http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html. Para as abreviaturas de títulos de periódicos em português consultar o site: http://www.ibict.br e em outras línguas, se necessário, consultar o International Nursing Index, Index Medicus ou o site http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?db=journals

Anexo B - Parecer do Comitê de ética em Pesquisa

FACULDADE DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA DA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:percepção acerca da adolescência na abordagem ecológica

Pesquisador: Monique Prestes

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 34874014.0.0000.5316

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 754.872

Data da Relatoria: 18/08/2014

Apresentação do Projeto:

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que possibilita ao adolescente uma descoberta pessoal, formação de personalidade além de acorrer uma modificação corporal, social e psicológica. A presente pesquisa tem por objetivo geral conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem ecológica. Referencial Teórico: para que se possa desenvolver e alcançar o objetivo proposto será utilizado como referencial teórico o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, por ser uma perspectiva teórica que envolve a concepção da pessoa em desenvolvimento com o ambiente e a interação de ambos. Este estudo possui abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa é essencial para o desenvolvimento do conhecimento nas áreas da saúde, sendo que o laboratório da investigação é a própria vida cotidiana (MORSE, 2003). Portanto, para se conhecer a vivência da adolescência em uma instituição de acolhimento na perspectiva do adolescente na abordagem ecológica, se faz fundamental a abordagem qualitativa na medida em que se busca perceber o processo de adolescer no contexto proposto. Este estudo será desenvolvido em um programa de acolhimento institucional, localizado em um Município na Região Norte do Rio Grande do Sul. A instituição acolhe crianças e adolescentes com idades entre 0 a 18 anos, órfãs, carentes ou em vulnerabilidade social.

Endereço: Gomes Carneiro nº 01
Bairro: Centro **CEP:** 96.010-610
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3221-1522 **E-mail:** cepfeo@ufpel.edu.br

Atualmente a instituição é mantida por recursos financeiros, firmado com o poder executivo da esfera municipal. Os participantes do estudo serão todos os adolescentes residentes na Instituição de acolhimento. Neste local residem quatro meninos e oito meninas, totalizando doze adolescentes. Critérios de inclusão- ser adolescente com idade entre 10-19 anos; - morar na instituição de acolhimento no município estudado. Critérios de exclusão- deficiência intelectual que possa interferir ou dificultar o entendimento do adolescente durante a efetivação do estudo. Princípios éticos O presente estudo respeitará a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, sobre pesquisa com seres humanos e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (2007) no seu Capítulo III, no que diz a respeito a Deveres nos artigos 89,90 e 91 e as Proibições nos artigos 94 e 98. Procedimentos para a coleta de dados: a coleta dos dados é um passo fundamental para a viabilidade da pesquisa, portanto, será utilizado o Método Criativo Sensível - MCS, fundamentado pela pedagogia crítica reflexiva de Paulo Freire e proposto pela Professora Enfermeira Ivone Evangelista Cabral, em sua tese de Doutorado em 1997 ao utilizar-se de Dinâmicas de criatividade e sensibilidade – DCS. Além das dinâmicas de criatividade e sensibilidade será utilizado o Mapa Mínimo de Relações (MMR) e o diário de campo. O MMR é a representação gráfica da rede, que, segundo Sluzki (1997) é a soma de todas as relações que a pessoa julga como significativas, permitindo ao mesmo o seu próprio reconhecimento, identidade e auto-imagem. Análise dos dados. A análise dos dados deste estudo dar-se-á por meio do MCS, mediada pela escuta sensível como força produtora de dados para a pesquisa. O método permite a organização dos dados para a análise e validação dos mesmos no próprio grupo pesquisado (CABRAL, 2007).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer a percepção do adolescente acerca da vivência da adolescência em contexto de acolhimento institucional na abordagem ecológica.

Objetivos Secundários:

Investigar a percepção dos adolescentes sobre a adolescência.

Averiguar a vivência do acolhimento institucional para o adolescente.

Identificar a rede de apoio do adolescente em contexto de acolhimento institucional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: o risco possível será mobilizar sentimentos. O adolescente que desencadear alguma crise

ou desconforto será encaminhado ao profissional psicólogo, o qual faz parte da rede de profissionais da instituição.
Benefícios: acredita-se que a escuta e o diálogo serão momentos de troca de experiência entre os participantes e a pesquisadora.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
A presente pesquisa contribuirá para o conhecimento de novos conceitos sobre a adolescência em um serviço de acolhimento institucional na perspectiva ecológica. Torna-se relevante visto que em uma instituição de acolhimento é necessário acolher, cuidar dos adolescentes, proporcionado aos mesmos melhor compreensão do processo de adolescer. Está de acordo com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos preconizada pela Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Folha de Rosto: adequada
Carta de Anuência: adequada
Cronograma: adequado
TCLE: adequado
Termo de Assentimento: adequado

Recomendações:
Recomenda-se devolução dos resultados no serviço onde os dados foram coletados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Nenhuma.

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PELOTAS, 18 de Agosto de 2014

Assinado por:
Marilu Correa Soares
(Coordenador)

Endereço: Gomes Carneiro nº 01
Bairro: Centro **CEP:** 96.010-610
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3221-1522 **E-mail:** cepfeo@ufpel.edu.br